

*Maria José Arthur
Margarita Mejia
(Organizadoras)*

Reconstruindo vidas: estratégias de mulheres sobreviventes de violência doméstica



**WLSA Moçambique
Maputo
2006**

FICHA TÉCNICA:

Título: Reconstruindo vidas: estratégias de mulheres sobreviventes de violência doméstica

Organizadoras: Maria José Arthur e Margarita Mejía

Editor: WLSA Moçambique

Desenho da capa: “Lua de Mel com açúcar”, Carmen Muianga, colaboração da artista

Composição gráfica: WLSA Moçambique

Revisão Linguística: Bertina Oliveira

Impressão: CIEDIMA, SARL

Tiragem: 1.000 exemplares

Nº de registo: 4792/RLINLD/2006

Maputo, 2006

A WLSA Moçambique é financiada pela Embaixada do Reino dos Países Baixos, OXFAM, HIVOS, DANIDA

Índice

| | Páginas |
|---|---------|
| Prefácio | 1 |
| Introdução: Falando de vidas e temas marginais ... | 5 |
| 1. Linda: Encontrei a minha força | 27 |
| 2. Gabriela: Aprendendo a buscar paz e tranquilidade | 79 |
| 3. Anabela: Preciso de aprender a sobreviver | 113 |
| 4. Júlia: Eu sinto que consegui limpar o caminho .. | 141 |

Prefácio

Estas palavras de mulheres sobreviventes de violência abalaram-me e tocaram-me profundamente. São também palavras semelhantes às que ouvi na minha terra, o Quebeque, no Canadá. Uma vez mais, se prova que a luta das mulheres pelos seus direitos fundamentais é universal.

Estas palavras são um acto de coragem, mas são também um acto político. Estas mulheres moçambicanas, a **Linda**, a **Gabriela**, a **Anabela** e a **Júlia**, que aceitaram testemunhar os seus horrores quotidianos, são pioneiras que traçam a via da esperança. Esperança para todas as mulheres, esperança porque é possível deixar uma relação violenta e retomar o controle das suas vidas. Como dizia há mais de trinta anos a feminista americana Kate Millet, o privado é político. Ao analisar as vidas privadas de homens e de mulheres podemos compreender melhor as relações de poder na sociedade em geral e as relações de dominação dos homens sobre as mulheres.

O poder **SOBRE** é o poder dominante, enquanto que o poder **DE** é o potencial que todos os seres humanos têm de se desenvolver e de escolher a sua vida e o seu destino. Este poder **DE** é frequentes vezes negado às mulheres. Os homens violentos não sabem mais dialogar, eles sabem comandar. A violência é utilizada para usurpar o fruto do trabalho produzido pelas mulheres, para reduzi-las a servidoras domésticas que se comanda a seu bel-prazer e também em escravas sexuais. As mulheres que buscam uma relação conjugal harmoniosa e que se esforçam ao máximo para conjugar compromissos e concessões a fim de acalmar os maridos e parar com a violência, enfrentam muitas

vezes dolorosos insucessos. Independentemente do que façam, a violência continua.

Estes quatro testemunhos mostram-nos como a família, mães, pais, irmãos, irmãs, cunhadas, amigos, são tolerantes demais face à violência doméstica e às mulheres continua-se a pedir que se sacrifiquem para “salvar” os seus casamentos e a honra da família. Algumas devem pagar o preço da sua “liberdade” – dever-se-á reduzir a liberdade ao direito a não ser agredida? – deixando para trás as suas próprias crianças. Júlia, uma sobrevivente que nos fala neste livro, teve que “escolher” entre ficar com as crianças ou então separar-se do seu cônjuge violento. Ela pagou a separação deixando as suas crianças, para ter paz. Dois pesos, duas medidas, o agressor sai a ganhar.

Os homens violentos não aceitam que as mulheres tenham um poder DE. Que elas tenham o direito de dizer não, de escolher como passar os seus dias, de negociar de igual para igual com os seus companheiros e os seus maridos. As quatro combatentes que nos falam neste livro demonstram claramente como os seus cônjuges inventaram calúnias, falsidades e acusações de toda a espécie para reduzi-las ao estado de incapazes e de indignas. Este comportamento é de uma injustiça flagrante e suscita revolta entre as mulheres violentadas, como aconteceria com qualquer pessoa sã de espírito. Os homens violentos tecem uma teia de aranha à volta das suas presas, teia que acaba por imobilizar a vítima se ela não foge a tempo. As mulheres que foram traumatizadas e imobilizadas pela violência sofrerão de sequelas psicológicas toda a vida. As mulheres violentadas que conseguiram sobreviver, pagaram caro a tolerância social contra a violação aberta dos seus direitos mais básicos, como o simples direito a ser respeitada e a não sofrer de violência. Aliás, não nos esqueçamos de que muitas mulheres não sobrevivem à violência e são selvaticamente assassinadas pelos seus cônjuges violentos. Não existem em Moçambique estatísticas de mulheres mortas pelos cônjuges ou por um membro da

família, mas as páginas dos jornais sensacionalistas reportam dezenas de casos por ano, o que seguramente é somente a ponta do iceberg.

Graças a organizações feministas um pouco por todo o mundo, e aqui em Moçambique graças à WLSA, o abuso de poder que é a violência doméstica está a ser denunciado e a tornar-se tema de debate público. O Fórum Mulher vem de concluir um ante-projecto de Lei contra a violência doméstica, projecto de lei progressista e necessária. Em Moçambique, assim como em outras partes do mundo, uma mudança de mentalidade está a ter lugar, mas o caminho e a luta serão longos. Para mudar as relações de dominação entre homens e mulheres devemos deixar de lado a herança do passado, que significa muitas vezes violência e opressão contra as mulheres e globalmente contra todas e todos considerados mais fracos ou inferiores. Enfim, é preciso mudar esta ordem social que traz privilégios e benefícios enormes aos dominantes.

Gostaria de terminar este prefácio com palavras de um homem, Daniel Welzer-Lang, um antropólogo francês que desde há muito estuda as relações entre homens e mulheres e os seus papéis no quotidiano: “A dominação dos homens não é uma tese feminista radical. É uma realidade social, um facto brutal. As violências que os homens utilizam para manter os seus privilégios também não são uma invenção. Mas os homens não nascem violentos, eles tornam-se violentos. A violência doméstica é uma gangrena social (e não uma tara individual) nascida desta dominação ainda legitimada, desta superioridade artificial dos homens sobre as mulheres. Devemo-nos perguntar se queremos viver de outra maneira. Tanto no que respeita às relações entre homens e mulheres como nas relações entre homens”¹.

¹ Daniel Welzer-Lang, citado por Ariane Emond, Les ponts d’Ariane, Ed. VLB, Québec, 1994, p. 83.

Sim, é possível viver doutra maneira. É o que ardentemente desejam Linda, Gabriela, Anabela e Júlia, presentes neste livro. Escutemo-las.

Sylvie Desautels,

feminista e solidária com a causa das mulheres moçambicanas, vivendo em Moçambique há 12 anos.

Maputo, Junho 2006.

INTRODUÇÃO

Falando de vidas e temas marginais

A violência contra as mulheres tem vindo a ser imposta como tema de debate público sobretudo pela acção combinada do movimento de mulheres ao nível nacional e internacional. Após a Conferência de Beijing, em 1995, e com a ratificação pelo governo dos principais instrumentos legais internacionais de defesa dos direitos humanos das mulheres, difícil se torna negar a sua existência, embora se desenvolvam uma série de argumentos visando esvaziar o seu sentido, isto é, se procure negar que se trata de uma forma de violência estrutural, ligada ao sistema patriarcal e à dominação masculina.

Este livro, com histórias de vida de mulheres sobreviventes de violência doméstica, é resultado de um projecto ligado à segunda fase da pesquisa sobre Violência Contra as Mulheres, desenvolvida pela WLSA Moçambique, entre 2004 e 2005². Não se trata de confirmar os resultados da pesquisa, mas de “humanizar” o rosto da violência, mostrando que as vítimas são mais do que agentes passivos que sofrem um “destino” contra o qual não se rebelam. Pelo contrário, pretende-se mostrar mulheres com sonhos e projectos concretos, que, mesmo quando impotentes, nunca deixam de resistir e de desenvolver estratégias de auto-preservação. É neste âmbito que o registo de biografias de mulheres e a construção das suas histórias de vida nos aparecem como um meio para ampliar a nossa compreensão sobre a maneira como se estruturam as relações sociais de género, as mudanças sociais e as formas pelas quais forças sociais mais vastas actuam no

² Ver: M. Mejia, C. Osório e M.J. Arthur, 2004, Não sofrer caladas. Violência contra mulheres e crianças: denúncia e gestão de conflitos, Maputo, WLSA Moçambique; M.J. Arthur e M. Mejia, 2006, Coragem e impunidade, Maputo, WLSA Moçambique (no prelo).

individual, modelando profundamente experiências subjectivas, revelando-se as múltiplas fontes de opressão e de privilégio na vida das mulheres. Portanto, a motivação para fazer este trabalho é claramente emancipatória, o que se reflecte no título do livro, “Reconstruindo vidas: estratégias de mulheres sobreviventes de violência doméstica”.

Temos consciência de que tanto o tema como os agentes cujas vozes apresentamos no livro são marginais ao que normalmente se encontra neste tipo de trabalho. Aliás, embora a situação varie bastante, até na academia o tema da violência contra as mulheres continua a não ter tanta “legitimidade” como outros objectos de estudo. E no espaço público, se bem que já falado discretamente, ainda se evita mencioná-lo “em demasia”. Quanto aos agentes, a nossa opção foi de dar destaque a vidas ordinárias, a mulheres sem visibilidade pública, que, embora vivendo em situações difíceis, tentam retomar o controle sobre as suas vidas. Trata-se de dar-lhes voz e de valorizar as suas experiências. Finalmente, ao fazer este exercício, estamos conscientes de estar a incentivar a lembrança e a difundir o que em geral se quer esquecido e escondido, desafiando o que normalmente ou culturalmente se estabelece como padrões da memória. Não queremos falar de actos heróicos nem de grandes feitos, mas simplesmente de mulheres que tentam sobreviver. Na verdade, as histórias de vida trazem consigo esta sedução enquanto testemunhos de mulheres que confiaram o propósito da sua existência e a sua dificuldade em simplesmente ser e estar.

Neste sentido, daremos destaque às formas de resistência e à multiplicidade de estratégias empregues para evitar a violência, para preservar a dignidade, para proteger os filhos, enfim, para recomeçar a vida. Não são “histórias de sucesso”, mas histórias de resistência. E da resistência que é possível, dadas as condições sociais, culturais e económicas de cada uma. Ou seja, com este trabalho pretende-se pegar na experiência social de algumas mulheres, não para captar a essência de uma identidade feminina, mas antes para revelar a relação dinâmica

entre as determinações e as margens de manobra, o que é vivido e o que é sentido.

1. Os contextos: a legitimidade social da violência doméstica

O contexto em que decorrem as histórias de vida que fazem parte deste livro é o da contemporaneidade e devem ser interpretadas e analisadas neste momento histórico específico, com os seus discursos políticos e sociais, as suas instituições familiares e as suas ideologias de género.

No que respeita à violência contra as mulheres e, mais especificamente a violência doméstica, esta goza de grande legitimidade social que lhe advém da ideologia familiar que concede ao homem chefe de família a prerrogativa do uso da força na resolução de conflitos conjugais e o direito de controle da sua esposa ou companheira, das suas actividades, do seu comportamento e da sua reprodução. Esta posição é reforçada ao nível local nos tribunais comunitários e em estruturas locais, pelos secretários do bairro e nas secções de assuntos sociais, que são as instâncias mais próximas a quem se recorre em caso de conflitos domésticos.

Quanto às instâncias do sistema de administração de justiça, apesar da lei que criminaliza todo o tipo de agressões físicas e psicológicas, com uma legislação avulsa que agrava as penas quando o agressor tem relações próximas com a vítima³, os conflitos domésticos têm tendência ainda a ser vistos, analisados e julgados como “casos sociais”. Os agentes que administram a justiça, desde o polícia ao magistrado,

³ Referimo-nos ao Código Penal ainda em vigor na data da publicação deste livro e da Lei nº 8/2002. Está em curso a revisão do Código Penal e a elaboração de uma proposta de lei contra a violência doméstica que devem dar entrada no Parlamento ainda este ano.

reflectem claramente uma ambiguidade de actuação que se situa entre o imperativo legal e as ideologias sociais sobre a violência contra as mulheres, a família e as hierarquias de género. Os resultados desta situação são que somente uma proporção muito pequena das queixas de vítimas de violência doméstica que dão entrada nas esquadras de polícia são encaminhadas para as instâncias seguintes, como a PIC ou a procuradoria (Mejia et al., 2004). Os maridos ou parceiros agressores penalizados representam uma ínfima proporção.

A criação, nas esquadras, dos Gabinetes de Atendimento a Mulheres e Crianças vítimas de violência, veio a melhorar sensivelmente a recepção e o encaminhamento de queixas de violência doméstica. No entanto, constrangimentos vários que enfrentam não permitem desenvolver condições mais eficazes, nem sequer garantir a aplicação da lei ou a cessação da violência numa relação, que é o que normalmente esperam as mulheres que reúnem coragem para denunciar os seus agressores.

Os serviços de Medicina Legal, que nestes casos deveriam fornecer as evidências clínicas das agressões, funcionam com muitas deficiências. Muitos casos criminais são simplesmente encerrados por falta de provas.

O perfil das vítimas de violência (Arthur e Mejia, 2005) mostra que as mulheres que denunciam apresentam como motivo central para a queixa o que para elas é socialmente aceitável. Nestas condições, as denúncias à polícia dizem respeito à falta de prestação de alimentos aos filhos menores, ao abandono de família e à violência extrema. Os “pequenos” episódios de violência quotidiana não são sequer pensados como crime, vêm a ser detectados aquando da deposição das vítimas.

As mulheres que denunciam devem também enfrentar uma grande hostilidade por parte dos familiares do seu marido ou companheiro, que

vêm na sua atitude um atentado à ordem familiar e à autoridade e dignidade do seu parente. Esta hostilidade pode traduzir-se em ameaças e agressões físicas, em isolamento ou no impedimento de acesso aos recursos. Da parte dos agressores, quase sempre se verifica uma escalada de violência, que se sentem ultrajados com a intervenção policial no que consideram ser um assunto privado e justificam o seu comportamento fazendo recurso aos papéis socialmente atribuídos a mulheres e a homens e às “responsabilidades masculinas” na família. Os seus discursos reflectem a ordem social dominante e constituem uma importante fonte para se entender a maneira como é percebida e gerida a violência doméstica ao nível do país.

As vítimas também não recebem apoio nem para tratamento psicológico, nem para encontrar refúgio, mesmo em casos em que a sua integridade física e a dos seus filhos esteja em causa. Os serviços de assistência social não têm nenhuma capacidade de resposta para estes casos.

Só a partir de 2004 é que se começam a fazer esforços para registar os dados referentes às queixas de crimes de violência doméstica que dão entrada nas esquadras de polícia, se bem que se saiba que o número de mulheres que denuncia a violência representa apenas uma parte ínfima do conjunto das que vivem em relações violentas.

No trabalho de reconstrução de trajectórias de vida, é fundamental ter em conta estes contextos que, do ponto de vista do sujeito, são quadros de referência que lhes permitem entender o mundo, localizar-se a si próprios e dar sentido às suas vidas. Do ponto de vista do leitor, são vitais para interpretar as formas pelas quais os indivíduos se situam nas relações e estruturas que constituem os seus mundos. Neste sentido, “o contexto não é um guião, mas um processo dinâmico através do qual o indivíduo configura e é configurado pelo ambiente” (Personal Narratives Group, 1989: 19), através de várias redes e meios de

pertença actuais e passados. Tomar em consideração a complexidade dos contextos permite revelar como são múltiplas as experiências e as expectativas nas vidas das mulheres.

Na medida em que cada indivíduo é representante da sua própria cultura e do seu tempo, os comportamentos, as escolhas e as estratégias devem ser vistas sempre na mediação entre o sujeito e o seu contexto social (Galán, 1996). Ou seja, estamos a falar do *habitus*, as disposições do sujeito para actuar, perceber e pensar. A tentativa de compreensão das vidas relatadas é importante para conhecer o social e o político e identificar o “horizonte de significação” (Carvalho, 2003) das narrativas, que dá sentido ao “interjogo” entre a privacidade de um agente e o espaço sócio-histórico da sua existência. Embora o agente tenha sempre a possibilidade de fazer escolhas, o leque das que lhe são acessíveis tem que ser visto em função do tempo e do espaço.

2. Algumas considerações sobre o processo de construção de histórias de vida

O termo “história de vida” é ambíguo e sugere várias possibilidades: pode designar autobiografias, biografias, memórias, confissões ou apologias. É aplicável a qualquer tipo de documento pessoal que acumule informação sobre a vida que é objecto de estudo. Quanto a nós, no âmbito deste trabalho, entendemos de forma restrita o termo “história de vida” quando é utilizado para se referir à narração da vida de uma pessoa realizada por ela mesma, diferenciando-se da autobiografia em dois aspectos: a sua construção e a iniciativa. No que concerne à construção e tal como salienta Galán (1996), a “história de vida” constrói-se sobre o próprio relato do interessado, partindo a iniciativa de outro indivíduo, normalmente do investigador, sendo por isso necessária a presença de um cientista social que solicite a narração do relato ao autor que, de outro modo, não teria nunca falado ou escrito

sobre as suas memórias. Portanto, o que se faz são entrevistas autobiográficas, porque a história de vida é uma montagem do investigador. Assim, consideramos que a história de vida “é um relato autobiográfico, obtido pelo investigador mediante entrevistas sucessivas nas quais o objectivo é mostrar o testemunho subjectivo de uma pessoa, em que se recolhem tanto os acontecimentos como a avaliação que ela faz da sua própria existência” (Pujadas, 1992, citado por Garrido e Olmos, 1998⁴). Não procurámos, pois, escrever biografias, caso em que as investigadoras, a partir de um ponto de vista exterior, interpretariam a experiência do sujeito com base nos seus depoimentos pessoais e em evidências colectadas em fontes documentais ou junto a outros indivíduos próximos. Ou seja, tivemos de decidir se trabalharíamos a uma única voz ou se procuraríamos outros sujeitos próximos de modo a formar reconstituir o contexto e a cruzar as informações. Rapidamente descartamos esta possibilidade pois, tendo em conta os nossos objectivos, não interessava verdadeiramente conferir a veracidade dos factos, mas antes a maneira como eles foram/são sentidos pelo sujeito. Por isso, não retiramos conclusões, mas convidamos as/os leitoras/es a fazer os seus próprios juízos e sobretudo a constatarem como são vários os caminhos que os agentes sociais encontram para retomarem o controle das suas vidas ou pelo menos evitar desgastes maiores.

Assim, as histórias de vida que apresentamos neste livro tentam ilustrar a perspectiva das autoras/narradoras de modo a, na medida do possível, remeter à/ao leitora/leitor o trabalho de reinterpretar o que é contado. Evidentemente, a interferência das entrevistadoras não pode ser evitada, razão pela qual mais adiante discutimos em pormenor o processo utilizado na recolha e construção das narrativas. Foi dentro desta

⁴ Joan Pujadas Muñoz, 1992, *El método biográfico: el uso de las historias de vida en las ciencias sociales*. Madrid, CIS.

perspectiva que trabalhamos e a partir da qual gostaríamos de tecer algumas considerações prévias.

Concentremo-nos antes de mais nas narradoras, em torno das quais nasceu a ideia deste projecto. Alguns autores têm chamado à atenção para o facto de que no trabalho de interpretação e construção das histórias de vida é importante ter em atenção o que tem sido chamado de “ideologia autobiográfica”, quando o narrador, por vezes inconscientemente, reordena a sua própria existência e restitui o filme da sua vida com as sequências reordenadas (Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut, 1983: 43). Alertam ainda para o facto de que esta reconstrução da realidade é particularmente falsa e artificial, pois normalmente se eliminam as passagens mais desagradáveis, privilegiando os factores de coerência, a “unidade da vida” em detrimento da a-coerência da diversidade, das eventuais contradições. Tendo em conta os nossos objectivos, é a própria reconstrução que nos interessa, que nos revela as prioridades e as interpretações do passado, que dependem de uma concertação de factores, entre outros, a distância em relação aos factos narrados, a situação presente e o contexto em que a história é narrada. Nesta reconstrução subjectiva da experiência (como objecto de estudo) não perdemos de vista que ela é uma construção que revela a sociedade e a cultura que a produziu e que, através dela, se reproduz. Aqui está subjacente a ideia de que a experiência de si e de individualização é também o resultado de um processo social. Para além de que “não há significado fixo no passado” (Carvalho, 2003), o que é válido para todos os sujeitos envolvidos em actividades de reconstrução da memória. No nosso caso, é especialmente significativa a maneira como se decide apresentar o passado. Por exemplo, a escolha dos agentes sobre onde iniciar a narrativa autobiográfica é já revelador da interpretação que cada um faz do seu passado e, como veremos adiante, os relatos que apresentamos neste livro procuraram preservar a ordem de exposição das autoras.

Relacionado com este aspecto, outra questão que é frequentemente colocada é como averiguar a verdade na fala dos entrevistados. Nesta ordem de ideias, para o colectivo Personal Narratives Group (1989: 201-203), a questão essencial é saber “de que verdade falamos quando falamos em verdade”? Isto é, afirmam a recusa em falar numa verdade ou “na” verdade, e consideram que as abordagens reducionistas levam a determinar a “verdade” somente em termos da exactidão factual, da representatividade das circunstâncias sociais ou da fiabilidade da memória do sujeito quando testado com fontes “objectivas”. Pelo contrário, defendem a verdade como um conceito que deve ser tratado no plural, para dar conta da multiplicidade de maneiras pelas quais as histórias de vida reflectem a consciência da experiência e do meio social do próprio agente, criando assim uma realidade essencial própria. Consideram que quando falam das suas vidas as pessoas, por vezes, adulteram alguns factos, esquecem-se de certas passagens, exageram ou tornam-se confusas. Mesmo assim, estão a revelar verdades, embora não passíveis de confirmação factual ou por outras evidências, mas podendo ser entendidas, tomando em atenção os contextos e as visões do mundo que estão na base da sua criação. Por isso, em vez de rotular uma história como falsa ou verdadeira, defendem a necessidade de procurar entender porque é que o narrador a conta dessa maneira e não de outra. Apreender a verdade no plural significa, assim, dar ênfase ao particular e negar as generalizações: a generalização “da” verdade serve como um mecanismo de controle, controle da informação, controle das irregularidades da experiência humana, controle do que é o conhecimento.

Subscrevendo esta abordagem no âmbito do nosso projecto, procurámos que a experiência das narradoras, que constitui “a fonte e a possibilidade da narrativa” (Carvalho, 2003), estivesse em destaque. O sujeito que narra deve ser o autor e o intérprete do significado, é a ele que cabe rever e recriar o vivido.

Um terceiro aspecto que deve ser tomado em conta, diz respeito ao papel do entrevistador e, mais concretamente, à relação entre a pessoa entrevistada e a entrevistadora. Quando as narrativas autobiográficas não surgem por iniciativa do autor, significa que se deve contar sempre com a presença de um intermediário, que assume diversas funções, como incitador, coordenador e moderador. Esta tem sido chamada de “relação autobiográfica” (Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut, 1983: 40), para se referir à relação específica que se institui entre o locutor e o questionador, e que pode dar lugar a tomadas de posição muito diversas. Ou seja, a produção de narrativas pessoais é resultado de um momento e de um espaço em que interagem informador e investigador. Nestes casos, a grande preocupação é: “Que história é contada? Que voz é ouvida?” (Personal Narratives Group, 1989). Por outras palavras, como garantir que a interferência do entrevistador não adultere ou condicione a narrativa aos seus interesses ou às suas visões pessoais? Foi em plena consciência destes constrangimentos que tentamos evitar o mais possível o papel de “intérpretes”, procurando que as vozes das sobreviventes atingissem directamente o seu público. Evidentemente, não foi possível evitar a interferência, considerando todos os aspectos já mencionados, como a motivação para contar a sua vida, a presença no momento da narração e a interacção, a forma que tomavam os incentivos à palavra e, não menos importante, as opções que tomamos quanto à estruturação final da narrativa, como discutimos mais adiante.

Ainda no que concerne à relação entrevistadora e narradora, tem de se tomar em conta a relação de poder que se estabelece entre elas e as realidades e condições de desigualdade que afectam e necessariamente enquadram a maior parte do trabalho. Tal como é apontado pelo Personal Narratives Group (1989), as desigualdades mais óbvias dizem respeito a: ser letrada/iletrada; pobreza/segurança económica; Terceiro Mundo/Primeiro Mundo; experiência vivida/experiência como sujeito de pesquisa. Por isso, a consciência destas desigualdades é fundamental para tentar estabelecer uma relação mais ética e igualitária, em que se

substitua uma relação de exploração por outra de reciprocidade, e para pôr em evidência a maneira como o entrevistador condiciona a narrativa. Há uma “compreensão simpática” que supõe o conhecimento pela reciprocidade entre *eu e o outro*, de tal modo que a entrevista autobiográfica fica ligada à própria vida de quem dela toma conhecimento, passando pelo conhecimento do outro. Não existem abordagens objectivas em contraposição a abordagens subjectivas; a intermediação, o próprio acto de entrevistar, integra de imediato a experiência do sujeito a investigar.

A investigadora é, pois, uma participante activa, envolvida de várias maneiras na configuração de uma narrativa pessoal. B. Bozzoli (1985) sintetiza esta questão de maneira muito clara: “É a intimidade que se desenvolve entre o entrevistador e o sujeito que constitui o aspecto mais frutífero e criativo deste trabalho”. Em suma, investigadora e investigada, cada uma representante da sua cultura, são confrontadas na relação social que sustém a pesquisa.

3. A recolha de informação

No âmbito deste trabalho, a recolha das histórias de vida foi estruturada a partir do que Born (2001) chama de “regulação institucional”, nomeadamente, através da família ou do trabalho, que intervêm para estruturar uma trajectória de vida. Tendo em conta as hierarquias e desigualdades de género, a regulação é diferente consoante se trate de uma mulher ou de um homem. A regulação institucional permite esboçar uma “biografia normal”, que diz respeito ao “destino” previsível de um dado agente, numa locação social específica. O desafio será então de encontrar os “desvios” e as possibilidades de evasão relativamente a este modelo.

Assim, a primeira linha de estruturação das histórias de vida foram os ciclos de vida, nomeadamente: i) infância, ii) antes do casamento, iii) depois do casamento. Procurou-se entender como são sentidas e como se estruturam as relações de género em cada uma destas fases. Pretendia-se ver assim com as narrativas configuravam e expressavam a totalidade das suas vidas, as suas acções e contextos sociais; os significados atribuídos aos eventos importantes e que marcaram as suas trajectórias pessoais.

Uma segunda linha de estruturação foi o trabalho, abrangendo tanto o trabalho doméstico como o trabalho remunerado, em virtude deste último ser privilegiado como uma das esferas exclusivas de auto-realização, domínio que unifica os valores da pessoa ao trabalho. Pretendeu-se saber de que maneira a ocupação estruturou/foi estruturada em cada uma das fases de vida e influenciou a capacidade de tomada de decisão, o acesso aos recursos e as opções de vida.

Uma outra linha de estruturação foi a reprodução, na medida em que se procurou conhecer a maneira particular como a capacidade reprodutiva, o trabalho de reprodução e a organização familiar subsequente, modelam e conformam as relações de género na família e no casal.

Finalmente, quisemos enquadrar a(s) relação(ões) violenta(s) em que viveram as entrevistadas no contexto pessoal de cada uma.

3.1. Considerações sobre as entrevistadas

As quatro sobreviventes de quem apresentamos as histórias de vida foram seleccionadas com o apoio das nossas informantes-chave da pesquisa. Procurávamos mulheres que tivessem vivido em relações violentas e que estivessem, na altura, em vias de buscar novos rumos ou que tivessem definitivamente ultrapassado essa fase das suas vidas. Portanto, embora a nossa intenção fosse buscar mulheres anónimas,

nem sempre isso foi possível porque algumas das sugestões que recebemos diziam respeito a mulheres bastante conhecidas localmente. Em dois dos casos foram pessoas próximas da pesquisa que se ofereceram voluntariamente para dar o seu depoimento, seja porque achavam que as suas biografias podiam ter interesse, seja por necessidade de falar e deste modo exorcizar alguns dos piores momentos das suas vidas. Mais tarde, com o decorrer do trabalho, esta última hipótese pareceu-nos a mais provável.

Uma primeira preocupação, quando começámos as entrevistas, foi garantir que existia clareza em relação ao objectivo central, que era o de produzir um relato que pudesse servir de consolo e de inspiração a outras mulheres vítimas de violência doméstica, como forma de incentivá-las a denunciar os seus agressores, e de sensibilizar os que tomam decisões (“*decision makers*”) sobre o problema. No entanto, a motivação para nos contarem a sua vida resultou de um conjunto de factores, desde o orgulho por terem ultrapassado ou apenas sobrevivido a situações difíceis e de grande violência, ao desejo de mostrar a outras mulheres que se pode retomar a iniciativa na condução das suas vidas e até à necessidade de desabafar. As quatro sobreviventes entrevistadas vêm-se a si mesmas como oprimidas, o que transparece claramente nos relatos que nos fazem.

Um outro critério na escolha das informantes foi o de falarem português, para que, durante o processo, se evitasse mais um intermediário, construindo-se a relação exclusivamente a duas, entre entrevistada e entrevistadora.

Antes de mais, uma das preocupações prévias eram as questões éticas. Por um lado, como evitar o desgaste das sobreviventes e, por outro lado, como emancipá-las. Isto é, como fazer para que a experiência da realização das entrevistas autobiográficas constituísse uma forma de afirmação e consolidação da sua auto-estima, dando poder não de uma

maneira paternalista, mas pelo empoderamento. Pensou-se que a evocação de conflitos resolvidos e não resolvidos e a possibilidade de falar não só de factos mas de sentimentos e estados de espírito, poderia ajudar a preservar a sua identidade e a reforçar as suas opções. Para isso era importante garantir que a nossa relação com as informadoras fosse aberta, transparente e não hierárquica, fazendo saber que tinham a possibilidade de intervir no processo, desde o início até ao fim, na produção do relato final a ser publicado.

O compromisso principal do nosso acordo com as sobreviventes que aceitaram contar-nos a sua vida, foi o anonimato. Para o preservar, não somente alterámos os seus nomes como também o dos indivíduos que são referidos ao longo dos relatos. Esta preocupação ditou também a exclusão de certos episódios que, para serem entendidos, necessitavam de detalhes pessoais que poderiam conduzir à revelação das identidades que pretendemos preservar.

O processo de construção das histórias de vida foi longo e difícil. Longo, porque tivemos que seguir passo a passo, aproveitando as oportunidades proporcionadas pela pesquisa para nos encontrarmos com as entrevistadas. Começámos com entrevistas autobiográficas, em que procurámos simultaneamente respeitar as prioridades pessoais na sequência e nos temas abordados, ao mesmo tempo que tentávamos garantir que o relato fosse inteligível a outros ouvidos. A inteligibilidade aqui referia-se não somente a sequências de eventos, mas sobretudo às razões desta ou daquela escolha, aos motivos que determinaram certas opções de vida. Por esta razão é que as quatro histórias começam com diferentes enfoques, a partir de diversas fases da vida.

As entrevistas decorreram em locais protegidos, sem interferência de outras pessoas. E embora a nossa equipe de investigação seja composta por dois membros, o trabalho com as sobreviventes foi individual.

Os guiões para as entrevistas foram discutidos previamente com as autoras, deixando claro que a sequência e a ordem dos eventos dependia inteiramente de cada uma. Foi igualmente acordado que a nossa intervenção se deveria cingir a pedidos pontuais de esclarecimento e que, de maneira nenhuma, isso significava que fossem obrigadas a responder ao que preferissem calar. No final de cada entrevista fazia-se o balanço e preparava-se a fase seguinte. O tempo de trabalho com cada uma das sobreviventes variou entre 7 a 12 horas, divididas em várias entrevistas, para além de encontros e de troca de opiniões informais. As conversas foram todas gravadas, com excepção de passagens íntimas que as informantes acharam por bem revelar-nos para que entendêssemos melhor certos episódios, mas que, de comum acordo, se decidiu que não deveriam constar do relato final.

A fase seguinte deste processo foi a transcrição das cassetes, onde se respeitaram o vocabulário empregue, os estilos de conversação e a ênfase colocada em determinadas passagens.

Em seguida, o trabalho consistiu na construção de um relato único para o qual se seguiram alguns critérios. Em primeiro lugar, tal como nas entrevistas, a fala das sobreviventes deveria ser na primeira pessoa, fazendo-se desaparecer a figura da entrevistadora. Esta opção tem a vantagem de interferir minimamente com o texto, deixando a entrevistada a dirigir-se directamente a uma/um possível leitora ou leitor, embora já se tenha alertado para o facto do diálogo ter a vantagem de restituir a presença do investigador e mostrar a interacção (Caplan, data: 9-14).

O segundo critério, como vimos antes, foi o de eliminar passagens e episódios que revelassem de maneira óbvia a identidade das sobreviventes e das pessoas a quem elas se referiam. Em terceiro lugar, cortámos partes de entrevistas que eram repetidas não só uma mas

várias vezes, e que normalmente se referiam a episódios de violência mais traumáticos. O resultado final pretendia captar as fases essenciais de uma trajetória de vida, com destaque para a visão do mundo e as perspectivas de vida das sobreviventes.

Foi nesta fase que devolvemos o trabalho às autoras, de modo a comprovar que o relato a ser publicado estava de acordo com as suas expectativas. Havia então ainda a possibilidade de alterar o conteúdo, a ordem de exposição ou ainda acrescentar dados novos. Para além, evidentemente, de ser aceitável uma mudança de ideias e a autora decidir não publicar nada.

As últimas sessões de trabalho consistiram na leitura conjunta do relato já trabalhado, para rever conteúdos, estilos de linguagem e, em geral, colher impressões sobre o texto. Nos quatro casos a versão apresentada foi aprovada, com algumas alterações que serviram sobretudo para clarificar determinadas situações. Em dois casos foi acrescentado um post-scriptum, o que se justificava pelo intervalo de tempo que decorreu entre as primeiras entrevistas e esta etapa final.

Finalmente, como referimos mais atrás, o processo também foi difícil. Embora para nós estivesse sempre presente que a oportunidade de contar a sua vida seria importante para mulheres sobreviventes de violência doméstica, não poderíamos à partida imaginar que tanto elas como nós nos envolvêssemos tanto neste processo. Os risos e o orgulho no que nos era contado sucediam-se às lágrimas. Sobretudo em dois casos, ainda muito recentes, registaram-se momentos de grande comoção que nos levaram a interromper o trabalho por causa do receio de provocar dano. Embora as nossas entrevistadas se mostrassem dispostas a prosseguir, tínhamos que ao fazê-las lembrar os momentos difíceis que viveram estívéssemos a perturbar o já delicado equilíbrio que tinham conseguido nas suas vidas, a iniciar um processo de revitimização. Aliás, a possibilidade deste risco é colocada com

ênfase por investigadoras feministas que trabalharam neste domínio (Skinner, Hester & Malos, 2005).

Foi neste momento que nos decidimos a consultar uma médica psiquiatra, a quem expusemos o projecto, os métodos e as situações de interação, pedindo conselho sobre se deveríamos ou não prosseguir com o trabalho. As sugestões que recebemos decidiram-nos a prosseguir com as entrevistas, tendo o cuidado de constantemente nos assegurarmos que era do interesse das sobreviventes continuar com o trabalho. Por vezes recomeçávamos por iniciativa da própria autora, uma vez que havia como que uma espécie de compulsão em falar. Experiências semelhantes com pessoas sofrendo de trauma, mostraram que as narrativas autobiográficas podem constituir uma intervenção terapêutica (Smith & Watson, 2001: 21-23). Neste sentido, percebendo melhor que muitas das autoras contavam os seus problemas pela primeira vez, sempre que terminávamos as gravações continuávamos a conversa e incentivávamos os desabafos. Lembrou-nos a passagem de uma novela em que várias mulheres vítimas de violência se encontram umas com as outras: “Apresentamo-nos, conhecemo-nos. Esvaziamos umas nas outras a nossa dor, como água de uma taça para a outra e, de cada vez que eu contava a minha história, perdia uma gotinha de sofrimento”⁵.

Por fim, queremos salientar que este livro não será comercializado. Aliás, sendo a WLSA Moçambique uma editora sem propósitos comerciais, o modelo de distribuição será conforme ao que é usado para outros materiais produzidos pela organização, o que foi explicado às autoras.

⁵ Novela de Alice Sebold, “Desde mi cielo”, citada por María López Vigil, s/data.

3.2. A nossa motivação para fazer este trabalho

Embora a ideia de recolher histórias de vida de mulheres sobreviventes de violência doméstica tenha sido concebida desde o início, a nossa motivação pessoal foi sendo cada vez mais reforçada. Desde os finais do ano de 2004 e durante o ano de 2005, trabalhamos em três províncias do país entrevistando vítimas de violência, agressores, familiares de ambos, agentes de polícia e representantes de estruturas comunitárias que intervêm na resolução de conflitos domésticos. Ao longo deste período fomos confrontadas com situações de violência extrema, chegando em alguns casos ao femicídio, bem como com uma impunidade quase geral dos agressores, motivada por vários factores combinados, desde os valores e os sistemas ideológicos que legitimam esta forma de violência ao nível doméstico, até à inadequação da lei e do sistema de administração de justiça para criminalizar este tipo de delitos.

Por outro lado, no mesmo período participámos também no processo de elaboração de uma proposta de lei contra a violência doméstica, a ser submetida ao governo pelas organizações da sociedade civil. Este processo, em que se procurou envolver representantes de vários sectores do país foi extremamente frustrante, porque constatámos que até os/as agentes que deveriam ser mais sensíveis a esta forma de violência, se recusavam a reconhecer: i) a natureza estrutural da violência contra as mulheres; ii) que a violência doméstica ganha forma sobretudo como exercício de poder dos homens sobre as mulheres. Ficou claro que implicitamente se defendiam os contra-argumentos desenvolvidos pelas instituições patriarcais para evitar reconhecer que esta forma de violência constitui um atentado grave aos direitos humanos das mulheres, nomeadamente: que a violência em casa se exerce nos dois sentidos, dos homens sobre as mulheres e das mulheres sobre os homens, que aquilo que para umas mulheres constitui violência para outras não é mais do que uma manifestação de amor, que

quando um agressor se arrepende dos seus actos a sua culpa é menor e ele deve ser perdoado, que nos lares há limites para a intervenção pública, entre outros.

Havia, nestas posturas, não só um enorme desconhecimento do fenómeno da violência contra as mulheres na sua dimensão sociológica, como também uma desumanização das próprias vítimas. Ao passo que, para nós, a discussão se tornava quase pessoal, porque tínhamos bem presentes as faces das mulheres que encontrámos e entrevistámos e os seus desesperados pedidos de ajuda nas esquadras de polícia e em instâncias locais. Enquanto que se discutiam direitos, sistemas legais e limites da intervenção do Estado, elas pediam protecção e temiam pelas suas vidas.

Outra actividade que contribuiu para aumentar a tensão em que vivíamos foi a disseminação dos resultados que começámos assim que concluímos o trabalho na primeira província. A apresentação dos resultados parciais foi realizada a vários níveis, com as organizações parceiras da WLSA Moçambique, em centros de formação de pessoal de justiça e em universidades, e em outros fóruns mais especializados aonde foi solicitada a nossa intervenção. Esta experiência, sobretudo com os estudantes universitários e os estagiários do sistema de justiça, foi extremamente penosa. Conquanto esperássemos que se debatesse o nosso quadro teórico, as opções metodológicas e a pertinência dos resultados, a discussão baseou-se nas ideias feitas que os presentes tinham sobre as relações de género, sobre as posições das mulheres e dos homens, defendendo-se os lugares comuns relativos à violência doméstica, sob um fundo de grande hostilidade. Cada intervenção aparecia mais como uma batalha, onde se esgrimiam não argumentos teóricos, mas representações sociais sobre hierarquias de género e a violência contra as mulheres.

A dada altura, por efeito também da pesquisa sobre violência doméstica que decorria simultaneamente nos Gabinetes de Atendimento da Mulher e da Criança nas esquadras de polícia e nos bairros, percebemos como nós próprias estávamos a ficar afectadas pelos relatos que ouvíamos. Sentíamos-nos muito perturbadas e apresentávamos sintomas como agressividade e falta de sono. Com certeza que o resultado final do projecto reflecte, tanto no conteúdo como na forma, este estado de espírito e os nossos objectivos claramente emancipatórios.

Paramos por aqui, para dar a palavra à Linda, à Gabriela, à Anabela e à Júlia. São várias as origens, assim como as expectativas de vida e os percursos.

Maria José Arthur
Margarita Mejía

Referências:

- ARTHUR, Maria José; MEJIA, Margarita (2005).- Da agressão à denúncia: análise de percursos de mulheres.- In: Outras Vozes, 12.- pp. 1-7
- BORN, Cláudia (2001).- Género, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos.- In: Sociologias, 5.- pp. 240-265
- BOZZOLI, Belinda (1985).- Migrant women and south african social change: biographical approaches to social analysis.- In: African Studies, 44 (1). pp. 87-96
- CAPLAN, Pat (1997).- African Voices, African Lives: Personal Narratives from a Swahili Village, London and New York: Routledge.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura (2003).- Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica.- In: Horizontes Antropológicos, vol.9, nº 19. pp.283-302

- GALÁN, Juan Salvador López (1996).- El método biográfico en las obras del sociólogo Juan F. Marsal.- In: *Gazeta de Antropologia*, 12 (http://www.ugr.es/~pwlac/G12_12JuanSalvador_Lopez_Galan.html).
- GARRIDO, Ángeles Arjona; OLMOS, Juan Carlos Checa (1998).- Las historias de vida como método de acercamiento a la realidad social.- In: *Gazeta de Antropologia*, 14 (http://www.ugr.es/~pwlac/G14_10JuanCarlos_Checa-Angeles_Arjona.html).
- VIGIL, María López (2005).- Palabras de sobrevivientes.- In: *Revista Envío*, Nicaragua (<http://www.isis.cl/temas/vi/reflex34.doc>).
- MEJIA, M.; OSÓRIO, C.; ARTHUR, M.J. (2004).- Não sofrer caladas. Violência contra mulheres e crianças: denúncia e gestão de conflitos.- Maputo: WLSA Moçambique.
- PERSONAL NARRATIVES GROUP (ed.) (1989).- *Interpreting women's lives. Feminist theory and personal narratives*.- Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press.
- POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S.; RAYBAUT, P. (1983).- *Les récits de vie: théorie et pratique*.- Paris: P.U.F.
- SKINNER, Tina; HESTER, Marianne; MALOS, Ellen (2005).- *Methodology, feminism and gender violence*.- In: T. Skinner, M. Hester & E. Malos (ed.), *Researching gender violence. Feminist methodology in action*.- Cullompton: Willan Publishing. pp. 1-22
- SMITH, Sidonie; WATSON, Júlia (2001).- *Reading autobiography. A guide for interpreting life narratives*.- Minneapolis; London: University of Minnesota Press.

História de vida 1

LINDA: Encontrei a minha força

A Linda ofereceu-se para nos contar a sua história, quando soube que estávamos à procura de mulheres que tivessem vivido em relações violentas. Este trabalho foi feito discretamente, para que nem as colegas e muito menos o marido tomassem conhecimento. Para justificar as inúmeras horas que passou connosco durante o fim-de-semana, disse-lhe que tinha que acabar trabalhos urgentes. Dadas as circunstâncias, este foi um gesto de coragem, mais um apenas de entre tantos outros que teve que tomar na vida.

É impossível não sentir afecto por Linda, quando vemos a maneira afectuosa e gentil com que lida com todos e descobrimos a sua enorme força interior. Ficamos-lhe agradecidas por nos ter dado a oportunidade de realizar com ela este trabalho.

Na altura em que narrou a sua história a Linda tinha 45 anos, era casada e mãe de 3 filhos. Trabalha para sustentar a casa, porque o marido há muitos anos está desempregado.

O namoro e o casamento

Eu comecei a namorar com o meu marido aos 20 anos, 21 anos, foi simples, prontos, ele gostou, mostrou muito interesse, quis-me conhecer, foi ao meu serviço, aqueles contactos de juventude. Eu já tinha 21 anos porque acabava de ficar desmobilizada do Serviço militar obrigatório, eu fui cumprir o SMO aos 19 anos. Quando fui cumprir o SMO, é lógico que eu não tinha nenhuma experiência, aquele amor à primeira vista encantou-me, não é, e eu deixei-me levar e fiquei grávida. Fiquei grávida depois de quase dois meses, mas eu não tinha nenhuma experiência, eu era garota e com as outras minhas amigas eu geralmente pouco falava desse aspecto, as nossas conversas eram de filmes, estorinhas, passeios, praias. Essas coisas. Encontros familiares, piqueniques, mas prontos, o que eu pude fazer, ele tinha mais experiência que eu e fiquei grávida. Porque eu não sabia, nem soube como dizer, como explicar aos meus pais, porque eu não tinha aquela abertura talvez por ser primeira filha. Os meus pais controlavam e a minha mãe educou-me de uma forma totalmente diferente, onde ela teve sempre aquele cuidado de explicar que o primeiro homem que realmente desonra a rapariga é com esse homem que nos devíamos casar. Porque era assim, era assim que as pessoas deviam manter aquela personalidade, principalmente as mulheres. E só assim é que os casamentos iam à frente.

Eu recordo-me perfeitamente que quando fui à tropa, o que devia constituir grande preocupação para os meus pais era por eu ser uma menina. O meu pai ficou sempre preocupado e era daqueles pais muito exigentes, controlava, não nos deixava brincar de qualquer maneira, envolvemo-nos com qualquer pessoa, fomos criados debaixo daquele rigor, daquele controle. Então o que é que acontece? O meu marido é natural daqui, tem uma família também muito grande, ele já conhecia a nossa família, sabia que nós éramos muitos irmãos e antes de nós encontrarmos eu já o conhecia. Porque ele estava sempre na mira, não é, acompanhava, procurava certas conversas através de certas colegas minhas do serviço. Porque eu comecei a trabalhar muito cedo, tinha 17 anos, comecei a trabalhar, eu conversava com outras senhoras, eu ouvia pelas outras senhoras o nome dele, mas eu não ligava e nem o conhecia. Mas só havia aquele despertar de vista, não é, nós conhecíamos todas aqui na cidade depois então de ficar grávida eu procurei saber junto dele mas como foi aquilo.

Foi assim, eu começo a notar que as minhas calças já não me serviam, apertavam-me, mas eu não sabia. Era uma menina muito controlada. Depois, o ambiente em si, éramos praticamente meninas virgens, não é? Que não tínhamos assim muitos contactos com rapazes. Então fiquei realmente preocupada, depois de desonrar, eu até disse que queria casar. Eu recordo-me que chorei muito, estava desesperada, e tempos depois ele vai à casa dos meus pais, fez-se aquela pressão que tem que informar a família e tem que entrar em casa do meu pai. A família e tudo. Mas o meu pai não dava aquela possibilidade de aproximar-se e as pessoas de fora é que foram conversando com o meu pai, mas aos poucos e com aquele cuidado, não é? Então foram perguntando se o pai conhecia aquela família e o meu pai sempre rejeitava, rejeitava porque uma das irmãs do meu pai, por sinal a mais nova, tinha sido noiva do irmão do meu marido.

Eu não sabia de maneira nenhuma que o meu marido era irmão desse noivo da minha tia, que tivesse sido noivo da minha tia. Eu não sabia, eu estava muito à vontade. E quando eles insistem em apresentarem-se, o meu pai jurou que não os recebia. E às vezes o meu marido propositadamente retinha-me. Ele sabia que eu tinha um horário determinado, que até às 17H30 eu tinha que estar em casa, o meu pai nos controlava. Então o meu marido (na altura era namorado) fazia de propósito, em vez de levar naquela hora levava-me sempre mais tarde, às 19 e 30, às 20, 20 e 30 e aquilo era falta de educação, falta de princípios. O meu pai então batia-me, batia-me, batia-me, batia-me e então, no meio daquela violência toda, depois o meu pai começou a odiar-me e depois o meu pai bebia muito. A minha mãe não me batia, ela mostrava-se ao mesmo tempo carinhosa porque ela sempre dizia que eu estava a atravessar uma fase difícil, mas não sabia que estava já grávida.

O meu marido levava-me tarde para casa, sabendo que o meu pai ia bater-me. Ele levava-me propositadamente porque dizia muitas vezes que o meu pai tinha que saber que ele já existia. Era um confronto entre os dois e ele não se importava que eu apanhasse. Tanto mais que houve uma altura que eu já me estava a revoltar contra ele e eu dizia sempre: “olha, eu vou para casa e vou ser vítima disto e daquilo”. Ele queria era um confronto com o meu pai, tanto mais que depois surgiram confrontos. Eu, já casada, o meu marido só esperou realmente eu pôr alianças para poder confrontar-se.

Mas aquilo foi engraçado. O meu pai começou a bater-me e se ele certamente me tivesse contado a história, me tivesse feito ver que ele era de tal carácter, talvez eu mudasse. Porque na altura eu era daquelas meninas que gostava muito dos meus pais, eu obedecia a tudo o que os meus pais dissessem. Talvez as coisas fossem diferentes mas não aconteceu isso.

Eu estando a sofrer daquela maneira fui ganhando mais carinho, mais amparo da parte do meu marido. Na altura, quando namorado, meu pai batia-me com uma mangueira, daquelas mangueiras transparentes quase da espessura do dedo. Ele batia-me, marcava-me e depois permitia, mesmo eu sendo mais velha, permitia que os meus irmãos mais novos acompanhassem aquele espancamento todo. E para além disso já me desconsiderava, rebaixava-me em frente de todos os meus irmãos, éramos todos pequenos naquela altura, mas já percebiam que o meu pai fazia aquilo tudo. E quando o meu marido então viu que realmente a gravidez já estava a desenvolver porque as roupas já não me serviam e eu não tinha roupa adequada para acompanhar a gravidez, gostava de andar sempre de calças e as minhas calças já não me estavam a servir. O meu marido então pressiona o irmão para ir fazer o pedido. Eu creio que também foi um bocadinho de precipitação do meu marido, mas que fazer? Já que eu estava naquele estado? O meu pai concordou depois de ouvir o aconselhamento da minha mãe. Uma tia minha que é costureira, e era muito amiga da minha mãe, vai conversar com ela, mas não diz que eu estava grávida, simplesmente insiste que eles recebam a família do meu marido. A minha mãe então percebeu, informou ao meu pai e mais tarde leva-me ao hospital. Faço a consulta e a enfermeira recordou-me que eu tivesse muito descanso. Fui ficando em casa porque eu estava muito agitada e o meu pai começa novamente com a violência, o meu pai começa a maltratar-me sem limites depois da consulta. Nessa altura, a minha mãe adoptou o hábito de arranjar-me batinhas: “tens que mudar de roupa, não podes andar assim”. O meu pai começa a bater-me, eu já de 8 meses. Não sei porque é que o meu pai fazia aquilo.

Antes do casamento houve uma vez que o meu pai.... Eu estava com dores, e o meu pai ralhava muito comigo, gritava muito comigo e eu até já tinha medo dele. Eu procurava fugir à hora das refeições e procurava não estar na mesa, estava sempre no quarto. Deixava que eles almoçassem para depois eu ir ou então antes deles irem para a mesa eu

tentava sair com qualquer coisinha. Eu estava a trabalhar e tinha sempre aquela coisa de ir almoçar a casa para poder regressar às 14 horas. Um dia eu venho do serviço e venho com dores. Eu passei muito mal. Então decidi sair do serviço, chego a casa mais cedo, eu não sei como, só sei que entrei para o quarto. E eu nem sabia que eu ia ter aquelas dores, mas o que é verdade é que a enfermeira no hospital disse que eu tivesse muita calma por aqueles dias. O meu pai chegou, chegou, ralhou, ralhou comigo, humilhou-me de tal maneira e rebaixou-me que comecei a chorar. Então o meu pai diz para a minha mãe: “e agora já está preparada? Vamos embora. E dizer essas meninas que ninguém fica nesta casa, vamos todos, ela é que vai ficar sozinha”. Então o meu pai leva a minha mãe, os meus irmãos, todos vão embora. Foram para um sítio sem importância, não iam fazer nada. Porquê? Porque o meu pai tinha-me violentado de tal maneira e eu já tinha começado com dores e ele sabia. Ele sabia e deixou-me sozinha dentro do meu quarto. Eu, com dores, vejo a minha mãe. Eu recordo que até a minha mãe dizia: “mas vamos deixar a ela?”. “É, vamos embora”, era o meu pai a dizer. E eles foram, eu comecei com dores. Era a primeira gravidez e eu não tinha conhecimentos. Dores, dores, dores, eu chorava com dores, às tantas eu acalmei. Eu não sei mas penso que só foi deus que me ajudou naquele momento. Eu acalmei-me, encolhi-me toda, deitei-me, transpirei, não podia andar, não podia fazer nada. Fiquei deitada e quando eles regressam, eram já quase 23 horas. Quando eles entram, a primeira preocupação da minha mãe e das minhas irmãs foi correrem, e abrirem a porta do quarto. A minha mãe diz: “ela está bem?” Ela vem, olhou para mim e não disse nada. O meu pai chegou, espreitou, foi para o quarto.

Então tudo o que eles fizeram foi o suficiente para eu começar a ter mais inclinação para o meu marido, a ver o meu marido como única alternativa para me tirar do sofrimento. Porque eu já não tinha formas, eu estava a sofrer muito e quem amparava-me muitas vezes era essa minha tia que era costureira. Ela dizia para mim: “tu tens que ser

mulher, tens que ter coragem, isso tudo vai passar, isso tudo vai passar”. Eu dizia: “fizeram-me isto, isto e aquilo”, e a minha tia: “eu sei, tens que ter calma”...

O meu pai sabia que eu poderia ter morrido. Eu penso que ele criou aquela situação porque ele sentia-se a perder se eu me casasse com o meu marido. Então criou propositadamente aquela situação para dizer que nem ele, nem o meu marido iriam ganhar. Eu penso que foi isso.

Foi uma série de conflitos que contribuíram de certa forma para eu ir para o lar já manchada, porque já tinha más relações com a minha família. E também foram possibilidades que os meus pais criaram para que o meu marido pudesse fazer e desfazer. Porque não gostavam dele e depois tudo aquilo que eles criaram, todos aqueles conflitos, todas aquelas más relações familiares, não é?, todo aquele desprezo, eles estavam de uma certa forma a preparar o caminho para que o meu casamento ficasse dissolvido. Tanto mais que o meu pai disse: “eu não te dou um ano naquele lar”. O meu pai determinou: “eu não te dou um ano, tu hás-de vir, hás-de voltar para a minha casa antes dos 12 meses, eu não te dou um ano”. O meu marido veio-me dizer também certas coisas: “ah, há pessoas que dizem que o teu pai diz isto, mais aquilo, mais aquilo”. Eu: “não, não é verdade, as pessoas é que estão a querer encher, tu não podes ligar. Eu também estou a ser vítima de muita humilhação, de maus-tratos, as pessoas querem-nos ver mal, temos que diminuir isso de ouvir das pessoas”.

Uma das coisas que o meu pai me disse nesta altura era que o facto dele não ter os mesmos estudos poderia vir a ser um motivo de conflito: “Olha lá, tu vais-te casar, mas tu estás a ver que o teu futuro marido não tem o mesmo nível, então isso pode provocar nele certos ressentimentos. Porque quando tu disseres alguma coisa ele vai sempre contrariar, não vai aceitar”.

Eu não observava as coisas nesses modos, porque eu pensava que o casamento, para além de ser uma união e ser do nosso gosto, o marido certamente ouviria a mulher e nunca haveria de tomar certas decisões sem o consentimento e o conhecimento dela. Então o meu sonho era, apesar de ter um homem com menos habilitações que eu, casar, podermos realmente relacionarmo-nos, termos os nossos filhos. Embora eu soubesse que ele não podia ter o emprego que todas as mulheres sonham, mas eu via nele certas atitudes que na altura me pareciam carinhosas.

O meu pai também era violento para a minha mãe

O meu pai batia na minha mãe. Batia, eu assisti muitas vezes. Batia e parou de bater na minha mãe quando ela já ia para os seus 56 anos, porque ela agora tem 60 e tal. Então eu tive até que revoltar-me contra ele. Porque eu não estava em casa, eu soube no serviço que ele bateu na minha mãe, deu-lhe uma bofetada. A minha mãe pôs-se aos gritos e depois o meu irmão que ainda tinha uma idade em que não podia fazer nada, correu e veio-me dizer: “olha, papá deu uma bofetada à mamã, a mamã caiu mal”. Eu não tive nada a fazer senão pedir uma dispensa naquele momento e ir a casa acudir a minha mãe. Ele bateu na minha mãe, depois vestiu-se e tal, arrumou-se e foi-se embora, não quis saber mais nada. Então eu revoltei-me contra ele, a minha irmã também revolta-se, o meu irmão que está fora, vive noutra cidade revolta-se, a outra minha irmã, todos telefonaram a ralharem-lhe, eu recordo-me até que as minhas irmãs que estão fora da cidade vieram todas...

O meu pai é extremamente violento só que agora com a idade que ele tem já não está a ter tanta força, tanta força como tinha antes. Eu até recordo-me que a minha mãe chegava a ser espancada até sangrar pelas narinas e naqueles tempos o meu pai tinha autorização do governo de andar com pistola. Uma vez a minha mãe contou-me, eu já era mais

crescidinha, que ela ficou cheia de coágulos de sangue porque bateu-lhe com pistola. Ele usou a pistola, batia, batia muito, a minha mãe criou-nos debaixo de muito sofrimento, muito mesmo!

A minha mãe não tinha meios de demonstrar solidariedade para comigo porque tudo o que ele dissesse ela tinha que cumprir. A minha mãe não tinha o direito de opinião dentro de casa, a minha mãe não tinha opinião! A minha mãe foi muito maltratada e ela deixou de trabalhar para nos criar, porque ela de profissão é professora. Ela diz que teve mesmo que deixar de trabalhar, por obrigação do meu pai. A minha mãe contou isso a mim e à minha irmã. Contou-nos muita coisa e eu também assisti a minha mãe a ser maltratada. A minha mãe até conta que ele tinha sempre qualquer coisa para poder bater. Inventava, imaginava só para poder bater. Ele criava sempre pretextos.

Os amigos dele pouco sabiam do que se passava porque a nossa casa era muito pouco visitada. Praticamente crescemos entre nós. Mesmo para as festas familiares pouco participamos, eu recordo-me que as minhas primas tinham sempre aquela tendência de ir para casa: “hoje há uma festinha”. As minhas tias: “hoje há um encontro, não deixe de mandar os miúdos”. Minha mãe: “não, daqui ninguém sai, ninguém sai porque o pai não deixa, aqui os princípios são outros”. Mas o meu pai era do partido, mas eu creio que não era por estar no partido que realmente fazia aquilo. Não era, não senhor, é de natureza. É de natureza porque a minha mãe foi sempre violentada. É verdade que o partido também influenciou, pode ter influenciado mas, no entanto, o que é verdade, eu recordo-me perfeitamente, é que nós crescemos sem os vizinhos entrarem na nossa casa! Então nós a partir daí já podemos ver que não havia um vizinho que viesse para casa, não havia uma amiga que viesse a casa. A minha mãe não tinha amigas, ninguém visitava a minha mãe. Se houvesse alguém da família que saísse da terra depois de 10, 12, 13 anos e viesse para cá, tinha que procurar no serviço dele e depois é que ele trazia a casa, porque só tinham o

contacto dele do serviço. Eu também recorde-me a minha mãe sempre contava-me que quando a mãe dela viesse havia sempre uma briga. O meu pai sempre criava uma briga e batia na minha mãe em frente da minha avó e para a minha avó era o fim do mundo. Era a maneira que ele tinha de afrontá-la. Ele não gostava das visitas porque a minha mãe, quando chegasse a minha avó, tinha que contar-lhe todas aquelas coisas que ela passou. Então a minha avó tinha também sempre aquela tendência de confrontar, exigir, chamar-lhe à atenção e ele não gostava. E daí que na mesa mesmo batia na minha mãe, aquilo terminava sempre mal. Batia e a minha mãe acordava toda marcada, manchada. A minha avó logo a seguir tinha que arrumar as coisas e ralhava muito com a minha mãe: “vamos embora, arruma as tuas coisas para voltarmos, deixa-o com os filhos”.

Nós chorávamos por tudo aquilo que tínhamos que assistir, tínhamos que passar aqueles momentos a assistir. Pôs a minha avó revoltada e ela dizia que não voltava, nunca mais havia de ver-nos, mas ela anualmente vinha. Mas tornou-se difícil quando foi já da guerra, já era muito difícil. Apesar disso ela conseguiu vir, houve um ano que ela veio, veio de autocarro e não avisou nem por carta. Porque ela tinha um hábito de mandar carta mas daquela vez ela não avisou, chegou eram 19 horas. Nós ficamos satisfeitiíssimos, para a minha mãe aquilo foi o fim do mundo depois de muito tempo sem ver a mãe. Aquilo foi o fim do mundo, a minha mãe não conseguia dormir naquele dia, o meu pai também ficou muito satisfeito, mas depois existiu sempre aquela briga.

É verdade, a minha mãe foi sempre violentada. Ela às vezes dizia para mim, depois de eu estar casada: “Linda, tu tens a minha sorte e se realmente tu não fores mulher não vais ficar no lar. Estás a passar por fases mais difíceis que a minha”.

O casamento

O meu filho nasceu, portanto, logo depois do casamento. E iniciou novamente o sofrimento, já da parte do meu marido. Foi logo a seguir! Quando o sofrimento iniciou, a primeira vez que o meu marido me bateu, ainda o bebé não tinha 30 dias.

Antes do namoro tinha havido alguns episódios de violência mas sem agressão física, que tinham a ver com dúvidas sobre a paternidade do bebé e exigências de que devia deixar de trabalhar após o casamento.

Depois do parto eu quis ficar mais alguns dias em casa dos meus pais e ele então já não estava a ver bem a possibilidade de eu ficar em casa dos meus pais. Não era por querer sexo, de princípio ele queria sexo, mas era para distanciar-me da minha família para iniciar a violência. Ele acompanhou aquele trajecto todo, aquele desentendimento, aquilo tudo que o meu pai me fez, então agora tinha chegado a vez de ser ele a fazer ver ao meu pai que realmente ele já me tinha nas mãos e que iria pagar por tudo aquilo que tinha acontecido. E ele exige: “vamos, vamos para casa”. Antes de tirar-me de casa ele foi beber, foi beber para ter aquela coragem de enfrentar o meu pai, chegou ali e de maus modos: “arrumas as coisas, ainda não arrumaste? Eu quando passei por aqui, determinei que arrumasses as coisas porque vinha-te buscar. Arruma as coisas imediatamente para irmos embora”.

E a minha mãe revoltou-se: “vais tirar a pobre rapariga agora de casa? Deixa-lhe mais alguns dias”.

“Não, eu não posso admitir, não posso admitir que a minha mulher fique aqui, se ela realmente é minha mulher ela não vai ficar aqui. Ela vai agora”.

O meu pai: “então tu vais tirar a Linda de casa, tu não estás a ver que ela ainda está em estado de parto, está a descansar?”

“Não, não, não”. Começou a mostrar violência, o meu pai ficou revoltado por causa daquela atitude. Ele estava ao lado do meu pai e então, de maus modos, arranca o bebé e o meu pai ficou ainda mais revoltado. Eu lembro-me que o meu marido até disse: “a minha mulher já não põe mais os pés aqui nesta casa”. O meu pai simplesmente repreendeu-lhe severamente e no meio daquele confronto todo ainda revoltou-se: “eu não disse que isto não era o casamento ideal? Vês em que mãos agora tu estás, é o que eu te estou a dizer mais uma vez, não te dou um ano”.

Entrei para o carro e eu estava desiludida comigo própria, eu estava revoltada com os maus-tratos que o meu pai me tinha dado porque se certamente ele tivesse sido um pai mais carinhoso, eu não havia de aceitar o meu marido. Se ele tivesse conversado, tivesse aconselhado, tivesse tido outras formas... E ao mesmo tempo eu já sentia dentro de mim uma revolta contra o meu marido por causa da forma como estava a tratar-me e estava a demonstrar perante pessoas que eram os meus pais que não queriam que aquele casamento se realizasse, que eles tinham razão. E o meu pai ainda disse: “filha, ainda tens que passar por muitas. Vai, mas tens que passar por muitas”. Fui para casa naquela noite, eu recordo-me que até a vizinhança da minha mãe saiu para ver.

A violência começou muito cedo e continuou durante anos

O primeiro episódio de violência aconteceu depois de uma festinha lá em casa, para apresentar o bebé aos amigos e familiares do meu marido. Depois de quase todos se terem ido embora, eu faço um sinal para o meu marido porque já eram quase 3 horas e tal, fiz um sinal para

lhe dizer que era tarde. Eu fiz aquilo porque eu estava um bocado cansada, estava a me esforçar só à espera do último convidado e ele ainda estava a beber. Eu achei que já era muito tarde, era hora já do descanso e por sinal também notei que esse último convidado já não estava a beber assim tanto. Mas o meu marido é que estava a beber em excesso e prontos, em frente desse convidado ele violenta-me e diz: “olha lá, quem manda nesta casa sou eu e eu não admito que tu digas que é tarde porque nós estamos a beber e agora vais ficar aí sentadinha à espera que nós terminemos”. Mas aquela expressão foi tão violenta que esse senhor vizinho diz logo para ele: “calma, calma, tens que ter calma, não é? Não podes explodir dessa maneira!”. Ele: “não, eu estou a lhe educar, estou a lhe educar. Ela tem que saber que esta casa é minha”.

Quando aquele senhor saiu ele fecha a porta e chama-me para a sala e começa a intimidar-me: “tens que saber que esta casa é minha, quem manda nesta casa sou eu, se és mimosa acabaram os mimos na minha casa. Mulher mimosa na minha casa? Essa tua maneira de ser vai terminar”. Eu fiquei com medo, fiquei com medo mas não mostrei nada, prontos.

Depois dele fazer os trabalhos, os negócios dele, ficava a beber e quando chegasse a casa já eram 21, 22 horas. Comecei a querer-me inteirar da vida, não é, o que é que ele fazia realmente: “tanto tempo fora de casa, quando voltas estás embriagado, sempre voltas embriagado!”.

Ele só olhava nos primeiros dias quando eu comecei a perguntar. Ele só olhava para mim, não dizia nem um e nem dois. Então eu comecei a aperceber-me que o meu marido talvez tivesse companhia lá fora, porque as roupas dele quando regressasse cheiravam sempre a perfume, ora vinham marcadas de batom. Eu comecei a aperceber-me, mas o que é que eu podia dizer? Eu não dizia nada.

Então, certo dia, necessitámos de levar o bebé ao peso. Vou ao hospital para apanhar as primeiras vacinas e por coincidência um colega do trabalho vê-me ali no hospital e quando me vê com o bebé, corre para me vir dar os parabéns. Deu-me os parabéns, apertou a mão do meu marido e diz: “olha como ele é tão bonito, é tão parecido contigo, é muito parecido contigo”. E para o meu marido: “olha, tu desta vez saíste a perder, ele sai mais à mãe”. O que é que aquele senhor não foi dizer! O meu marido levou aquilo e interpretou de outra maneira, daí mostrou uma cara! Então depois do senhor retirar-se ele fez-me um sinal com o braço. As pessoas começaram a olhar para mim e ele saiu dali, não sei onde se meteu. Às tantas ele aparece, entrámos no carro, ele trazia uma garrafa de cerveja porque durante aquele tempo que tinha saído do hospital foi dar uma volta, foi beber, então aparece com a garrafa de cerveja e diz: “vamos embora”. Fiquei assustada mas entrei para o carro. Eu ainda pergunto-lhe: “mas tu deixas-me aqui sozinha? A bicha é tão grande, eu não conheço as pessoas”. Ele: “não estavas aí com o pai da criança?”. Fiquei sem jeito! Eu: “pai? Ele é um colega, uma pessoa que me viu crescer, eu saí da escola fui trabalhar para ali, conhece os meus pais”. “É por isso que o teu pai estava a impedir este casamento mas tu ainda vais-me explicar”. Saímos, chegamos a casa. Eu estava com medo.

O meu marido chega, abre a porta e diz para o empregado “sai lá. Sai lá um pouco, daqui a pouco eu vou-te chamar”. E quando eu entro vou pôr o bebé na alcofa e sento-me na cama. Estava cansada com aquelas dores, sento-me na cama e ele vem e diz: “este filho é meu? Eu não mandei-te parar de trabalhar?” Espanca-me logo. Ele: “estás a chorar? Estás a chorar na minha casa?” O menino estava a dormir, o meu filho estava a dormir, ele pega, ele pega tão mal o meu filho, ele foi pegar o menino pelas orelhas, o bebé pelas orelhas e deixar outra vez... (choros)

Ele fazia aquilo mas depois vinha pedir desculpas e mais desculpas. Mas se ele já me tinha rebaixado, tinha-me ridicularizado, não é?, tinha-me enxovalhado, tinha-me tirado o meu prestígio, a minha personalidade, a minha dignidade toda, para depois vir pedir desculpas? Eu aceitava, mas contrariada, porque eu não via como e porque é que estava a passar aquele tipo de situação. Eu não merecia aquele tratamento e isso magoava-me muito porque eu comecei a perder o meu corpo, perdi porque psicologicamente já não estava bem, mas tinha o trabalho como divertimento e para mim trabalhar era a melhor coisa que podia existir. Porque enquanto eu trabalhasse não tinha ninguém que me preocupasse e eu não me importava de ficar um dia, até eu às vezes preferia ir ao serviço nos sábados. Eu ficava com as chaves do escritório, pedia para vir mesmo que os chefes dissessem que eu não podia vir porque já era casada. Se fosse solteira e quisesse ir lá trabalhar era diferente, mas, como casada, não.

Ele nunca foi pessoa de dizer vou ao sítio x até à hora x estou em casa. Eu quando perguntasse já era problema porque eu sempre insisti em querer saber para onde é que ele ia, com quem ia, o que é que fazia, porque sai de manhã e só voltava ao anoitecer e quando regressasse geralmente estava embriagado.

Havia outras mulheres. Envolviam-se lá, depois voltava a casa e quando voltasse a casa era sempre aquela pergunta: “quem esteve aqui?” Está a abrir a porta, entrou até chegar ao quarto: “quem esteve aqui?” Mas com aquela voz, aquela autoridade, aquele abuso de poder por ser a casa dele. Por ser a casa dele acordava-me repentinamente, eu no meio do sono, acordava-me outras vezes porque eu nem estava a dormir, estava preocupada com o regresso dele. Então ouvia as chaves e ultimamente ele já não se dava ao luxo de querer abrir a porta, vinha tocar a campainha. Era para obrigar-me a levantar. Eu passei momentos difíceis.

Praticamente ele chegava a casa 1, 2, 3 horas da manhã e eu às 6, 5 tinha que estar de pé. Porque ainda no princípio eu apanhava sono, mas quando ele chegasse a casa era aquele reboição, toda aquela zaragata. Então, mais tarde, eu apanhava um pouquinho mais de sono, lá dormia até às 6, 6 e 15 estava eu a despertar. Porque tinha que preparar o meu filho, tinha que orientar o meu empregado e tinha que ir trabalhar. Houve tempos que consegui fazer isso, mas houve tempos que já não conseguia porque eu estava a entregar-me demasiadamente aos conflitos conjugais e também eu estava a entrar numa fase em que já não tinha sono, porque era perturbada. Já estava a adoecer, só que eu não sabia que estava a adoecer.

Então ele saía e voltava, quando ele chegasse a primeira coisa que exigia é a refeição. Então lavava as mãos e comia, às vezes eu já tinha comido e ele exigia que eu voltasse a comer. Houve uma fase da minha vida que ele exigia: “porque é que não comes?” Eu: “já comi”. “Faça favor, tem de comer, o que é que pôs aqui nesta comida?”. O meu marido chegava a dizer-me isso e isso dava mesmo cabo de mim, porque eu não era mulher para tal: “então puseste aqui drogas para a minha vida correr do jeito que está a correr?” Isso foi quando já perdeu um negócio bom que ele tinha. Então, de tanto culpar, de tanto insistir, eu chorava, chorava, chorava, e foi assim durante um tempo. Mas depois eu comecei a me revoltar, onde eu fui capaz de dizer: “olha, eu não sou culpada que tu tivesses a infelicidade de ficar sem negócio”. O meu marido, recorde-me, chegou de culpar aos meus pais da pouca sorte que ele estava a ter na vida. Para além de me culpar, culpava aos meus pais.

Eu já não tinha formas de suportar com aquela violência toda, maltratava-me de tal maneira que já batia-me perante o empregado, acusava-me de ser eu a promotora da desgraça dele, eu era acusada de tudo e mais alguma coisa. O meu marido não tinha confiança em mim para servir-se de uma refeição que realmente tivesse sido guardada por

mim, então quando eu comecei a notar aquilo eu preferi que fosse o empregado dele de solteiro a servir.

Outra coisa que piorou foi quando pedi para estudar. Muitas vezes eu pedi ao meu marido para me dar a possibilidade de eu estudar à noite, para melhorar a minha vida e melhorar a vida dele. Mas por ele ouvir demasiadamente a irmã e a família já não me deixou realmente ir à escola à noite. Porque eu recorde-me que uma vez estávamos todos e ele disse que eu estava com intenções de continuar a estudar à noite. E a minha cunhada não atrasou e disse: “ai é? Ela vai estudar? Olha, depois do curso vai-te dar com os pés, prepara-te porque vais levar com os pés. E depois não digas que eu não te avisei”. Eu quando ouvi aquilo fiquei sem acção nenhuma.

Ela disse assim mesmo: “Prepara-te para levar com os pés porque olha, eu garanto-te que essa mulher que tu tens não é bruta de todo”. Então o meu marido ficou ainda mais violentado por saber que estava com uma mulher que mais cedo ou tarde iria lhe dar com os pés e que já conhecia a vida dele. Então o meu marido começou a piorar na violência. O meu marido foi do género de chegar abrir a porta e ao abrir a porta sem mais nem porquê pegava-me pelo pescoço, levava-me para a sala e a primeira coisa era um par de estalos. E eu começava a chorar de madrugada: “mas porque é que estás a bater-me?” Não havia resposta ou então: “a tua família anda a falar mal de mim porque eu tenho a certeza que estou nesta situação por causa da tua família, por causa de ti”. Foi um ambiente difícil, eu não via forma e o meu filhinho era muito pequenino e custava-me muito. Mas o miúdo também já estava a passar por aquela violência toda porque ouvia-me chorar dentro de casa. Então o meu marido foi-me batendo até que, recorde-me, pedi aos serviços uma licença de alguns dias sem salário, porque eu estava a perder peso, estava a ficar doente porque andava contrariada.

A vizinhança e algumas vizinhas riam-se de mim, algumas riam e outras até eram de género, quando o meu marido saísse vinham a minha casa, tocavam a campainha, então: “bom dia, está boa?” “Estou muito bem”. Porque eu não relatava, não tinha coragem de contar, mas elas ouviam-me a chorar pela madrugada.

No trabalho era a primeira coisa que eles perguntavam. Então isso, para mim, deixava-me ainda mais fraca e sem forças, sem uma estima por mim própria, não é? Eu queria lutar mas não tinha ninguém. Talvez se tivesse a minha sogra ao lado ou uma irmã ao lado ou uma cunhada, se estivéssemos a viver com mais pessoas, talvez tivesse força. Mas eu já não tinha força.

Senti que não tinha maneira de deixar o meu marido

Eu preferi continuar com ele porque eu via assim: “eu vou voltar para aquela casa, para a casa dos meus pais, com que cara? Como é que o meu pai agora vai-me tratar, se já antes tratava-me mal? E o que é que vai ser deste filho que hoje nasceu, que está aqui e já há um desentendimento tal? Mas como é que eu vou voltar?”

O próprio meu marido, depois de ter visto que eu estava doente, então lentamente começa a conversar bem comigo, a prometer-me que ia ser mais dedicado, que não me queria ferir. Ele começa realmente a ver que estava a comportar-se mal, porque até eu nessa altura comecei a falar do divórcio em casa: “eu não vou suportar, chegas a casa de madrugada, és um homem que quando estás embriagado bates e eu não estou a ver motivo para continuar a ser espancada. Eu não faço nada e, como trabalhas por conta própria, é motivo para eu continuar na varanda passa até à meia-noite à espera de ti. Não tenho informação, vou-me deitar às 3 da manhã, vens tu tocar a campainha”. E ele levava as chaves, mas muitas vezes tocava a campainha. Eu acho que era para

eu acordar, para brigar comigo a partir do momento que eu abrisse a porta. Então eu disse que já não estava a suportar, já não estava a aguentar, mas ele sempre que não bebia prometia que ia-se comportar de uma forma diferente. Só que ele não chegava a se comportar conforme dizia, dava-me assim um repouso de 3, 4 dias sem beber. Antes do meu filho completar os 2 aninhos eu fui submetida a uma operação, eu tive uma gravidez ectópica. Retiraram-me um ovário, mas aquilo tudo era devido ao ambiente porque eu não tinha com quem desabafar. Ele ficou com medo depois que eu fui submetida à operação, todos os dedos aqui na cidade apontavam-me e as pessoas já diziam que ele qualquer dia podia-me matar devido ao excesso de pancada que me dava. Porque não haviam motivos. Porque ele chegava a casa e batia-me por prazer: “depois de trabalhar, com quem estiveste hoje?”. Ou então: “Quem está em baixo da cama?”

Psicologicamente eu já não estava bem, não tinha ninguém que me ajudasse a sair daquele tipo de conflitos, daquele ambiente, eu não tinha as minhas irmãs, todas eram mais novas, os meus pais estavam na casa deles e já tinham imposto tudo menos alguma coisa e eu tinha que me sujeitar àquele casamento.

Depois tive que romper aquele silêncio, o meu filhinho tinha uns 3 ou 4 meses quando eu fui a casa dos meus pais. A minha mãe, recorde-me, a minha mãe até deitou lágrimas por ver o meu filho mais velho já um pouco crescidinho. Então a minha mãe dizia para mim: “eu tenho informações da tua vida. Olha, soube que tu estás a ser vítima. É verdade?”

Dirigi-me a casa dos meus pais porque vi a minha vida mal parada, mas eu não estava sendo bem recebida pelos meus pais. A minha mãe recebeu-me tudo bem e tal, mas o meu pai já não me queria lá em casa. De visita ele lá recebia-me, cumprimentava friamente. No princípio foi assim. Por muito tempo ele cumprimentava-me friamente e depois

quando se apercebeu que eu estava sendo mesmo violentada e era excessiva a carga de violência, então é quando ele começa já sentir a sentir por mim, a ter pena de mim. Porque ele viu que eu realmente estava passar por fases difíceis.

Recordo-me que eu muitas vezes refugiava-me em casa da minha mãe, durante o tempo que eu pedia ao serviço um repouso, uma licença sem vencimento. Quando eu apercebo-me que o meu marido já pagou a casa, tem algum dinheiro para pagar a água, a luz, alimentos, então eu aproveitava aqueles momentos para passar em casa da minha mãe. Recordo-me que certas vezes o meu marido ia beber, acabava de beber ia a altas horas, portanto 20, 21, 22, 23 horas, meia-noite, até à meia-noite, 1 da manhã, ele de repente chegava lá e batia à porta. Mesmo depois de um acordo entre nós os dois, a dizer que eu ia passar aquela noite em casa dos meus pais.

Mas depois ele aproveitava-se. Ele no princípio até dava-me essa possibilidade, entretanto vim a descobrir certas coisas que ele fazia. Aproveitava para andar com outras, meter outras dentro de casa, então ele dizia: “olha, vais passar o tempo em casa da tua mãe, tu ficas a descansar um bocadinho, estás muito abatida e tal”. E eu vou, acabava concordando sempre porque eu realmente via que estava a ficar muito abatida e preferia vir no dia seguinte. Mas quando eu chegasse a casa, porque era muito atenta, via que as coisas não estavam tal e qual eu tinha deixado. Eu tinha sempre a preocupação de saber quem é que tinha passado por casa. Às vezes até brigávamos porque: “olha, a minha gaveta está mexida”, “olha, eu deixei isto aqui e agora já não estou a ver! Mas quem é essa alma do outro mundo que entrou nesta casa enquanto eu não estou?”

Depois de ele bater-me, depois de tudo aquilo, a seguir tinha que haver sexo. Mas era o sexo forçado. Não é um amor que vem por vir. Então,

eu comecei-me a fartar daquilo, e comecei a não a sentir vontade e prazer numa relação sexual.

Quando ele tem as ditas amante, quando ele está muito bem, ele era do género de ficarmos mais de 60 dias. Houve até tempo em que eu dormia num quarto e ele dormia no outro, eu saía do meu quarto, sair porque não estava satisfeita com a relação. Onde eu até dizia: “eu só estou à espera do divórcio”. Eu a saber que não tinha possibilidades de ter o divórcio, mas eu dizia para ele: “tu quando vais fazer amor comigo, é sempre depois de uma violência. Não és capaz de apanhar bons momentos meus e teus para nós vivermos a nossa relação à vontade”.

Houve momentos que vivíamos, sim senhora. Mas também houve momentos que ele batia-me, para logo a seguir vir para cima de mim. Então, houve alturas que eu por saber que ele de seguida vinha, eu preferia fugir, para lhe fazer sentir de que não era necessário ele violentar-me de tal maneira para depois querer fazer as pazes comigo, através de uma relação sexual.

Porque outras vezes, eu recordo-me, ele vinha donde vinha, eu vinha do serviço. Muitas vezes eu vinha do serviço, quando ele, ainda era no princípio, quando ele não me deixava trabalhar. Vinha do serviço e eu era obrigada a manter sexo para ele ver, para sentir que eu durante o tempo em que estive a trabalhar não me envolvi com ninguém. Eu passei momentos dessa natureza.

Outra coisa. Eu não fui mulher de ter parceiro fora, não tenho esse tipo de vício, de vida, mas eu passei a minha vida sexual toda no hospital. Porque eu era senhora de corrimentos, senhora de doenças, senhora de corrimentos que não passavam, porque eram dores que eu sentia que não passavam. Era ele que me passava essas doenças.

Às vezes dizia: “eu não sinto nada contigo”. Eu andava naquela altura magra, mas magra, era tanta violência e eu não tinha com quem desabafar, nem a minha mãe eu chegava de contar isso. Então, o meu marido chegou de me desprezar, dizer que não dormia comigo porque eu estava magra. Quer dizer, era ele a pôr-me magra. Ele punha-me magra e depois dizia-me que estava feia, magra: “não dás para mim”. Mas eu que sabia que tinha sido uma mulher corpulenta, uma mulher cheia... Mas ele rebaixava-me.

Eu até me recordo que mudei de quarto, uma vez que ele envolveu-se com minha empregada. A empregadinha que tomava conta da minha única filha, porque eu estava cansada de transportar a menina às costas para a creche... Quer dizer, arranjei uma miúda, eduquei, tratei com tanto carinho... E ele acabou envolvendo-se com ela.

Relações com a família e isolamento

Uma só vez veio a minha irmã a casa porque eu era uma pessoa muito pouco visitada, ninguém vinha para a minha casa porque eu era rejeitada familiarmente.

As cunhadas eram de género de provocar uma situação e na presença dele. Eu tinha sempre aquela tendência de ficar calada, não é, não dizer nada. O problema era eu trabalhar. Então eu dizia: “não posso deixar o emprego, eu tenho que pensar nos meus filhos, eu tenho que pensar em ti, porque ao trabalhar eu estou a garantir também uma ajuda principalmente para ti, porque de um momento para o outro vão exigir o pagamento da energia, da água, tu sem rendimento onde é que nós vamos chegar? É preciso realmente pensarmos um bocadinho”.

Afinal de contas elas vinham mais para incentivar briga. Para além de passar a refeição ou vir-nos visitar, era mais para intensificar a briga

porque a partir daquele momento o meu marido ficava desorientado. Eu mais tarde apercebo-me que as minhas cunhadas eram do género de ir sem eu estar presente falar com o meu marido, expor ao meu marido, dar o parecer delas como pessoas mais velhas, pessoas experientes, pessoas que realmente entendem. Então eu e ele começamos a ter choques, uns choques sérios, onde ele teve que tomar uma atitude. As minhas cunhadas foram prestáveis, mas também fizeram da minha vida um martírio. Também saíam e iam ter com os meus pais dizendo que tinham muita pena de mim, porque eu ia sofrer e não sei o quê. Mas por detrás também colhiam o parecer dos meus pais e iam incutir ao meu marido. Eu praticamente comecei a sentir violência tanto da parte do meu marido como da parte da minha família, porque elas também retiravam o que sabiam do meu marido, do passado, do crescimento do meu marido e iam contar aos meus pais que entravam em choque. E eu no meio. Era uma onda de violência a que estava submetida.

Eu já não me sentia bem quando o meu marido me convidasse para ir passar o fim-de-semana em casa da mãe. Eu ia mas toda triste, toda contrariada. Eu dizia para comigo que ia ter que sujeitar-me a maus-tratos, bocas de todo o tipo. O ambiente era demasiadamente pesado para mim, porque ouvia bocas depois do almoço. Houve sempre alguém para iniciar e quando iniciasse não iniciava para valorizar, não iniciava uma conversa para sugerir ou para dar uma ajuda ou propor alguma coisa que realmente viesse a beneficiar.

Naquela família, com as conversas, no final tinha que surgir um conflito onde marido e mulher tinham que se aborrecer de certas situações ali protagonizadas. Porque começam com gargalhadas ali, gargalhadas do outro lado, depois sinais e aqueles gestos e não sei mais quantas. Esse ambiente para mim não era bom, onde eu muito cedo cortei, eliminei as idas frequentes para a casa da minha sogra, ia quando necessitasse. Mas eu era obrigada e ele obrigava-me: “vamos passar com a minha mãe, não queres?”

É uma fase difícil principalmente quando nós não estamos habituados, é uma família nova, não é? São pessoas novas, são feitos totalmente diferentes e não é fácil, não é fácil realmente nós habituarmos com muita facilidade a esse tipo de pessoas. E havia sempre aqueles conflitos e ultimamente a própria família começou a preocupar-se com as minhas características, da raça e tudo, foi um momento difícil que eu passei. Só que essas coisas não são reveladas, eu não consegui contar a ninguém, a única pessoa com quem eu falava era a minha mãe. Até não conseguia revelar às minhas próprias irmãs. Não conseguia. Não revelava porque eu estava de tal maneira ressentida com o que estava a passar, porque não era o que eu tinha sonhado e aquilo magoava-me de tal forma! Eu preferia isolar-me. Quando podia, porque muitas vezes o meu marido obrigava-me e eu tinha que me sujeitar.

O meu marido não acompanhava aquelas brincadeiras, o meu marido percebia mas não ligava, não fazia parceria, tanto mais que às vezes sorria e preferia sair do local. Mas ao fim e ao cabo quem é que sofre mais? É a mulher, porque eu é que tinha que estar ali com os familiares dele, não é? Enquanto que ele saía, ia talvez a um bar, juntar-se a um amigo, iam beber ou iam passar algum tempinho fora visitando alguém, eu estava ali. Tinha que me sujeitar àquelas coisinhas todas. Então, eu própria, para evitar isso tudo, não ter que me juntar a ninguém ou isolar-me, ficava o dia inteiro na minha própria casa, sempre a lavar, a limpar o chão, a arrumar e a fazer qualquer coisa. Tudo menos ir conviver. Era assim como eu preferia passar o meu final de semana. Mas então a família dele apercebe-se e quando apercebe-se insiste que eu volte a passar com eles os fins de semana.

Mas voltando à minha família, o meu pai, das vezes que eu fosse para lá no meio dos conflitos, ele dizia para mim: “tu entras na minha casa, eu recebo-te aqui como minha filha, mas aos teus filhos não”.

Então, isso aí, contribuiu imenso para eu degradar-me de tal forma, porque o meu pai dizia-me sempre isso: “os filhos de fulano aqui na minha casa, não”.

Qual é o coração dessa mãe, qual é a coragem, eu que tanto gosto dos meus filhos, eu que tanto carinho tenho por eles, eu que alimento aqueles meninos, sou eu que estou a criar, o que é que me valia a mim eu estar em casa dos meus pais, toda confortada, sem os meus filhos, aquilo que eu mais gosto? Daí que eu via no meu pai um bicho de sete cabeças. Eu não lhe podia dizer nada, aquilo foi como se me dessem facada.

Ele simplesmente advertia: “vens para aqui tu. Os teus filhos na minha casa, filhos do fulano, não os quero aqui, para ele vir-nos humilhar, vir-nos fazer ficarmos a noite toda alvoraçados porque ele vem criar brigas porque quer os filhos, quer isto, quer aquilo. Não. Os filhos ficam com ele”.

A partir dali, eu transporto uma afeição pelos meus pais, mas nesse aspecto eu fiquei sempre de punhos cerrados. Das vezes que eu já me revoltei em casa contra eles, eu fui pessoa de lhes dizer de caras porque é que eu sofria: “porque vocês querem-me a mim, e não querem os meus filhos, não há mulher nenhuma que aceite que os filhos passem privações enquanto ela está no conforto”.

A minha irmã também não ajudava. Eu tive até uma vizinha, uma senhora que já não mora aqui, que foi capaz de dizer para mim: “eu não acredito que tu tenhas pai e mãe vivos, eu sempre te vi como uma rapariga órfã. Por isso é que eu pensei que não tinha ninguém. Por suportares aqueles conflitos todos, aquela violência física toda”. Mas na verdade eu tenho, eu tenho.

Houve uma vez que perguntei à minha mãe: “mamã, se eu vier para aqui, o meu salário é este, o papá o que é que pode fazer? Eu vou contribuir nas despesas domésticas para criar os meus filhos, os meus filhos não vão comer à vossa custa, não é ele que vai suportar, mas vou ser eu”.

Então a minha mãe foi para junto do meu pai, foi conversar, e o meu pai disse: “olha, se ela vem para aqui, ela que fique a saber que tem que tirar o salário todo para as despesas dos miúdos. E os miúdos, depois de estarem nesta casa, não vão ser autorizados a conviver novamente com o pai”.

Então, eu quando soube da resposta, vi essa parte negativa: os miúdos não podiam estar autorizados a conviver com o pai. Quando eu fiquei a saber que a partir daquele momento a porta estaria fechada para ele, para não poder ver os filhos, eu recuei. E naquela altura o nível de vida não estava tão elevado ao ponto do meu salário ser necessário para fazer toda a despesa, porque eu na minha casa consegui alimentar os meus filhos, pagar a água e luz. Agora, eu estava a ver um bocado de oportunismo do meu pai por eu estar a passar aquelas dificuldades, de querer apoderar-se até do meu salário. O que me deu logo para pensar, é verdade que estou a sofrer, mas eu prefiro então voltar para o sofrimento, manter esses meninos numa casa que é própria, dar-lhes de comer perfeitamente e pôr-lhes juntos do próprio pai.

Não serviu de nada pedir ajuda à polícia

Eu quero dizer, eu detestei a polícia muito cedo, muito cedo. Porque o meu marido espancou-me, quando o mais velhinho já tinha 9 anos, 8 para 9, o rapazinho já tinha os seus 6 aninhos, a menina era pequenina, só tinha 4 aninhos. Eu recordo-me que nessa noite eu fui pernoitar na polícia, porque ele batia-me de tal maneira, veio embriagado, eram

quase 23, meia-noite. Bateu-me de tal maneira que eu tive de abrir a porta de casa e fugir, e quando eu fugi nem chinelos levei, tive de galgar o alcatrão todo da minha casa até à esquadra, para ir queixar. Só que no meio daquilo tudo, quando eu consigo abrir a porta e fugir, logo a seguir fugiu o mais velhinho, porque os miúdos que estavam a dormir acordaram. Fugiu o meu mais velhinho, fugiu o segundo e fugiu a menina, os três. Fugiram e vieram ter comigo, fugiram de casa, porque aquilo era pancadaria, não é? Era bater... E batia neles também, principalmente o mais velho, o segundo e a última já não tiveram momentos de tanta violência. Mas o meu mais velho foi do género que sempre que ele me batesse, batia-lhe também.

Houve uma vez que pegou no menino e atirou para o chão, a cabecinha do menino e os ombros ficaram suspensos pelos pés. Bateu no chão. Era do género de dar até pontapés e o menino rolava. Por isso o meu mais velhinho logo cedo começou a procurar carinho junto aos malandros. Ele já tinha medo de vir para casa. Eu tinha que descer para ir buscar a ele. Mas aquilo era o medo de voltar para casa. Eu recordo-me uma vez que o meu marido algemou os meus dois filhinhos... é verdade, é verdade. Algemou-os... Porque nos últimos anos arranjou um emprego onde lhe deram algemas, mas não conservou nenhum trabalho.

Mas voltando àquele dia, a tendência dos meninos foi fugir. Eu parei e recolhi-os, a poucos metros de casa, recebi os meus filhinhos e fui com eles à polícia. Quando eu cheguei na polícia, naqueles anos, a polícia pouco se importava em resolver conflitos sociais. Então a partir dali eu tive aquele ódio. Não me tomaram a sério. Onde eles tiveram a coragem de dizer: “a senhora é casada?”

Eu: “sou, sim”.

“Olha, é conflito com o senhor fulano. O senhor fulano gosta muito de bater na senhora, nós já sabemos, a única coisa que a senhora pode fazer é recorrer ao tribunal ou à procuradoria. Amanhã a senhora tem que ir à procuradoria ou ao tribunal para ver se resolve a situação, não é nada connosco”.

Eu, a partir dali, fiquei com um nó no estômago. Foi outra porta que se fechou. Porquê? Porque eu fui para lá à busca de socorro para eles fazerem alguma coisa, e eles não fizeram nada, simplesmente acolheram-me. Disseram: “senhora, já não é hora da senhora andar na rua, pode ser assassinada, pode ser espancada, pode ser até abusada sexualmente. O que a senhora tem de fazer é ficar aqui e esperar que amanheça e voltar a casa e resolver depois conforme nós estamos a explicar”.

Eu recordo-me que eu sentei-me no chão. Era frio. Eu sentei-me no chão. Olhava para os meus filhinhos todos encolhidos, eu peguei a menina, estendi as pernas, pus os rapazinhos com a cabeça encostada, então eu olhei para um dos polícias. Era tanta dor, eu chorava tanto naquela noite. Então um dos polícias acho que sentiu pena de mim e pôs-me numa sala reservada. Eu olhei para ele, simplesmente agradei a Deus, não podia dizer nada, peguei nos meus filhos e fui para ali. Estava frio, mas já não era tanto como no chão.

Eu pensei, que fazer? Oh, meu Deus, eu tenho que passar mais uma noite assim, mas o que é importante é que neste momento não estou a ser espancada, não estou na rua. Estou acolhida, os meus filhinhos estão comigo e vou esperar pelo nascer do sol. Mas eu sabia da vergonha para sair ao amanhecer. Descalça... tinha que atravessar a cidade para irem-me ver, os meninos todos de qualquer maneira porque estavam a dormir, toda a gente havia de notar. Então, o que é que acontece? A polícia diz: “nós vamos ter a senhora aqui até passar a madrugada, pelo

nascer do sol, a senhora já pode ir porque já há movimento na estrada”. Eu agradecei.

Dúvidas e angústias

Eu tenho a dizer que eu até hoje não sei porque é que o meu marido tratou-me desse jeito. Porque se ele fosse um homem inteligente, só o facto de ele ter-me como uma namorada virgem, era suficiente para ele ver com que espécie de rapariga é que ele estava a lidar.

Entretanto, uma cunhada minha morreu vítima de violência e o marido nunca foi condenado. Então só o facto de eu saber, eu reconhecer que realmente perdi aquela cunhada por violência, aquilo criou uma revolta dentro de mim, eu comecei a ser agressiva, porque ultimamente o ambiente na minha casa... Eu sentia que tinha que me proteger porque não podia suportar aquela vida. Eu ainda não tinha 60 dias de casada e já recebia nomes: “sua desonesta, sua prostituta, pobre. Tu casaste comigo porque sabias que eu tinha tecto”. Era tanta, tanta humilhação: “casaste comigo porque viste a minha casa como estava”. Ao fim ao cabo eu casei-me com ele, eu tive a ele como meu namorado, mas eu já tinha tido outros namorados, moços muito responsáveis. Onde também talvez teria sido isso que o meu pai ficou revoltado. Mas também eu tenho a dizer que o meu pai destruíra todos os meus namoros.

Quando comecei a ser agressiva nos princípios ele estranhou, porque estava habituado a pisar, a fazer e a desfazer e eu não dizer nada. Então eu de princípio fugia de casa. Porque era assim: ele vinha embriagado, ele tinha as chaves, um molho de chaves. Deixava-me em casa sem alimentos, quando eu fiquei desempregada, os miúdos sem comer e ele ia comer em casa da mãe. Passava o tempo em casa da mãe, comia em casa da família, não é, para frente e para traz junto aos amigos e depois regressava para vir dormir.

Então, ele vinha, tocava à campainha e iniciava os conflitos. E eu já não aceitava e acusava-o: “olha lá, nós passamos o dia todo só tomámos um bocado de chá e um bocadinho de pão. O miúdo mal comeu, comeu umas papas. Eu não tenho onde comer, tu já não queres trabalhar, não queres fazer nada”. Ele já estava desempregado nessa altura: “tu não queres trabalhar, não queres fazer nada, só dizes que queres trabalhar por conta própria, mas não estás a ver a necessidade de teres que trabalhar, teres que fazer alguma coisa?”

“Ah, porque tu queres-te meter na minha vida?”

“Não, eu não quero-me meter na tua vida, mas eu estou-te a dizer que tens que trabalhar, tu és casado, tens uma casa, tens filhos em casa, o que nos falta são alimentos”. Porque ele, de uma ou de outra forma, arranjava algo para pagar a casa, para pagar a luz, arranjava para pagar a água. Fazia um biscate, mas só que o resto que ele devia comprar o rancho até o final do mês, ele levava e estoirava. Comprava um bocadinho de qualquer coisa para casa e acabava na bebedeira. Tinha que pagar os amigos, ficava a estoirar o dinheiro todo com os amigos. Então, isso a mim, depois de ficar desempregada, eu fiquei revoltada e discutia. Acabava sempre em pancadaria, sempre! Eu sofria, eu sofria mas eu também comecei a reagir: “desta maneira não, não posso aceitar, eu não posso”.

Noutra altura, depois de eu arranjar novamente emprego, eu vi que ele usava o dinheiro que lhe dava para pagar a energia para outros fins pessoais. Exigi os recibos de energia e acusei-o: “eu faço-te bem porque estou a trabalhar, não peço-te sabão, não te peço sabonete, não te peço água, não te peço açúcar, não te peço para pagar a casa, não te peço para pagar a água. Tu já não te esforças como antes. Para além disso, agora que eu estou-te a ajudar já sou prostituta, já não vou trabalhar, vou prostituir”.

Tentei encontrar formas de desabafo

Ainda nos primeiros anos de casamento eu ganhei o hábito de escrever num caderno desabafos sobre as dificuldades que estava a passar. Ajudava-me a suportar. Mas uma vez que não pude ir trabalhar durante quatro dias, eu peço ao colega para abrir as gavetas e tirar o expediente que era necessário. Então, ele levanta a resma de papel numa das gavetas e apanha o bloco onde eu escrevia. Estava escrito mais de metade do bloco. Então o meu colega, curioso, eu acho que ele tirou para fora e viu, e depois não guardou como deve ser. Deixou a folha remexida e eu como era uma pessoa que tinha muita atenção em tudo, pude ver que alguém mexeu porque vi a resma de papel já fora. Eu sabia que tinha o bloco e quando abri o bloco vejo as folhas um bocadinho remexidas. Eu só tive que olhar para ele, fiquei parva, o colega olhou para mim e abanou a cabeça. Depois ele disse: “Linda, está-te a faltar alegria. Falta-te alegria no rosto. Conta-me lá um pouco de ti”.

Eu: “não dá. A minha vida só posso ser eu e ninguém mais”.

Então as pessoas olhavam já para mim com um olhar de tristeza, magoadas e sentidas ao mesmo tempo por aquilo que eu estava a passar, mas não diziam nada, só cumprimentavam-me. Quer dizer, eu creio que toda a empresa ficou a saber da minha vida. Então só tive tempo de tirar aquele bloco da gaveta e pegar nas folhas e começar a rasgar. Eu senti-me mal, eu senti-me de tal forma humilhada... Eu comecei a rasgar aquilo tudo, meti aquelas folhas todas dentro de um saco plástico e quando cheguei a casa, assim que entrei, fui logo pegar na caixa de fósforo e queimei. Nunca mais tentei escrever um diário.

Mais tarde, eu já tinha o meu filho talvez com os seus três aninhos, eu comecei a dedicar-me à poesia, onde eu relatava o que estava a ser a minha vida. Então fui meter aquilo na última gaveta da cómoda,

debaixo da roupa, pus lá o caderno e tal. Eu estava sempre atenta, sempre que ele chegasse eu procurava pôr naquela gaveta só a minha roupa e mais nada. Quer dizer, até pacotes de “modess”, de pensos higiénicos, eu pus. Era aquilo de o meu marido ficar receoso de ter que abrir aquela gaveta. Mas ele abriu e viu. Quando viu, vai ter com um amigo dele e mostra alguns versos. Não mostrou todos, mostrou alguns versos, então esse amigo dele chama-lhe à atenção. Disse: “a tua mulher já está numa situação difícil. Tu tens que ser mais calmo, mais carinhoso para ela, porque a tua mulher já não está bem”. E eu recorde-me que esse colega até foi ao meu serviço e aconselhou-me. Disse: “eu venho-te falar como amigo, não quero me meter na tua vida, mas se realmente estás a ver que a coisa não está a dar certo com o teu casamento, é preferível desaparecer daquela casa do que continuares. Porque tu ainda tens muitas, tens muitas coisas mesmo por passar, porque eu conheço o teu marido, crescemos juntos, acompanhei a infância que também não foi muito boa e já sei quais são as relações dele há muito tempo. Ele bebe, torna-se ainda mais violento, e isso não vai ser bom para ti.” Mas eu preferi manter o silêncio e desabafar muito com esse amigo dele.

Quando eu fazia aquilo, ia escrevendo e relatando a minha vida toda, não ficava três meses sem escrever. E ajudava. Mas preferi deixar de fazer. Não guardei nada.

Sobre o trabalho

Até manter o meu trabalho foi difícil. Numa zanga, ainda durante o namoro, o meu marido exprimiu dúvidas sobre se a gravidez era dele e usou esse pretexto para chegar aonde queria, o trabalho. Disse: “então se realmente isto é meu, tu tens que deixar de trabalhar”. Eu olhei para ele e disse: “eu não posso deixar de trabalhar”. Então ele: “isso não é

meu, porque se tu realmente trabalhas, quem sabe se os teus colegas não têm algo contigo?” Foi aquela zanga violenta!

A minha mãe uma vez disse-me: “se tu deixares de trabalhar, e ele está a fazer tudo isso para tu deixares de trabalhar, para tu já largares, porque depois tu já não vais ter serviço para te distraíres, não podes vir aqui para casa, não tens contacto com as pessoas. Vai ser isolamento total. E ele então vai fazer de ti uma desgraçada, não vai-te dar alimentos, vai-te desgraçar”. E é precisamente isso que ele procurou, desgraçar-me.

Da parte das mulheres da família dele surgiu certa inquietação onde algumas cunhadas minhas diziam que eu tinha que deixar de trabalhar, porque é que eu trabalho, se as mulheres da família todas elas eram mulheres caseiras. Até alguns primos, prontos, até que já não estão em vida, diziam: “porque é que tu vais ter que trabalhar?” Eram dessa natureza: “mas porque é que tu vais ter que trabalhar? Tens tudo em casa, tu não precisas de trabalhar. Estás a trabalhar e estás a desestabilizar os outros lares perante as outras. Tu estás a entrar agora para a família e estás a desestabilizar, na medida em que as outras passam o dia inteiro em casa, mas agora reclamam ao marido a dizer que também querem trabalhar. Por tua causa. Porque tu vais trabalhar, chegas a casa e olhas pela tua vida, mas não deves ser assim. Tu casaste-te e deves-te manter em casa, não tens que ir trabalhar. Porque a nossa família é por esses princípios, mulher em casa, mulher é para ficar em casa”.

Então eu a partir dali eu já não comecei a olhar para esses familiares do meu marido com bons olhos, eu comecei a ficar muito assustada. Porque primeiro, eu já tinha dito o mesmo durante o namoro, que eu não ia deixar de trabalhar. Só se realmente um dia fossem os serviços a demitir-me e enquanto isso não acontecer eu não deixava. E a minha mãe já me tinha convencido, tinha-me explicado detalhadamente quais

eram as consequências de uma mulher que casa com um homem de conta própria, porque ela dizia que tão depressa pode ter como não ter. Então eu comecei a ver a minha vida profissional em perigo, para além de outros conflitos.

Quanto à vida laboral eu posso dizer que no princípio foi um pouquinho difícil, não é?, porque eu dei-me mal nos estudos. Comecei a trabalhar aos 17 anos e para compensar não ter estudado mais, paralelamente fiz cursos de dactilografia e telex. Mais tarde inscrevi-me também no curso nocturno para concluir o curso comercial, mas nessa altura fui recrutada para a tropa, que fui cumprir noutra cidade.

Esse meu emprego, que retomei quando voltei da tropa e onde fiquei muitos anos, vim a perder porque depois de muitos meses sem salário reclamei e mostrei que a empresa (pública) tinha lucros. Foi um despedimento sem justa causa e mais tarde convenceram-me e meti o caso no tribunal. Anos depois recebi uma indemnização, numa altura em que estava a passar muitas dificuldades.

Quando perdi o emprego fiquei muito tempo sem arranjar outro. Lá em casa não tínhamos nada, chegamos a ficar sem água e sem energia. E o meu marido não contribuía com nada. Fiquei desesperada e sabia que não podia contar com a família, então, resolvi fazer machamba num terreno vago ao lado da casa. Eu nunca tinha feito isso, até nem sabia. Houve algumas vizinhas que se riram e que vinham troçar de mim. Só houve uma que me deu força.

Eu tive que entrar para aquele espaço vazio para fazer uma machamba para alimentar os meus filhos, eu fiz isso! Eu quando vi que o meu marido já não queria preocupar-se com os meus filhos, eu andava doente, eu tinha que fazer qualquer coisa para os meus filhos. Eu tive que entrar para aquele terreno, tirar aquele capim todo, remexer aquela terra toda sozinha. A minha produção seria o sustento da casa.

A minha irmã veio e deu-me força: “tu és uma mulher com conhecimentos, tens que trabalhar, eu não aceito que tu só faças a horta para alimentar esses miúdos. Porque tu precisas de vestir os miúdos também e tu podes fazer mais alguma coisa. Eu quando trabalhava” – isto é ela a dizer - “quando eu trabalhava, na minha casa eu era uma rainha. Mas agora que eu já não estou a trabalhar o meu marido já está a maltratar-me. Eu peço-lhe isto, ele diz que não pode, mas tem para beber. Não tem para me dar. Eu peço roupas para os pequenos e já não dá. Vamos trabalhar”. Deu-me tanta coragem e com a ajuda da Igreja Universal, eu e ela fomo-nos inscrever.

Conseguí um emprego, mas antes disse ao meu marido, que deixou. Mas não larguei a machamba. A partir daquele momento a minha vida começou a melhorar, a melhorar. Saía, às 12 e 15 estava em casa, antes de ir almoçar ia sempre tocar a minha horta. Se eu não fiz isso logo de manhã cedo, foi porque tive que limpar a casa, tive que ver os miúdos para a Escola. À medida que eu ia regando eu ia tendo mais feijão verde, mais couve, mais repolho, nada queimou, aquilo era uma maravilha. Estava completamente encantada com o que eu estava a fazer de positivo, não é? E a minha vida já estava a melhorar, eu já tinha sabão e Omo para lavar, porque gostava muito de lavar. Para além de eu ser maltratada pelo meu marido, eu estava a dar passos bem significativos, na minha vida já não tinha que pedir o arroz, o caril, todas aquelas coisas que faziam falta para os meus filhos. E comecei a ser eu a responsável da casa.

Como comecei a reagir

Ele começa a perceber que eu estou a reagir pela minha forma de ser. Porque eu comecei a mudar. Mas não mudei de um momento para outro. Foi uma mudança vagarosa e eu sempre tive o cuidado de lhe

fazer ver que apesar de eu estar a sofrer muito, a passar dificuldades, eu sabia o que eu queria atingir com o meu casamento. Porque, eu quando me casei, foi com a intenção de casar-me com um homem de quem eu realmente gostei, gosto, e ter os meus filhos, educá-los sempre debaixo do pai, na companhia do pai. Talvez por não ser muito agitada, eu sempre pensei que devia dar uma educação aos meus filhos, semelhante à minha. Mas uma educação sempre com uma tendência melhor, não é? Melhor que a minha, os meninos deviam ter melhores condições que as minhas. Eu sempre pensei assim. Os meninos deviam ter melhores condições, deviam estudar mais do que eu, para eles também crescerem como crianças felizes e terem boas recordações da família e do lar que os protegeu. Embora isso infelizmente, eu penso que não aconteceu, não foi o sonho realizado por mim, por causa do excesso de violência que eu tive no lar.

Portanto, essa parte frustrou-me. Eu fiquei revoltada e até hoje sinto-me uma mulher revoltada, por isso mesmo eu sou sempre pela reconciliação do casal, mas tenho sempre a demonstrar ao homem, que é o chefe de família, as partes negativas, e quais serão as consequências das tais partes.

Porque eu recordo-me perfeitamente que eu dizia para meu marido: “falta isto, falta aquilo”. E o meu marido revoltava-se muitas vezes: “estás a exigir demais, queres isso, queres aquilo... e o teu pai deu-te?” Eu também, revoltada, dizia-lhe sempre que embora eu não tivesse tido, não era motivo para os meus filhos não terem, porque eu trabalhava e trabalho até hoje. Então, eu exigia a ele como meu marido, que também trabalhasse para poder dar o mínimo às crianças.

Eu aproveitava das fraquezas dele, de ele me amostrar a vida negativa que estava a levar lá fora, e transportava para casa. Onde eu ganhei aquela coragem de discutir com ele.

Um dia eu disse: “tu tens de parar de beber, não tens força para ir trabalhar, mas tens força para chegar em casa embriagado e exigir o impossível porque sabes perfeitamente que eu não tenho para te dar. E bates-me. Mas estás-me a bater injustamente. Porque primeiro, eu é que trabalho, não tenho pão para as crianças como deve ser. Se tenho pão, tenho pão insuficiente, porque já não dá para trinta dias, dá para menos tempo. Não tenho roupa devida para os miúdos, não posso comprar alguma coisa para mim nem para os pequenos e nem para ti. Enquanto que nós podíamos estar os dois a repartir essas despesas, onde tu pagas a água, eu pago a energia. Onde tu pagas a casa, eu faço os alimentos e ainda restava-nos para depositar e para fazer os mantimentos de casa”.

Então, eu fazia uma análise íntima, mas era do género de não dizer nada a ninguém. Eu sofria, sofria e ficava sempre revoltada, eu ia sofrendo. Então, fui ganhando aquela coragem, quando ele me batesse eu descarregava imediatamente. Passei momentos assim, quando sempre falasse, eu respondia. Então, ele não perdia tempo, porque era de logo me pôr as mãos em cima. Batia-me muito, mas muito mesmo, e eu chorava, pensava nos meus filhos, porque em vez de harmonia criava ali dentro um vendaval, batia-me, maltratava-me, dizia que eu estava a ser incutida pelos meus pais, por eu exigir uma vida melhor.

“Eu já sei, foste a casa da tua mãe na semana passada”, dizia ele. Como estava habituado a isolar-me da minha família, ele estava a pensar que não havia de ser possível eu revoltar-me, mas as consequências obrigaram-me realmente a revoltar-me. Porque eu não concordava com ele, eu comecei-lhe a dizer: “Em casa falta de tudo. Os meus filhos têm um pai, graças a Deus saudável, mas não consegue trazer nada”.

Ele foi deixando, ficando tempos sem trazer nada para casa. Até anos, sem trazer alguma coisa que realmente desse para os meninos ficarem satisfeitos. Durante o tempo em que ele não trazia, o que mais me revoltava é ele vir para casa embriagado, então depois desculpava-se.

Dizia sempre: “ah, são os meus amigos que me pagam, eles pagam-me isso, paga-me aquilo”. Mas, na verdade, durante o primeiro ano de casamento, ele tinha um negócio por conta própria, bastante lucrativo. Quando perdeu a licença comercial e ficou sem trabalho, foi assim até hoje. Vai tendo pequenos negócios, com poucos rendimentos e só de vez em quando. Recusa-se a aceitar um emprego porque diz que não quer ter patrão.

Mas voltando ao que estava a contar, andamos assim um tempo. Um tempo não, aquilo foram anos, foram anos. Então, muitas vezes eu recordo-me que no serviço as minhas colegas, quando mandassem preencher algumas fichas, eu punha sempre, na profissão do meu marido, não é?, punha sempre “conta própria”. E houve até colegas, da parte dos homens, que diziam: “mas Lindinha, tu pões sempre conta própria, mas o teu marido chega em casa embriagado, bate-te, não põe alimentos”.

Eu: “não, meu marido põe”. Eu era do género de defender. Eu apesar de estar a passar aquele tipo todo de humilhação, dizia que: “não, meu marido põe. Vocês não conhecem a minha vida, vocês não sabem como é que eu vivo, como é que vocês vão tentar imaginar uma situação dessa natureza?”

Muitas vezes eu deixava os colegas comentarem de tudo. Os meus colegas chegavam mesmo de dizer: “Ah, Linda, se a vida não te corre bem agora, porque é que tu não tentas mudar de vida?” Mas eles diziam isso por outras palavras, sem me magoarem, indirectamente e tal.

Então, eu revoltava-me sempre, revoltava-me. Foi daquelas pequenas revoltas onde eu comecei a ganhar aquela força de lhe começar já a dizer tudo. Porque, o facto de ele dizer: “foste ouvir em casa da tua mãe, foste ouvir em casa da tua família”, aquilo não era verdade. Era

algo que eu estava a sentir. Eu sentia e via a minha vida cada vez mais para trás. Agora, eu não tinha outro meio se não dizer a ele.

Então, mediante aqueles argumentos todos, eu comecei a ver que eu é que tinha que batalhar, eu tinha que batalhar, tinha que lutar e fazer a minha vida pessoal, e demonstrar ao meu marido que realmente estava revoltada.

Ele bebia a mais, ainda mais do que o normal, chegava em casa e atacava: “porque já tens um amante”. A outra desculpa é: “porque a tua família disse isto, isto, isto”. Então, ele batia-me, mas era, uma violência... só Deus é que sabe. Ele batia-me, eu chorava, eu cheguei de ficar com gesso na perna por duas vezes. Primeiro no pé, porque ele deu-me um pontapé, e o dedo perdeu aquela fragilidade, eu não podia poisar, não podia calçar, o pé ficava inchado, tive de ir ao hospital. E ele bateu-me por eu pedir alimentos! Fui ao serviço nessa manhã, mostrei como me estava arrastar, então a minha antiga patroa deu-me autorização para eu me tratar. Fui ao hospital, puseram-me gesso, fiquei quase 7 dias, depois fui tirar, fiz a terapia toda, continuei a trabalhar.

Da outra vez, voltei a levar um pontapé na mesma perna, então ele deu-me aquele pontapé e eu tive de usar meia-bota, andei com meia-bota. Eu recordo-me que eu queria ir trabalhar, eu chorava, porque quando nós andamos normalmente a vida é outra, depois com gesso aquilo era maçador, eu andava devagarinho, devagarinho. Mas eu queria estar sempre a trabalhar porque eu era uma mulher de estar de um lado para o outro a trabalhar.

Eu tive tão boas colegas, que outras diziam: “mas porque é que tu não te separas? Tu separas-te dele e arranjas a tua casinha com o andar do tempo”. Mas não era fácil, o salário que eu tinha não dava essa possibilidade. Eu, para poder ter uma casinha, tinha que me juntar a um outro companheiro, e eu não me estava a ver a viver com um outro.

Não sei se é tanta violência, mas eu não estava a ver-me novamente com uma pessoa para continuar a minha vida. Porque eu sempre dizia e pensava assim: “este faz-me isto, o outro que vier há-de me fazer talvez pior”. Pensava, nós não conhecemos os íntimos, talvez até aproveite-se. Pode não me bater, não me violentar, não espancar-me, mas ele já vai ter o conhecimento do meu passado porque as pessoas hão-de dizer tudo e mais alguma coisa. E a partir daí, ele vai saber porque é que eu estou com ele. Há-de ter aquela pena de mim, vai querer estar comigo mais por pena, não é? Em vez de ser amor, vai ser compaixão, dor... E eu não gostaria realmente ter que ter um outro companheiro que tivesse pena de mim.

Não sou uma mulher com muitos conhecimentos, mas tenho o mínimo para poder olhar para a minha vida. Então eu não gostava, não queria repartir as despesas com aquele homem, não é?, para criar os filhos do meu marido. Porque eu sabia que o meu marido nunca ia me dar uma pensão de alimentos suficiente porque não trabalhava, os filhos tinham de estar a viver de alimentos de uma outra pessoa, embora eu estivesse a trabalhar. Mas eu pensava e penso que isso vai contribuir para que a relação conjugal fique novamente deteriorada. Porque há-de chegar momentos, ele também certamente tem família, há-de conversar com a família, vai ter de dar uma satisfação à família e a família também há-de sempre dizer mais alguma coisa. Então eu preferia voltar, nos meus momentos de conflito eu preferia voltar para casa dos meus pais...

Ele nunca foi do género de me pedir desculpas, de reconhecer que foi ele o causador. Pedia desculpas mas dizia que tinha sido eu que tinha provocado toda a violência. Então nessas alturas era mais carinhoso e evitava assim por uns dias andar outra vez envolvido.

Fisicamente já não me agride há dois anos. Talvez por estar a trabalhar num sítio em que tenho que saber da lei, porque já sou eu a impor e a fazer-lhe calar, porque agora eu já consigo dominar-lhe de tal maneira

que ele encolhe, encolhe porque eu não demoro a dizer aquilo que ele deve fazer. Na hora não tenho muitos rodeios, já não dou muitas voltas com medo de ser espancada. Eu até ofereço-me ao espancamento. Porque antes, eu era de género de dizer e ter medo. Ter medo porque eu sabia que logo a seguir eu levava. Hoje eu sou do género de dizer: “eu sei que tu estás revoltado com aquilo que estás a ouvir, mas o que é verdade tem que se dizer. Tu podes usar da tua força para me fazeres calar, mas a verdade está clara e está bem dita”. E eu sou do género de fazer um historial em poucos momentos que temos de discussão. Eu digo: “a minha vida foi sempre um inferno, tu foste sempre um pai de dar pouca atenção nos miúdos, e quem tem estado a fazer levantar essa casa sou eu, com o pouco rendimento que eu ganho, mas o que é verdade é que tu não és capaz de dar uma pensão aos miúdos, ou propor uma oferta pelo menos aos miúdos, um par de sapatos. Quando tens, se estás a beber, investes imediatamente em bebida”.

E eu sou inimiga, mas inimiga mesmo de bebida. Talvez porque a bebida contribuiu para o meu mal-estar durante toda a minha vida. Eu não posso, eu odeio, odeio mesmo a bebida. E a ele a bebida nunca lhe fez bem. Porque ele fica alterado, torna-se selvagem, um animal, onde ele tem coragem para fazer tudo e mais alguma coisa.

Mas ele praticamente não me agride porque acontece que os meus filhos também estão a crescer. E os meus filhos estão a crescer revoltados, os meus filhos estão a crescer revoltados. É um crescimento onde eles vêem que a mãe é tudo por eles. Eles vêem, percebem mais.

Então, eu devolvo-lhe na hora, tem que ser assim. Mas eu digo-lhe sempre: “eu não tenho forças suficientes para te defrontar, mas uma coisa é certa, todas as vezes que bateste-me, nunca houve motivos”. E ele continua a depender de mim.

Como a Igreja me ajudou

Eu comecei a ouvir falar da igreja universal em 1988, exacto. Em 88 porque já tinha muitos conflitos. Eu até que frequentava a igreja católica. Eu frequentava no meu bairro, temos ali a igreja e eu ia para lá, comecei até a frequentar a catequese, os meus meninos logo desde pequenos frequentavam a igreja católica todos os domingos. Optei logo pela igreja católica por causa do excesso de conflitos, eu tinha tantos conflitos que eu só via refúgio em Deus. Então, eu começo a frequentar a igreja católica.

Mas depois um dia quando eu converso uma vez com a minha prima, e ela fala-me da igreja universal e até diz-me para eu ligar o rádio a partir das 15 horas, apanhasse o canal e tentasse escutar bem, sintonizar bem a rádio Miramar, que eu havia de ouvir as orações. Eu realmente tento fazer isso. Até recorro-me que nesse dia faltei ao serviço para tentar sintonizar. Quando eu sintonizo, fiquei a escutar, e era um dia em que realmente estava a falar da família, era quinta-feira, que é um dia exclusivo para a igreja universal falar da família, só família. Como é que deve ser uma família? O que é família para nós? Como é que os males entram para a família?

Eu fiquei a escutar a oração, gostei de tal maneira que não perdi tempo. Quando o meu marido regressa eu explico-lhe, eu digo-lhe: “olha, hoje estive a sintonizar a rádio Miramar e realmente consegui”.

Ele até pergunta-me: “mas tu deixaste no mesmo sítio para amanhã, na mesma hora, poderemos escutar?”

Eu: “deixei. Deixei no mesmo sítio e vamos poder escutar. Eu não, porque vou ao trabalho, mas tu podes escutar”.

Só que, ainda no mesmo dia como o rádio estava ligado e ninguém tinha mudado de canal, no mesmo dia à noite, era muito tarde, deviam ser 22, ou 23 e alguma coisa. Eu recorde-me que o meu marido acordame para ouvir: “será isso que tu ouviste? É isto?”

E ele gostou do que estavam a dizer. Então, o rádio ficou quase que sintonizado no mesmo canal, porque nós ficamos com medo de perder a emissora só para podermos escutar. Chegou sexta-feira. Ele escutou, eu escutei à noite e quando soubemos pela minha prima que realmente a igreja universal estava cá, para nós foi simples, porque primeiro andavam panfletos e eles foram à rádio divulgar que já estavam cá e que iam dar o primeiro culto, para toda a gente que quisesse assistir, que as portas estariam abertas.

E um primeiro dos primeiros crentes desse dia foi o meu marido. Às 9, assim que ele soube que estava cá a igreja universal, ele não perdeu tempo. Chegou a casa satisfeitíssimo: “olha, a igreja universal esta cá, prepara-te para nos irmos assistir que é agora às 9”.

Eu penso que o culto da igreja universal que ele ouviu remexeu com ele. Talvez porque estava desempregado e a igreja universal prega acerca do desemprego. Prega. É um dos princípios, porque nós, na igreja universal, temos que dar um dízimo, temos que dar a oferta e o pastor explica sempre que: “andar de qualquer maneira sem boas vestes, isso não é divino. Sem termos uma oferta para agradecermos a Deus que nos pôs nesse mundo, também não tem lógica, sem termos um dízimo. Porque as escrituras dizem que temos que dar o melhor a Deus, de tudo que nós fazemos mensalmente, temos que chegar ao final do mês e oferecer um dízimo de 10% a Deus. E vem na bíblia. Porque os homens do passado ofereciam animais, não é? Uma ovelha, ou tiravam das terras o melhor e adoravam a Deus”.

Então, eu penso que estes princípios tocaram-lhe. Porque, para além de ele ser o que era, ele lia a bíblia, nós já tínhamos a bíblia em casa, isto é, ele tinha, porque quando eu me casei com ele, ele já tinha a bíblia, tanto mais que tinha a bíblia colorida e eu nem sabia que aquela bíblia colorida fosse bíblia. Eu olhava para aquele livro como um livro normal. Então, eu um dia pego e vejo ali: “bíblia”. Vou folheando. Eu: “realmente é a bíblia. Mas onde é que tu compraste?”

“Olha, eu comprei este livro há muito tempo”. Era ele a explicar-me.

Talvez por não estar habituada eu preferia a bíblia normal e eu creio que ele como era uma pessoa que já possuía a bíblia, ele certamente ia lendo. Tanto mais que às vezes, nós na igreja católica, aprendemos Ave-maria, o pai-nosso, depois, as Glórias e todas aquelas coisinhas necessárias. Mas ele, às vezes, quando estivéssemos assim a conversar perfeitamente e falássemos da palavra divina, eu perguntava-lhe: “diz lá isto para ver se tu sabes”. Ele dizia para mim: “olha, o essencial é amar a Deus. Eu posso não ter isso de cor e salteado, mas o essencial é respeitarmos a bíblia”.

Isso tudo aconteceu numa altura em que havia muita violência em casa. Eu não sei, mas eu penso que o facto dele realmente ter as bíblias em casa e ele ver e reconhecer que Deus está acima de tudo e mais alguma coisa, foi suficiente para ele ir à igreja. Mas ele também, penso, andava à procura já de uma transformação na vida dele. Exacto. Ele queria uma mudança de vida, só que talvez não dissesse que andava à busca de uma mudança de vida. Porque eu lembro-me que às vezes, às vezes não, muitas vezes, eu acordava, eu chorava logo de manhã cedo. Mas andei assim muito tempo. Eu chorava porque sabia que às vezes não tinha um bocado de açúcar para dar, para pôr no chá dos miúdos. Eu chorava, então, ele de me ouvir a chorar, a soluçar, dizia: “olha, mulher, a vida é assim mesmo, tem altos e baixos, mas é preciso nos sabermos conter.

Porque um dia vais ter mais. E, quem sabe, tu talvez venhas a ter muito mais do que as pessoas têm hoje”.

Eu calava-me e tal, mas eu também concordava com ele, só que como era garota ainda, custava-me ver os meus filhos a terem que tomar o chá muito cedo, sem açúcar, sem nada. Mas ele nesse aspecto dava-me aquela coragem...

Mas ele começou, começou a aderir à igreja, fomos ao primeiro culto que a igreja universal organizou aqui. Ele foi às 9 horas, chegou a casa e convidou-me: “eu estive na igreja universal, já assisti ao primeiro culto. Mas aquilo foi fantástico. Eu agora venho para te convidar porque há um culto às 12, às 15 e às 18. Qual é o culto que tu preferes ir?”

Então eu digo: “olha, nós vamos ao culto das 18. Mas como é? Nós podemos levar os miúdos?”

“Toda a gente pode entrar, há espaço para todos”.

E às 18 fui. Fui e quando eu ouço a oração, eu fiquei pasmada. Fiquei pasmada, porque eu nunca vi uma igreja e um pastor a orar assim, tão livremente, porque eu estava habituada aos cultos da igreja católica. Mas o que o pastor pregava era o que realmente estava a acontecer na minha vida. A falta de alimentos, desemprego da parte dele, falava também da falta de casa. Há quem realmente não tivesse casa, mas não era o caso, as brigas constantes, falou da violência, bater na mulher, bebida, coisas que realmente lhe tocavam.

O pastor mandava fechar os olhos e dizia que aquilo era devido a demónios. Então, o pastor ia fazendo a oração, ia expulsando os demónios. E quando termina o culto, ele pergunta-me, é o primeiro a perguntar-me: “tu gostaste?”

Eu: “gostei”.

“Então vamos ficar para o culto seguinte”.

Eu fiquei um bocadinho pasmada. Como é que ele assistiu a três cultos durante o dia?

Mas o pastor ao mesmo tempo está a observar quem são as pessoas que estão a aderir. Tanto mais que o pastor convidou para aqueles que realmente queiram conversar, queiram expor os seus problemas, poderão vir depois do culto e antes do culto. Disse que os homens fossem ter com ele e as senhoras que recorressem à missionária que era a esposa do pastor.

Eu, no primeiro dia, não fui. Ainda não estava a acreditar e eu não sabia o que é que ela me ia perguntar, eu só via tanto problema, tanto, tanto que eu tinha tido. E apanhar logo uma igreja que falasse, tocasse directamente nos meus problemas, eu fiquei um bocado preocupada: “será que alguém lhe disse que eu estou a passar por isto e aquilo?” Eu fiquei interrogada. Mas ele não, ele foi logo ter com o pastor.

Por influência da igreja deixou de beber. Deixou de andar com outras mulheres. Não batia. E foi engraçado, porque a maior parte das mulheres com quem ele realmente já tinha se envolvido ele também convidava a elas para igreja.

Hoje vivemos em paz

Na minha relação com ele hoje eu estou satisfeita. Eu podia estar mais que satisfeita se ele realmente ainda estivesse na igreja. Mas embora não esteja na igreja, ele já reduziu muito em relação ao tempo passado.

Primeiro, porque ele já não cria tanto conflito, não mistura as coisas. Segundo, ele é do género até de valorizar-me hoje, enquanto que antes nem me dava valor nenhum. Ele às vezes até quando está um bocadinho animado começa a dizer: “eu tenho uma grande mulher, eu tenho uma grande mulher, vocês não devem abusar a vossa mãe, ai daquele que eu oiço a abusar a mãe, ou oiça dizer por alguém que realmente não respeita a mãe”. Ele hoje é capaz de dizer uma coisa dessas. Hoje ele quando eu estou doente ele já se preocupa mais comigo.

Antes, houve momentos que preocupava-se quando bem entendesse. E houve momentos que também não se preocupou. Mas hoje é do género de preocupar-se. Se eu digo que estou doente, tenho qualquer coisa, a primeira coisa é a oração, depois da oração diz: “vamos ao hospital, vamos fazer o plasmódio para ver se tu tens malária”.

Ele preocupa-se muito comigo, embora eu não posso dizer que sou uma mulher totalmente feliz, não é? Mas uma mulher que depois daquilo que passou, da relação conjugal que teve, eu posso dizer que hoje eu estou satisfeita, a minha vida melhorou, melhorou um bocado. Embora ainda não tenha melhorado em todos aspectos, não é? Mas pelo menos na nossa relação conjugal ele já se tornou mais atencioso, é capaz de me ouvir.

Há dias ele contou-me que aconselhou um amigo e que lhe disse: “sempre digo, olha, o tempo de hoje, é totalmente diferente ao tempo de ontem, porque as mulheres andam todas revoltadas. Andam a exigir os seus direitos. Tu não estás a ver que as mulheres já estão a galgar para o impossível? Repara bem. Se te apanham, se a essas organizações sabem que tu andas a bater dessa maneira na tua mulher, dão-te uma transferência para o Gabinete das mulheres na polícia. E lá elas vão-te tratar. Porque lá são mulheres polícias, elas vão tomar conta de ti. Tu já viste? Tu batestes numa mulher, depois seres tratados novamente por uma mulher? É preciso teres atenção, as mulheres andam todas

revoltadas, andam sempre a exigir direitos, direitos, em casa mandam, em todo o sítio, é preciso teres atenção, cuida bem da tua mulher, na mulher não se bate”.

Eu fiquei engasgada.

Às vezes eu refilo muito. Então ele diz assim: “mas como é que tu não vais refilar? Tu por natureza és refilona, depois andas agora a exigir os teus direitos. Eu qualquer dia só tenho que pôr adesivo na boca na tua frente e dar-te continência”. Diz na brincadeira. Ele está sempre a dizer: “eu tenho que te dar continência”.

Eu às vezes ponho-me a rir, os miúdos até é que lhe vão picando: “olha, papá, a mulher e os seus direitos”.

Então ele: “sim, as mulheres andam todas zangadas, andam todas elas a exigir direitos”.

Em jeito de conclusão

Desde a última vez que falamos e que contei a minha história muita coisa aconteceu. Eu na altura sentia-me em paz. Não totalmente satisfeita nem realmente feliz, mas em paz. Até que as coisas começaram a mudar novamente e parecia até que tinham voltado os velhos tempos.

O que aconteceu foi que o meu marido começou a beber assim que arranjou algum dinheiro, através de alguns biscates. Aí começaram os velhos hábitos de chegar tarde a casa, de me obrigar a levantar de madrugada para lhe abrir a porta, de lhe dar de comer àquela hora, dos ciúmes sem fundamentos e da pancadaria. E eu, que pensava ter tudo já ultrapassado, sinto de volta o medo e a angústia.

Houve vários episódios de agressão física, um dos quais em público, com todos os presentes a assistir. Chegaram até a parar para olhar. Ninguém interveio, se calhar porque ele ameaçava bater em todos os que olhavam com mais atenção, perguntando se eram eles os meus amantes. Houve também cenas privadas de grande humilhação, como quando cuspiu em mim em frente dos meus filhos.

Talvez em resultado de tudo isto, eu adoeci gravemente com um derrame dos pulmões. Tive febres altas que não passavam, enquanto no hospital só me davam medicamento para a malária. Só quando fiquei mesmo mal é que um médico me mandou fazer uma radiografia e descobriu que tinha algo nos pulmões. Mas antes disso, eu estava num estado preocupante e ele saía de manhã e voltava à noite e deixava-me só com os miúdos que não sabiam o que fazer porque eu nem me levantava da cama.

Tornei a perder o peso que tinha ganho, sinto-me fisicamente cansada e moralmente desgastada. Apesar disso, não desisto. Tenho que pensar nos meus filhos. O meu mais velho, a maior vítima de toda esta violência na família, porque o pai nunca deixou de lhe bater e de insultá-lo, tem-se metido em complicações. Tudo porque ele busca encontrar fora de casa o que não encontra na família. Por eles, por causa dos meus filhos, vou ter que deixar o meu marido. Já pensei e decidi. Mesmo numa palhota, a vida pode ser boa se houver paz. De que me serve viver numa boa casa, com o mínimo de conforto, se não existe harmonia? Se nos sentimos humilhados?

Outra coisa que eu aprendi, desde que falamos da última vez, é que eu devo contar a todos o sofrimento que tenho passado. Comecei pelo serviço e relatei detalhadamente às minhas colegas os maus-tratos que andava a suportar. Elas sabiam indirectamente, mas desta vez foi a história completa. Desde aí tenho que reconhecer que me têm prestado

uma grande solidariedade e eu sinto-me mais acompanhada e já não sofro sozinha.

Fiz o mesmo com as minhas vizinhas, começando com duas que eu sei que também sofrem de violência com os maridos. Houve até um episódio engraçado, na manhã seguinte ao meu marido ter-me cuspidos na cara. Quando desci para ir ao serviço, ele já se encontrava no passeio ocupado com as coisas deles. Estavam presentes uns empregados a carregar água e uma dessas vizinhas, que me perguntou: “então como passou a noite?” Ao que eu respondi: “muito mal. Imagine ...”. Etc. Contei tudo o que tinha acontecido e em voz alta. Ela e todos os presentes ouviram, inclusive o meu marido que ficou quietinho. A outra vizinha de que falei também se apercebeu de qualquer coisa e veio saber o que se passava e eu tornei a repetir tudo. Já não me vou calar. Mais tarde, nesse dia, o meu marido disse à minha filha, “a tua mãe está perigosa”. Eu também ameacei-o de ir ter com os amigos dele, esses da bebida, e de lhes contar tudo o que ele me tem feito. Não reagiu mas acho que ficou com receio.

Uma coisa que reparei é que a violência aumentou também quando eu deixei escapar a minha vontade de me separar. Dá a impressão de que não admite e vinga-se. Mas isso não me vai impedir de seguir em frente, até porque tenho o apoio dos meus filhos. Até a minha filha mais nova se tem insurgido e dado sermões ao pai, perguntando o que é que ele acharia se visse a sua própria mãe a ser batida da mesma maneira que ele me agredia. Quando à noite há uma discussão os miúdos logo abrem as portas do quarto para saber o que se passa. Querem proteger-me.

Eu sei que se não me separar ele vai acabar por me matar. Todos me têm dito isso. A minha irmã, as minhas colegas e certas amigas. Há também isso do SIDA que me tem preocupado. Ao longo destes anos eu aprendi a saber que quando eu sofro muito em casa e ele anda na

bebedeira, há sempre uma outra mulher por perto. Mas eu não tenho maneira nenhuma de lhe dizer para usar o preservativo. Ele, como sempre tem feito, há-de virar esse pedido contra mim: “com quem é que andas ou o que é que tens para me dizeres isso?” Por isso, se calhar eu até já tenho o vírus e não sei. O meu filho aconselhou-me a ter coragem e a ir a um GATV. Não sei o que fazer.

Mas eu não vou voltar atrás, vou-me separar. Há muita gente, descobri isso desde que comecei a falar, que me há-de apoiar. Mas antes de tudo vou à Polícia. Hoje já sei dos Gabinetes e elas lá hão-de ajudar a conter esta violência. Eu quero sair mas não quero apanhar mais por causa disso. Não quero continuar com este medo.

História de vida 2

GABRIELA: Aprendendo a buscar paz e tranquilidade

Vi a Gabriela a rever a sua vida como descobrindo e organizando as lembranças. Às vezes até ficava surpresa perante aspectos que deixou passar, pensando que a vida é assim mesmo, sem questionar, mas, ao vê-los agora de longe, até se admira de não ter reagido antes. O trabalho da Gabriela tem a ver com recursos humanos e permite-lhe estar em contacto com os problemas das pessoas. Tem tratado e escutado muitas pessoas que sofrem, com problemas similares ou maiores do que aqueles que a vida lhe apresentou. Isto tem influenciado a maneira como interpreta o seu percurso, que é parte do que acontece a outras mulheres. Ajuda-a a reflectir e a encontrar soluções. Ajuda-a a pensar que ela ainda tem uma vida por viver.

Eu vejo a Gabriela com ilusões, e apesar de algumas inseguranças, com um certo optimismo. As dores do passado já foram ultrapassadas e fazem-na pensar num futuro simples e possível. Tem forças para lutar por uma vida mais independente. Questiona o “lar” como o único enquadramento para ser alguém na vida, mas não renuncia totalmente ao amor. Quer ser livre, não depender. Ela acha que vai conseguir.

Gabriela tem 35 anos, vive com os seus 3 filhos e tem um namorado. Nasceu numa zona rural, o pai era carpinteiro e professor primário e a mãe camponesa.

Completoou a 9ª classe mas continua a estudar no curso nocturno, tem um emprego e é independente do ponto de vista financeiro.

O meu primeiro companheiro

Eu primeiro gostaria de falar dos meus casamentos, da época do casamento. Prefiro começar pelo primeiro companheiro.

Bem, eu estudava numa escola secundária, ainda a fazer a 5ª classe, então, esse tal senhor era servente numa instituição, então prontos. Eu, quase não namorei com ele, e num belo dia eu vinha do mercado, cruzou-se comigo, falou comigo e prontos, como esse senhor já tinha uma sua palhota onde ele vivia e eu aceitei o convite dele, e prontos. Fui lá e ele seduziu-me. Eu ainda tinha 15 anos de idade.

Continuamos, era aquela coisa aí, convidava-me para um restaurante para tomar um refresco e prontos. Assim, no ano seguinte que era em 86 nesse caso, eu já tinha 16 anos, continuei a estudar, esta já na 6ª classe.

Estava em casa da minha tia, irmã do meu pai. Só que daí, ele num belo dia me convidou para casa dele, eu fui para lá, estávamos quase na época de fazer avaliações finais. Então prontos, eu chego lá em casa dele, prontos,... a gente... prontos, tivemos relações sexuais. Só que eu

não me apercebi logo que fiquei grávida. (risos) Da primeira vez logo fiquei grávida, eu com 16 anos.

Prontos, dali fui continuando em casa, só com pequenas diferenças, ora vômitos, ora enjoos, ora não sei o quê... Prontos, mas eu sempre ia à escola, não deixei de estudar. Só que já na véspera de exames, eu comecei a me sentir mal, a barriga já estava a dilatar-se.

A minha tia num belo dia acorda de manhã e viu-me a vomitar. Procurou saber o que estava a se passar. Eu disse: “Não, estou com problema de malária. Acho que isso aqui depois passa”.

Só que prontos. A minha tia foi desconfiando porque as pessoas já lhe haviam alertado que “a tua sobrinha, acho que ela está grávida”, “que a tua sobrinha não sei o quê”.

Prontos. Dali, a minha tia aproxima, procurou mais uma outra senhora idosa. Aproximaram-me ali, começaram a me investigar e eu acabei dizendo o que é que estava a se passar, que eu estava grávida... Quer dizer, eu não disse que estava grávida. Eu disse: “Eu não sei o que é que está a acontecer comigo, mas só sei que já estou há 3 meses ou mais que não vejo o ciclo”. Até que já tinha 4 meses.

Então a minha tia procurou saber com quem eu namorava, eu lhe expliquei: “Eu namoro com o fulano”.

.

Então foram atrás dele, foram lhe buscar, vem aceitar. Por acaso não rejeitou.

Dali, a minha tia manda-me embora da casa, que não podia viver comigo porque eu já estava grávida, que senão um dia qualquer eu ia começar com umas dores à noite e depois tinha de ir dizer para o meu marido. Prontos, fui lá viver com ele. Só que ele não viveu comigo lá

onde tinha casa onde ele vivia, foi me pôr em casa dos pais a uma distância de uns 14 km para fora da cidade. Mas prontos, fui entendendo, não é?

Os meus sogros eram camponeses. Então eu fui viver lá, ele sempre viveu na cidade. Porque de dia trabalhava e à noite estudava. Eu já não podia ir mais à escola, acabei ficando em casa.

Prontos. Nas manhãs acordávamos, íamos à machamba com os meus sogros. Só que, aquela vida aí eu não havia acostumado a ir à machamba. Cresci bem, numa família rica, eu tinha todas as condições. Eu achei aquilo como se fosse um sofrimento. Mas fui suportando, porque também já me pesava na consciência ter que voltar para casa dos meus pais pedir desculpa depois de estar grávida.

Prontos. Fui vivendo lá, chegaram os dias dei parto, depois do parto continuei a ficar lá, íamos à machamba.

Bem, uma das vezes, eu assim a dormir com o meu primeiro filho, era antes de ter o segundo filho... Dali, aparece meu sogro à noite, abriu a porta da minha casa e entrou. Eu apercebi-me que entrou uma pessoa estranha. Eu acordei, sentei na cama, só que ele entra ali e chama-me pelo nome, “fulana, fulana”, eu respondi: “papá?”. Eu achei que ele ia à procura do filho: “Não, ele não vem hoje, vem na sexta”.

Disse: “Eu tenho uma conversa”.

“Que conversa?”

“Ah, eu queria me amantisar contigo”.

Eu disse: “Isso não pode ser”.

Eu começo a gritar, então a minha sogra se apercebeu, então ele sai a correr e vai-se esconder atrás da minha casa. Só que por detrás disso, quando o meu marido vem no fim-de-semana, eu vim lhe contar, meu marido disse: “Ah, tu és mentirosa, tu estás para incriminar o meu pai, tu não sei o quê”.

Pegou-me e começou a me bater. Era a primeira vez que me batia. Foi arrancar uma vara, começou a me bater, aí eu comecei a gritar, até quem me veio acudir é a mãe dele.

Dali eu comecei a ver, eu aqui acho que não tenho sítio onde queixar. Porque o pai fez isso, primeira coisa, um sogro teu que te abre a porta pede sei lá o quê contigo, não pode ser, isso aqui deve ser falta de qualquer coisa. Agora, venho informar o meu marido, toca a me bater, toca a me insultar. Foi uma fase também que me chocou bastante, porque mesmo se eu tivesse aceite andar com o meu sogro, não era justo, não era justo. E também eu não consegui sair e ir informar os meus familiares, porque era já a pior coisa, eu preferi mesmo informar a ele, só que ele como não quis ouvir, pura e simplesmente ignorou.

Bem, a minha família não era rica nem era pobre, estava numa fase social que dava para viver. Eles sempre falavam disso: “Como ela sai de uma família rica, ela despreza as pessoas, tens que casar uma mulher de uma família pobre da nossa zona, não sei o quê”. E prontos, ele acabou entendendo o que a família dizia, porque prontos, acabamos por nos separar e ficou com outra.

Ele não gostava de mim, eu senti que ele não gostava de mim, tratava-se de eu estar lá porque sou a mãe do filho. Doía. Eu estava naquilo de que não tenho onde ir, não sou capaz de voltar de novo de voltar na casa dos meus familiares, este homem não me lobolou, este homem não me casou, para eu ter de voltar com um filho para casa dos meus pais. Eu sentia cá um pesadelo que achei melhor ficar por lá a sofrer, receber

todos aqueles insultos com os meus sogros, com ele próprio meu marido.

Eu exigia sempre para que se apresentasse na minha família, até porque a minha família fazia de propósito, exigia, mas ele nunca havia se dado oportunidade para fazer o tal.

Foi muito curto tempo que gostei dele, curto tempo mesmo, quando ainda estava grávida do primeiro filho. Mas, logo que eu dei parto as coisas foram mudando bruscamente, que eu cheguei ao ponto de não saber porque é que mudam daquele jeito.

Fiquei três anos a morar com os meus sogros. Ninguém me aconselhava. Estava muito sozinha.

Só que, quando a criança estava a atingir uma idade de 6 meses, nisto foi no tempo da guerra. Eu já estava cansada de correr de um lado para outro com bebé no colo, à noite. Então eu decidi viver lá onde meu marido vivia, para evitar essas coisas de correr para lá com criança a chorar, no mato. Dormíamos no mato por causa de bandidos. Então fui acabando viver lá. Prontos, vivemos um tempo.

Lá na vila onde ele ficava começamos a ver que a vida já estava ser muito difícil, ele quase não recebia nada, nós já tínhamos um bebé por criar. Só que eu comecei a ver maus-tratos, meu marido já não gostava de mim. Meu marido me insultava de qualquer maneira. Então eu fui suportando, e um dia resolvi falar com ele: “Mas afinal de contas o que é que está a acontecer?”

Afinal de contas já tinha uma outra amiga fora, onde ele lá ia ficar às vezes dois dias. Prontos. Então eu falei com ele: “Olha, porque é que não te metes num curso ali”.

Porque havia inscrições para ir a um curso noutra cidade. Então ele daí se inscreveu. Foi ao curso.

Quando ele sai e vai para o curso, os meus familiares me chamam para outra cidade, para ir viver com eles. Porque eu estava a sofrer com criança, não tinha nada para dar de comer à criança, nem para vestir. Então eu fui lá, fui viver lá. Só que a família dele sentiu-se envergonhada, vieram lá para casa dos meus familiares: “Nós estamos a pedir a nossa cunhada, nós vamos viver com ela porque o nosso irmão ainda está no curso”.

Então prontos, a minha família lá aceitou. Eu fui viver em casa do irmão, noutra cidade. Fui vivendo lá, o meu marido terminou com o curso, decidimos voltar para casa. Depois de um ano. Voltamos já para a terra (na província), fomos viver em casa de um tio dele, e ele nessa altura fazia trabalhos na cidade próxima. Ele era militar.

Eu fui vivendo em casa do tio dele. Porque o tio também chegou de abandonar, foi para a África do Sul e deixou-me na responsabilidade da casa.

Ele já não vinha na minha casa, não me fazia nenhuma despesa. Bem, eu decidi ir falar com os chefes dele. Dali, falei com chefes dele, davam-me qualquer coisa por cada fim do mês para sustentar aquela criança e prontos. Acabava um mês, dois meses, sem pôr os pés. Nisto, aquele filho que eu tinha já estava grandinho. Uma das vezes decide voltar para casa, chega lá, a gente fez aquela relação, de novo foi uma outra gravidez inesperada; porque eu nem sabia como evitar, também nem sabia o que era... praticamente qual era o gosto daquilo, só era fazer por fazer, aquela coisa de fazer por criancice.

Prontos. Fiquei grávida de novo, só que ele sumiu, tendência era de ficar sozinha. Então os pais dele sentiram porque eu estava sozinha,

estava grávida, estava com aquele miúdo ali, vieram buscar o miúdo, fiquei sozinha. A minha barriga foi crescendo, foi crescendo. Ele voltava às vezes depois de um mês, às vezes depois de dois meses, e não trazia nada, afinal de contas tinha uma outra mulher na cidade onde trabalhava, que já havia engravidado.

Prontos. Dali, continuei a viver, os meus familiares me mandavam comida, a barriga foi crescendo, só que mais tarde eu lhe fiz ver que, “olha, eu estou assim, estou grávida”. Eu vim para o serviço dele, “Estou grávida, tu não podes ficar muito tempo assim sem vir me visitar, um dia qualquer morre, não sei quê”.

Ele diz que “Não, essa grávida não é minha”.

“Não é tua?”

“Sim”.

“Está bem”.

Eu não fiz mais nada e voltei, fui viver na minha casa.

Chegou o dia do parto, fui dar parto, era um rapaz. Mandeí um dos colegas: “Vão lá dizer a ele que estou de bebé, um rapaz”.

Prontos, eu continuei a viver lá no mesmo sítio, as pessoas que me socorriam eram vizinhos, eram amigos, eram às vezes familiares dele, eram meus familiares, prontos, assim consegui viver. Só que um belo dia ele entende que deve voltar para casa. Prontos, chegou em casa, veio me apanhar eu já estava com o meu bebezinho. Eu até cheguei ao ponto de ir ao hospital sozinha, dei parto numa noite, de manhã já estava a sair do hospital para casa, porque não tinha ninguém para me cuidar, tinha de voltar para casa para ir lavar, para ir não sei o quê.

Voltei já no terceiro dia para ir vacinar o meu bebé. Dali ele chega, parou assim na entrada, disse “Boa tarde”. Saudei-me com ele. E ele disse: “Eu não tenho tempo, tenho que voltar”.

“Como? Não podes ficar pelo menos...”

Disse: “Não. Não posso ficar, não me deram dispensa”.

“Ah, é? Tá bom”.

Chegou uma dada altura: “Ah, eu já estou a ir”.

“Não. Pelo menos dizer alguma coisa. Esse bebé nem tem nome, já passa duas semanas”.

O primeiro filho ele reconheceu. Mas o segundo já não reconhecia. Então disse assim: “Tens que ir para casa dos teus familiares com esse teu filho, para irem dar nome porque o bebé não é meu”.

Eu: “Ah? Tá bem”.

Não fiz mais nada e fiquei. Fui ficando, fiquei quase 15 dias a ver se ele voltava, só que ele nunca mais aparecia. Dali eu decidi levar o meu bebé para casa dos meus familiares, contei a história, o que é que estava acontecer. O meu pai já havia perdido a vida, era casa do meu tio, irmão mais velho do meu pai. Prontos, disseram: já que é assim, ele rejeita essa criança nós vamos dar o nome do seu pai mesmo.

Voltei para casa fui viver com aquela criança. Só que eu não me conformava realmente que aquele senhor não me queria. Fui lá onde ele morava.

Gostar dele eu gostava, gostava muito dele. Mas só que ele não gostava de mim. Então, eu vim para aqui, vim procurar a ele, sentamos, conversamos, eu disse que eu já estava cansada de viver sozinha, queria viver aqui. Ele disse que não tinha casa. Então, um dos tios ajuda-me a arranjar uma casa cá. Eu fui viver nessa casa.

Fui vivendo, então meses depois aparece-me uma moça a dizer que estava grávida e que a grávida era do meu marido. Eu recebi-lhe, não fiz mais nada, mandei chamar a ele no serviço.

Eu: “Recebi essa senhora, diz que está grávida, a grávida é tua, não sei o quê”. Então, prontos, ele não desmentiu, aceitou.

Voltaram para casa, porque aquela senhora estava com os pais. Quando dá parto, os pais da miúda vêm na minha casa: “Ah, nós estamos a vir dizer que ela já deu parto. Nós queremos roupa, queremos sabão, queremos farinha para fazer papinha”.

Eu fui tirando aquilo que eu tinha em casa para o meu consumo. O meu marido não estava, vivia no serviço. Só passava de vez em quando. Só que aí vem uma história muito dolorosa. Ele como militar que era, para me afugentar da casa, já voltava com arma, chegava ali me ameaçava. Batia-me, eu sofri muito de violência, eu sofri muito, muito mesmo. Tenho histórias muito...sentimentais que até posso...mesmo...sei lá.

Então, prontos. Uma vez ele aparece-me à noite. Chega em casa e bate à porta. Eu aquela coisa de querer escutar. Quem essa pessoa que está a bater a porta. Porque bate a porta e não diz quem é. De novo bateu a porta. Eu perguntei: “Quem é?”

“Abre a porta”.

Quando tento querer abrir a porta do quarto para sair para abrir a porta da sala, afinal de contas ele já estava a dar na porta o pontapé. Eu ainda a perguntar: “Afinal o que é que está a acontecer?”

Ele deu um tiro para o ar. Eu logo caí. Desmaiei. Aquele meu filhinho pequenino começa a gritar, só que ali quando os vizinhos se aperceberam vieram a correr: “O que é que se passa, o que é que se passa?”

Ele ali disparou, fechou a porta e foi-se embora. A criança continuou a chorar lá dentro.

Então, prontos. Os vizinhos quando chegaram viram-me estatelada, correram, foram em casa de uma minha tia. Foram dizer: “A tua sobrinha morreu”. A minha tia vem a correr, vem arranjar um carro e me levaram para o hospital, ficar internada. Eu sofria de tensão alta, que nem imaginas. Eu sempre caía. Eu nas noites nem dormia, ficava a pestanejar assim até amanhecer. Eu até por fim adoptei o sistema de engomar a roupa nas noites, para não ter que ficar só assim na cama a rebolar, porque dói muito. Prontos.

Fui ficar uma semana no hospital, saí do hospital para casa, ele nunca tinha vindo no hospital me visitar. Deixou-me por lá com aquelas crianças. Quando eu saí do hospital, chego em casa, ele soube que eu já havia tido alta, dali, chega em casa, começou a querer discutir, a me ameaçar, eu nada falei. Só que mal que ele saiu à tardinha, eu vi que não. Eu já estava saturada de tanto maus-tratos, eu achei melhor abandonar, então eu peguei nos meus filhinhos e fui para casa dos meus familiares.

Quando chego em casa da minha tia, irmã do meu pai, eu expliquei o caso, como é que foi. A minha tia disse, “Tá bem”.

Então dia seguinte, parece que alguém passa lá de casa e não viu ninguém, foi dizer a ele, “Eu passei da tua casa e ninguém está”. Então ele volta, chega ali vê que eu tirei tudo o que era meu e a roupa dos meus filhos. Só que ele vem ao encontro, chega lá, eu não estava, havia saído para a cidade, então ele chega, carrega os dois miúdos e some. Foi deixar em casa dos pais. Lá para o interior, lá longe.

Eu volto, “As crianças?”

“As crianças o pai veio carregou e foi-se embora”.

Eu deixei, eu não fui atrás porque sabia que se eu fosse atrás dele, talvez eu... o que teria me acontecido era pior.

Eu não ia visitar os meus filhos, porque não podia ir. Como?

Prontos, aquela criança mais nova não foi ter saúde. Começou a adoecer, adoeceu aquele miúdo de um jeito. Dalí, o meu sogro manda alguém para vir me chamar. Então eu saio, vou para lá. Chego lá, começou a me insultar: “Tu és feiticeira, tás andar a enfeitiçar o meu neto para não vir viver comigo, porque você saiu da casa do meu filho alegando que meu filho é pobre, agora porque é que você hoje em dia vai enfeitiçar meu neto?”

Começou aí a mandar boca, então, “Eu te chamei para vires levar o teu filho”.

Eu levei o meu filho de volta ao hospital. O pequenino. O mais velho ele negou, não quis me dar.

Prontos, eu voltei, cheguei aqui, meti meu filho nos cuidados hospitalares, ficamos internados, o miúdo começou a recuperar. Comecei a viver com o meu filho, fui vivendo, fui vivendo com ele,

não sei o quê. Ele também não vinha visitar a criança, eu também não tinha o direito de ir para casa do pai para visitar o outro miúdo. Quando o meu filho atingiu os 7 anos, tive já uma relação com alguém, e esse alguém fez o possível de me levar a um curso, fui fazer o meu curso, voltei e comecei a trabalhar.

Assim vi que a minha vida já estava a melhorar, eu também via-me um pouco aliviada, a minha tensão já tinha tendência de se diminuir, e prontos, fui vivendo e foi assim que ultrapassei a primeira fase do meu casamento.

O meu segundo casamento

Eu depois de terminar o curso que me permitiu ter um emprego, eu comecei a namorar, namorar com um senhor e tal... Mais tarde depois de estarmos juntos fui descobrir que ele era o sexto casamento.

Prontos, já que os homens têm papo bonito, falamos juntos, aceitamos, ele me leva para casa dele, foi-me apresentar os familiares, e ele aceitou ir-se apresentar em casa dos meus familiares logo de imediato. Os meus familiares disseram que queriam lobolo, ele não dificultou, nem levou quase 3 meses, ele preparou um lobolo, como ele trabalhava num sítio onde era fácil arranjar dinheiro, prontos, ele foi-me lobolar. Depois dali, deram-lhe lista para o casamento, de imediato, aquilo não levou um ano. Nós preparamos o nosso casamento, chegaram os dias e casamos. O nosso casamento foi tão bonito, tão bonito, mas que... Cujo, aquele casamento foi muito acelerado que nem eu imaginava que aquilo ia acontecer, prontos, quase até nem chegamos de namorar muito tempo.

Eu já tinha noção, já era experiente, já era mãe. Aquilo não foi uma coisa de dar voltas, a gente falou e começamos a namorar. E ele como

vivia em casa dele só, eu ia à casa dele íamos escutar música, passeávamos juntos, eu passava noites lá, porque eu era mãe de dois filhos, ali praticamente ninguém mais me controlava.

Mas já no casamento veio mudar. Mostrou-me que ele era mau, ele batia. Eu acho que ele é mau de natureza.. Mas comportou-se daquela maneira no princípio do nosso namoro, acho que era aquela coisa de querer me conquistar, para ter alguém próximo, porque ele já se conhecia o comportamento dele, eu era a sexta mulher. Então, era uma forma de fazer-me entender que ele é tão simples... para eu cair na ratoeira. E realmente depois de eu ter aceite tudo, casamento e tudo, foi daí que eu comecei a ver a diferença. Já ali, houveram maus-tratos, porrada, todos os dias em casa dos pais, resolvíamos, voltávamos. Todos os dias em casa dos padrinhos resolvíamos e voltávamos. Aquilo não rendia quase nada.

E ele no período do namoro nunca havia-me prometido porrada, nunca havia-me maltratado, sempre quando eu pedisse alguma coisa, ele tirava dinheiro e me dava, porque não sei o quê. Então depois do casamento, eu só vim ficar feliz dois meses. Dois, dois meses.

Quando eu comecei a viver em casa dele, já casada, ele não queria ver nenhuma vizinha em minha casa, não queria me ver fora da casa em casa de vizinhas assim a conversar. Eu tinha de estar fechada dentro do quintal. Na casa, eu tinha que conversar só com os meus filhos, meus enteados, e as minhas sobrinhas. Daí que foi difícil eu ter amizades com vizinhos, que é para me dizerem como ele era. Mas a partir do momento que ele já se demonstrava ser mau, fui vendo que não, esse aqui está a me privatizar que é para eu não ir ouvir e ver coisas dele, daí que começava já poucos aos poucos, quando ele saísse para o serviço, eu também roubava e saía fora do quintal, conversava em casa de vizinhança. Eu controlava a hora, via que era hora de eu voltar para casa, corria voltava para casa. Comecei a entender com a vizinhança

que ele era hábito dele, que eu era a sexta mulher; contaram-me, inclusive essas senhoras mais tarde começaram a aparecer mais tarde: “Ah, venho ver meu filho”, “Ah, não sei o quê”, e assim fui conhecendo.

Quando casamos, dois meses depois começaram brigas, “Ah, filho, estamos há bom tempo e você não faz filho”. Eu já estava com os meus dois filhos, mas não estavam em minha casa, estavam em casa da minha tia.

Prontos, dali: “Ah, porque você não faz filho, tem que fazer filho”, não sei quantos. Dali eu vi que tinha necessidade de fazer filhos, ele já havia casado e sempre eu sofria palavrões, ele me insultava, porque é isso, guisado, assado. Então daí, eu entendi que tinha que fazer filhos.

Só que antes de eu conceber, acontece que ele já não me queria ver no serviço: “Tu tens que deixar de trabalhar, tens de deixar, tens de deixar; se tu não deixas, aqui na minha casa não seremos felizes. Tu tens que deixar de trabalhar”.

Eu: “Ah, não, eu não posso deixar”.

Ele não havia mencionado coisas assim no namoro. Nem de filho, nem de deixar de trabalhar. Mal que se casou já tinha de deixar de trabalhar, já tinha de fazer filho, já tinha de fazer não sei o quê: “Porque cada vez que você sai para o serviço, vais namorar”.

Prontos, eu fui resistindo, acordava de manhã ia para o serviço, às vezes na minha volta vinha receber boas porradinhas. Às vezes dia seguinte, eu acordar assim para tomar banho, ele me trancava dentro da casa, acabei arranjando problema no meu serviço. Não podia sair e nessa altura eu já estava a conceber. Eu fiquei grávida, a nossa vida foi aquela, não melhorou. Não melhorou. Piorou a situação. Quando me

via a mim, quer dizer, aquilo parecia estar a ver uma cadela que... sei lá... Parecia estar a ver um burro que nem valoriza. Batia-me sempre, eu sofria porradas. Eu cheguei ao ponto de uma vez ele me bater e eu ir parar na sala de reanimação uma semana, eu estava grávida de dois meses, comecei a ter uma ameaça de aborto... Deu-me socos, chutava-me. Esse era um homem grande, alto, que nem dava para esquivar, nem para lutar, nem para nada. Prontos, e ele aguentava lutar com 4 homens. Eu acho que ele fazia isso porque já sabia que mesmo me maltratar de que jeito, eu já não podia sair porque afinal de contas eu já estava grávida dele. Eu ia pensar mil e uma vez para sair, abandonar a casa dele com a gravidez ou com o filho. Acho que é isso que ele pensava.

Dali, eu fui vivendo com ele, a barriga foi crescendo. Uma das vezes eu fiquei mal, então ele sai, vai em casa dos nossos padrinhos, porque a minha madrinha era enfermeira, vai chamar a minha madrinha que é para vir me aplicar algumas injeções. Uma minha prima aparece, ela diz assim: “Eu vinha te visitar, como é que estás?”

Eu disse: “Eu já estou a melhorar, mas eu desde que mandei o teu primo que é para ir buscar a minha madrinha que é para vir me aplicar injeções, ele ainda não apareceu”.

Então a minha prima diz: “Eu já vou chamar”.

Eu: “Deixa que eu vou contigo”.

Dali eu saí, com 2 sobrinhos do meu marido. Então com a minha prima, então eu estava no meio, os dois sobrinhos estavam assim de lado, começamos a andar, a andar, a tomar o rumo do caminho onde ia dar à barraca onde ele estava a beber. Só que prontos, eu de longe vi. É meu marido aquele, está com uma mulher abraçadinhos a beberem. Eu dali fingi que não vi nada, só que a minha prima conseguiu ver que eu descobri. Então dali, ela tentava sempre me puxar para o lado direito,

que é para eu não ir ao lado esquerdo onde ele estava. Só que eu virei assim com uma força tal, eu ganhei uma força que só consegui dar uma bofetada à minha prima, eu fui ao encontro do meu marido, eu peguei naquela senhora e começamos a lutar. Lutamos, lutamos, lutamos. Eu dali levantei. Prontos, naquele momento que estávamos a lutar, a minha prima estava a correr para ir dizer a minha tia que ali há uma confusão. Só que prontos, dali ela chega em casa e chama a minha tia.

Eu nisto voltei para casa, cheguei em casa e sentei. Só que quando eu sento ele já estava a entrar (meu marido), estava com aquelas varas. Eu estava grávida de 7 meses. Então tinha aquela vara daqueles picos grandes, aqui chamamos espinhosas. Vinha com uma vara daquelas, ele começa a me bater essas partes daqui com aquela vara, cada batida picava e aquele pico partia-se e ficava por lá, prontos, começou a me chutar na barriga, começou me chutar. Então lá estava a chegar a minha tia: “Ah, não façam isso, porque é que vocês fazem isso? Ela está grávida, não pode ser assim”, não sei mais o quê.

Dali a minha tia me pegou, fomos à casa de banho, fui tomar banho. Começaram a me tirar aqueles picos, começaram a me tirar aqueles picos... Dali me levaram para o hospital, fui ter tratamento, fiquei internada porque já tinha problemas de ameaça de aborto. Fiquei internada cerca de 15 dias. Dali a minha saúde foi daquelas que só ficava dois dias em casa, uma semana no hospital...já não trabalhava.

No hospital havia polícia, mas ainda não estávamos a saber que aquilo aí era um crime. Eu não estava ver que era fácil meter queixa na polícia. Eu só recebi tratamentos, voltei para casa, cheguei lá, fiquei por lá. Ele continuou violento. Eu cheguei ao ponto de dar parto a levar porrada a valer. Aquele senhor era muito rebelde. Era muito rebelde.

Depois do parto, começamos a viver, com bebé pequenino me batia. Eu já havia perdido o emprego. Ele foi lá para o serviço. Foi insultar os

meus chefes: “Ah, porque vocês não são nada, porque a minha mulher o dinheiro que ela ganha aqui não serve para nada, são trocos, porque eu não quero ver a minha mulher a trabalhar mais aqui”.

Isto fez fora do meu consentimento. Pensava que eu se fosse lá para o serviço ia namorar, porque ia lhe desprezar, porque eu recebia mais que ele, ia-lhe desprezar, ignorar o salário dele. Então preferiu que eu ficasse em casa. Eu voltei a viver lá em casa mas muito mal, eu já estava desesperada, desapontada. Eu estava magrinha, magrinha que os meus próprios familiares me rejeitavam, pensavam que eu estivesse infectada de vírus de SIDA.

Mas eu entendi. Eu vivia com filhos dele que havia feito com outras mulheres, então ele dessa vez viaja. Então fui-me apercebendo que ele teve mais mulheres que também abandonaram por causa desse comportamento de porrada, porque não aguentavam com a porrada, essas coisas todas.

Prontos, então um belo dia ele sai. Ele saiu, ele viajou. Dali eu: “Ah, eu já estou cansada, tenho que me ir embora. Eu como tinha muitos bens em casa dele, aluguei uma casa, retirei todas minhas coisas, fui deixar em casa dos meus familiares e fui viver noutra cidade durante um tempo.

Só que ele voltou, donde tinha viajado, afinal de contas havia viajado para a terra natal dele com uma amiga. Ao mesmo tempo sempre ele namorava com outras. Eu me calei nos primeiros dias, mas quando fui ver que isso aí já está exagerado, eu falei com ele. Ele fazia de propósito, às vezes convidava as amigas para perto da casa, namoravam, as pessoas vinham-me dizer: “Ontem nós vimos a ele aí assim, porque não sei o quê”.

Às vezes aquelas senhoras entravam em termos de pedir água lá em casa, afinal de contas vinham querer espreitar se ele está lá ou não.

Eu só falei: “Olha, eu já sei tudo que tu andas a fazer, tu namoras, tu não sei o quê”.

Então ele insistia: “Porque dizes isso? Qual é a pessoa que te disse?”

Eu: “Não, estou a ver pelo comportamento, aqui em casa já não há entendimento”. Foi assim que eu falei com ele.

Mas mais tarde vim falar mesmo seriamente com ele, porque uma das vezes eu já lhe apanhava aí nos hotéis, mesmo em casa, basta eu viajar, voltava com mulheres ali em casa e dormiam na minha cama. Ele nunca prontificava-se em mudar o comportamento. Ele só dizia que: “Ah, não. Peço desculpas, peço desculpas”. Às vezes me batia. Eu não acabava um mês sem apanhar.

Eu comuniquei à minha família os problemas e a posição deles era de me tirarem daquela casa, porque estavam a ver também que eu estava a sofrer maus-tratos. Foram falar com ele, por várias vezes, só que não resultava nada. Quando estivessem ali, ele fazia de contas que estava a ouvir, mas mal que saía aquela família ficava a insultar-me: “Ah, porque você mandou chamar a tua família, para virem exhibir porque vocês são ricos, porque eu já não quero ver a tua família aqui, porque...”. Sempre foi desse tipo de gente.

Dali, como contei, eu fui vivendo em casa dos meus familiares. Ele vem para casa dos meus familiares: “Eu estou a pedir desculpa, quero reconciliação, quero não sei o quê, porque eu já não vou repetir mais, porque não sei o quê...”. Já sabe, o homem tem um papo...

Ele queria-me de volta porque ele já estava a se ver que aqui nesta província já não tinha oportunidade de ter mais uma outra mulher, porque a maior parte das mulheres já conheciam o comportamento dele, então ele praticamente viu que ia ficar só por toda a vida, porque não é normal que um homem tenha deixado 5 mulheres, a sexta era eu, isso é anormal, então significa que alguma coisa ele tem de mau, que é esse aspecto de porrada.

Prontos. Eu dali aceitei voltar, eu gostava dele. Gostava do meu casamento. Comecei a ver: “Ah, não, ele é meu marido, eu gosto dele eu amo dele, tem que viver com ele... Aquela coisa vai passar, é uma fase”.

Depois de me sensibilizarem muito acreditei. Que ele ia mudar, ele fez declarações que ele ia mudar de comportamento, que não voltava a me bater mais. As minhas tias começaram: “Ah, sim, é bem capaz que ele possa mudar, tu tens que voltar, dá-lhe mais uma oportunidade”.

Prontos, eu fiquei sensibilizada, e ele já que sabia que se queria reconciliação tinha que me babar, fazia tudo, fingia que me amava, que ele mudou de comportamento. Só que prontos, isso foi enquanto estivemos lá.

Então, chega um dia, decidimos voltar (para a província). Só que afinal de contas em casa havia deixado uma mulher. Ele havia pegado uma mulher e deixou-lhe ali em casa. Então, quando eu aceitei a reconciliação, eu disse aos meus familiares porque eu já sabia: “Ele tem uma outra mulher”.

Disse: “É mentira, vamos lá para tu acreditares que eu não tenho nenhuma mulher, você andou a ouvir coisas de pessoas”.

Eu: “Tá bem”.

Então eu falo com o irmão mais velho dele. Eu fiz-lhe ver: “Eu tenho essa carta, alguém me enviou, diz que tem uma mulher em casa”.

Então o irmão tirou um dinheiro, disse: “Vai para comprovar, porque senão ele vai ter razão. Porque assim se você nega de longe, vai dizer: pois é, ela negou, não sei o quê. Se fores a comprovar que tem uma outra mulher lá, voltas para casa dos teus familiares”.

Prontos. Eu arrumei as minhas malas, só que no dia seguinte... disse que íamos viajar no machimbombo das 6 horas. Mas afinal de contas estava a dizer isso porque ainda queria ligar para casa, para dizer àquela mulher ali para se retirar da casa. Só que aquela mulher recusou. Disse: “Eu não vou-me retirar, não, porque eu já estou em problema com os meus familiares por sua causa. Eu vou ficar aqui na sua casa”.

Ele liga fala com o primo, diz que: “Quando ela for a sair para escola tu ficas a tirar toda a roupa dela e vai pôr na outra barraca, porque eu volto aí amanhã no machimbombo.

Então prontos, aquela senhora ficou, não quis sair. Então o primo, quando ela sai para a escola, aquela hora das 17 e tal, tirou toda a roupa, malas de roupa dela e foi esconder num sítio. Nós às 19 estávamos a chegar de machimbombo, então chegamos, eu como já sabia que ele tinha uma mulher, eu mal que descí, entrei em casa... Então estavam lá os filhos, os sobrinhos que com eles viviam, começaram: “boas vindas, boas vindas”.

Então ele sai, disse: “Eu vou comprar um refresco para a criança”.

Então ele sai, vai a um quiosque. Afinal de contas ele ia parar lá no quiosque que é para esperar da dama, que é para lhe dizer logo que é

para ela recuar, que a dona de casa já está lá. Só que ela volta de outro caminho. Chega em casa e me encontra: “Hiiii”.

Eu: “iá, exactamente”.

Ela não disse nada, só chegou e sentou na varanda. Então ela disse: “Boa noite”.

Eu disse: “Boa noite”.

Estava aí a cunhada dele, a esposa do irmão mais novo. Então, eu pergunto na cunhada: “Podes me dizer quem é essa senhora?”

Disse: “hiii, eu não sei. Cunhado é que há-de vir te dizer”.

Então esperamos. Ele nisto volta, chega ali e vê: “Afinal já está aqui?”

Dali, eu procurei saber: “Afinal quem é essa senhora? O que é que vem fazer? O que me disseste antes de virmos? Não disseste que não tens nenhuma mulher?”

Dali começamos a discutir, dali começamos a lutar. Me bateu dum jeito. Eu vi que hi, isto não vale a pena, só acabei dois dias, depois de ter sarado aquelas feridas, eu arrumei minhas malas, peguei no meu filho e voltei.

Daí que voltei, prontos, fui viver em casa dos meus familiares, fui fazendo meus negócios, ia à África do sul, à Suazilândia, os meus irmãos deram-me dinheiro para começar com o meu negócio, trataram-me do passaporte.

Prontos, fui vivendo, fui aguentando, 1997, 2000, prontos, eu a tratar a minha documentação do serviço, e realmente consegui a reintegração

em 2000. Então de novo disseram que tinha de voltar e vir trabalhar lá na província de onde estava antes.

Prontos, mal que consegui a reintegração, despedi-me dos meus familiares. De novo estou aqui desde 2000, estou a trabalhar, no mesmo sítio onde eu trabalhava, prontos. Dali, é assim como eu consegui ultrapassar pelo menos essa passagem.

Nós ainda não fizemos alguma separação oficial, eu só consegui me separar dele e eu estou a viver, ele também está a viver à maneira dele, e por enquanto ele não tem mulher. Desde que se separou comigo nem vive com uma mulher, vive na rua, ora está em casa dessa mulher, ora amanhã está em casa de outra mulher, por fim agora já está noutra cidade, o que está a fazer lá não sei, prontos, eu ainda não consegui tratar a documentação para meter o divórcio. Mas eu acho que com o andar do tempo, também um dinheiro que não tenho para tratar o divórcio... por enquanto o dinheiro que tenho só dá para dar de comer aos meus filhos, e prontos, um dia qualquer se eu conseguir dinheiro, eu vou tratar do divórcio para ficar mais à vontade, mais livre.

Mas estou feliz. Já não tenho problemas, em minha casa, com meus filhos vivo bem, não tenho sombra de dúvidas e talvez, como sendo ainda mais nova, com 35 anos que eu tenho, talvez vou precisar de um parceiro, mas até no momento não estou em crer que um dia qualquer voltarei a me juntar com alguém. Preferia viver assim só do que viver mal acompanhada.

A minha infância foi normal

Eu morava com a minha tia na altura do meu primeiro casamento, porque acontece que a minha mãe começou a ter uma doença, quer dizer, começou a ficar maluca de repente e prontos, os familiares da

minha mãe preferiram levar a minha mãe para ir viver na companhia dos familiares e meu pai viveu connosco, só que por detrás disso aí, o meu pai foi casar-se com uma outra mulher. Essa mulher tinha os seus filhos também e a nós maltratava, não gostava de nós. Então fomos vendo, tentamos reivindicar eu e meus irmãos, até que uma vez chegamos ao ponto mesmo de espancar a madrasta, porque prontos, não queria dar comida ao meu irmão, essas coisas todas.

Então prontos. Acabamos abandonando o comportamento do meu pai e da minha madrasta, vimos que aquilo não nos levava para mais além. Então nos saímos, abandonamos, todos nós de casa, abandonamos, deixamos eles com a casa, assim vim viver com a minha tia.

O meu pai e a minha mãe tinham 10 filhos, éramos 8 meninas e 2 rapazes, mas acontece que perderem a vida 2, eu nem cheguei de conhecer, porque foram mais velhos que eu, eu sou a última sorte da barriga da minha mãe e do meu pai. Então, ficamos 7 meninas e 1 rapaz.

A nossa relação foi muito boa, nós vivemos sempre com os nossos pais, com as mínimas condições que tínhamos lá onde vivíamos, deu para crescer, até que chegamos a uma fase de separarmo-nos com o nosso pai. Mas a gente se dá muito bem... Bem, o desentendimento nunca falta dentro de uma casa, há irmãos que se gostam, há irmãos que se rejeitam, assim sucessivamente. A única coisa na nossa família é: a gente gosta-se dois a dois, somos pares, eu sou amiga doutra cujo a outra não é amiga dela. Então, nós somos amigas duas a duas, duas a duas, assim sucessivamente.

Eu entrei na escola com 7 anos, estudei normalmente, nunca havia tido problemas, eu quase estudei até 6ª classe sem que tenha chumbado. Nós íamos à escola, estudávamos bem, éramos filhos de um casal que tanto gostava de nós e prontos, fomos assim estudando.

Não cheguei de notar diferenças entre o irmão e as irmãs, porque eu desde a infância crescemos em casa com uma empregada que cuidava de nós porque a minha mãe quase vivia lá para o interior onde tinha machambas dela, então deixava-nos em casa com o nosso falecido pai e a empregada. Então a minha falecida mãe voltava aos fins-de-semana, para vir passar o fim-de-semana. Então, tivemos aqueles mimos da empregada, nada fazíamos em casa, era só brincar, só brincar, chegava a hora de refeição era sermos solicitados para passar refeição e voltávamos de novo para as brincadeiras.

Gosto de ser menina, até aqui gosto de ser mulher. Quando atingi essa fase da menstruação, estava a viver com a minha irmã, então, logo que aquilo me apareceu numa manhã, foi no dia 8 de Fevereiro de 1983.

Então prontos, quando aquilo apareceu, eu tive medo de informar a minha irmã. Fui informar uma minha sobrinha. Disse: “Ah, não, tens que contar a mamã”.

Eu tive medo, fui tomar banho, voltei e vim ficar. Só que aquela minha sobrinha é que sai, vai dizer na minha irmã. A minha irmã vem ter comigo, ela procurou saber, eu disse sim. Perguntou-me, “Há quanto tempo?”

Eu disse: “Desde de manhã”.

Então aí levou-me foi-me fazer um tratamento tradicional, me ensinou como é que se devia tratar, como é que devia tomar banho, como é que poderia colocar um penso. Então prontos. Fiquei uns 3 dias em casa, disse que eu não podia sair nem fora do quintal, tinha que estar dentro do quintal. Quando passou aquela fase, continuei normalmente.

Ela só disse que era uma coisa normal, que sempre mensalmente aquilo ia aparecer por uns 2, 3, 4 dias e depois desaparecer. Não chegou de me explicar porquê. Nunca cheguei de saber.

A minha irmã era tão chata que não nos deixava sair para brincar. Só saímos íamos à escola, voltávamos da escola e ficávamos em casa. Não tinha muitas amigas de pequena. Mas agora tenho amizades.

O meu primeiro namorado

Com o meu primeiro namorado não tivemos relações sexuais. Era filho de um pastor da igreja, lá na zona quando íamos à igreja nos fins-de-semana, prontos. A gente foi se vendo na igreja e ele disse que gostava de mim, que queria casar comigo... eu concordei. Tinha 12 anos, ele tinha quase 18 anos.

Então prontos. Eu ainda era criança, era aquele namorar de só ir ao passeio, voltar, nunca havíamos pensado irmos juntos para a cama.

Continuamos a namorar, ele a estudar, eu também a estudar. Só que ele quis vir para casa dos meus pais para se apresentar, então os pais disseram: “Não, ela ainda é menor, vocês devem continuar a estudar, debes ir ao curso”. Porque eles tinham inscrito o filho para o curso de pastor. “Depois de vires do curso podes ir lá se apresentar”.

Íamos à igreja, íamos aos passeios, voltávamos para casa, ele vinha-me deixar. Ele tinha direito de entrar em casa dos meus familiares a qualquer altura. Eu também tinha direito de entrar a casa dos pais dele, só que eu estava proibida em passar noites lá.

A gente namorava, excitávamos, mas não tínhamos como, não podíamos ir a nenhum sítio com essas questões, porque também eu era menor.

Prontos, ali ele saiu, foi ao curso na cidade, curso de pastorado. Dali é que fiquei a ser enganada por um outro sujeito.

Tive um grande amor

Uma vez, foi no ano passado, não, foi em 2002, eu tive um amigo casado. Eu gostava do fundo do meu coração. Eu gostava desse senhor. Nós começamos a namorar, o nosso namoro era tudo bonito. Ele também gostava de mim.

Mas só que tivemos um pequenino problema. Começamos a namorar em 2001, 2002, então fiquei grávida, foi uma grávida desesperada. Eu não queria aquela gravidez. Eu fazia planejamento familiar, tomava comprimidos, mas de repente eu fiquei grávida, como, não sei. Então vou dizer que é uma gravidez desesperada. Quando eu descobri, paciência, fiquei. Essa coisa de andar aí a interromper são coisas que nunca gostei. Então prontos, eu chamei a ele e disse: “Estou grávida”.

Ele disse: “Como?”

“Não sei, eu estou grávida. Tu sabes os meus comprimidos ficam aqui na minha almofada que é para eu não me esquecer, mas prontos, fiquei”.

Era casado, era pessoa da mesma praça, que me conhecia. Ele ficou chocado. Ele disse assim: “E agora, o que é que a gente faz?”

Eu disse: “Não sei, tu é que sabes”.

“Ah, vamos tirar”.

Eu disse: “Tirar? Não. Eu não acho melhor tirar, eu prefiro deixar essa gravidez, se eu dar o parto, vou criar o filho. Eu nunca vou dizer a ninguém que esse filho é teu. Vou fazer crescer da mesma maneira que os outros cresceram”.

Então, ficamos assim. Ele aceitou. Mas prontos ele dizia assim: “Qualquer problema ligue para mim”.

Acontece que um belo dia, comecei a me sentir mal mesmo. Dores de barriga, nisto eu ligo para ele: “Eu não estou a me sentir bem, estou incomodada, estou com tonturas, estou com dores de barriga. Ele vem, por acaso visitou-me, depois saiu, foi à escola, porque dava aulas também à noite”.

Depois de um tempo eu comecei a me sentir mesmo mal. Eu pedi boleia do serviço e levaram-me ao hospital. Cheguei lá, mandaram chamar o médico, veio, chegou ali, a minha barriga já não aguentava, doía de um jeito mesmo por fora, só tocar assim, doía. Prepararam-me, levaram-me a sala. Foram-me observar que era uma gravidez ectópica que havia rompido. E prontos, fui operada, dia seguinte eu já consegui falar, ligo para ele: “Eh, pá, eu estou aqui no hospital, estou nessas condições”.

Ele não veio. Primeiro dia, segundo dia, ele não veio. Fiquei uns 9 dias no hospital; tive alta e voltei para casa.

Aquilo chocou-me naquele momento em que eu estava no hospital. Doeu muito. Mas mal que fui a casa, depois passou.

Ele continuou a fazer-me assistência, me levava de casa para o serviço, do serviço para casa. Quando ele saía em missão de serviço me informava, então eu arranjava uma outra boleia para me levar do serviço para casa, de casa para o serviço. Fomos namorando, então ele teve uma bolsa de estudo no ano antepassado, 2003, foi para fora estudar; foi o fim da nossa amizade, não discutimos, não brigamos, não fizemos nada.

Mas passando um ano, já no ano antepassado nos fins, já não tomava importância, já vinha e desaparecia, quando eu ligasse não tinha tempo, porque está na escola, não sei o quê. Quando vinha aqui, já não vinha a minha casa, e assim sucessivamente. A nossa relação terminou assim.

Hoje só namoro

Por enquanto eu tenho um amigo, um senhor idoso, é um viúvo. Talvez um dia qualquer possa viver com esse viúvo, porque já não estou na fase de viver com um homem que é pela primeira vez a querer juntar-se com uma mulher, um homem que ainda precisa de fazer filhos, um homem que ainda precisa de entrar no registo civil e casar-se. Eu até essa fase não quero, eu preciso de um homem viúvo ou separado, mas a saber qual foi o motivo da separação, prontos, talvez posso viver com ele. Mas não me entregar na totalidade. Eu preferia ter a minha casa, ele também ter a sua casa. A casa dele é para os filhos, a minha casa é para os meus filhos, e termos a nossa casa nós os dois; nesse caso termos 3 casas. A casa dos meus filhos que é a minha casa, vou construir com o meu salário; ter a casa dele que vive lá os filhos da mulher que já perdeu a vida e que tenhamos a nossa casa para o nosso bem de nós os dois.

A minha casa já tenho, o que falta é só melhorar um bocado para deixar lá os meus filhos à vontade. Ele também tem a casa dele melhorada e

tal. Agora, o que temos que fazer é construir a nossa casa nós os dois. Já estou há dois anos com ele.

Bem, eu me sinto bem ultimamente, também já sou crescida, sei decidir, sei o que eu quero. Mas só que, prontos. Em relação ao tempo passado, eu acho que agora, mais ou menos já tenho visão de alguma coisa. Mas só que, prontos, eu vou dizer que sou uma pessoa de azar, porque, onde eu gosto e amo a pessoa, eu não sou tão felizarda com ele. Mas onde eu não gosto da pessoa, ele gosta muito de mim. Isso aqui, nunca coincide, eu a gostar dele, amar e tudo e ele também a gostar de mim e amar e tudo. Sempre há essa pequenina diferença. Eu gosto dele, amo, faço de tudo. Até agora que trabalho eu até faço questão, tenho a minha casa, vivo com os meus três filhos.

Eu quando namoro digo, eu estou livre, vivo sozinha na minha casa. E prontos, eu sou daquelas que nunca gostei de ir pernoitar em casa do meu namorado. Não gosto. Porquê? Porque como tenho criança, pesa-me na consciência voltar nas manhãs, ou sair de lá de casa do meu namorado, ir para o serviço para os meus filhos virem-me ver a noite do dia seguinte.

Eu prefiro puxar o homem para a minha casa e não ir a casa dele. Vou a casa dele, vou lavar, engomar, essas coisinhas, às vezes passamos o dia. Mas sempre gosto de ir pernoitar em minha casa.

A minha vida como mulher

Eu fiz o primeiro, e depois o segundo filho, sem saber o que é uma mulher ter um prazer de um homem. Só já no segundo casamento, foi quando eu comecei a notar uma diferença, mas... Eu não vou dizer se é o nosso sangue que não combinava. Não combinava mesmo, tudo

aquilo era aquela coisa. Fazia para que ele gozasse. Fazia porque estou em casa dele, tem que fazer.

Saber que existia prazer eu já sabia. Mas eu tentava e não conseguia, não conseguia. Não sei se é do sangue que não combinava, não sei. Mas com outros namorados, aquele que acabou quando foi estudar, eu sentia até... (risos) o fim do mundo. Não era preciso esforçar. Às vezes quando estivesse assim longe, eu ligava: “O que se passa?”, eu dizia. Ou quando ele estiver ali em casa, eu sentia necessidade, eu conseguia dizer a ele: “Eh, pá, estou com necessidade X”.

Com o primeiro marido, sentia que ser mulher é só para ser domesticada. Mas eu aceitava. No meu primeiro casamento eu aceitava. Porque era antes de eu ter noção de vida, não sabia nada, ainda era menor, eu aceitava. Às vezes sentia-me mal, porque eu não tinha tempo de descanso, eu tinha que velar da casa, das crianças, e prontos, eu não tinha tempo de sentar ou passear, não, é fim-de-semana, é no meio da semana, eu estava no meio da cozinha, no meio da machamba, no meio não sei do quê. Então, era-me difícil, um pesadelo, enquanto eu sabia que em casa da minha família, pelo mesmo as minhas cunhadas não era daquele jeito que eram tratadas.

Com este namorado que eu tenho agora eu respeito-lhe muito porque é um senhor idoso, quase da idade da primeira sorte do meu pai. É um senhor idoso que já tem netos, então, eu respeito por aí. Eu acho que ele é que deve ser o meu pai, meu conselheiro, já que perdi pai, perdi mãe, sou órfã, então eu considero a ele como meu pai, então tenho muito respeito com ele. Mas amor, amor não tenho. Eu só gosto dele. Só que prontos, ele tem-me ajudado, prontos, quando eu tenho uma preocupação ele consegue me satisfazer. Não porque tenho amor com ele. Eu não tenho amor com ele.

Sinto falta disso. (respira fundo) Eu penso que antes vale viver com uma pessoa que tu não amas mas gostas, do que viver com uma pessoa que amas, mas... No fundo, no fundo, ele não está para ti só. Está para muitas, te trai. Então eu prefiro assim.

É importante ter prazer. Se eu, por exemplo, não tenho prazer com ele em termos de relações sexuais, acho que isso não quer dizer nada. Porque o importante é a mulher sentir-se à vontade, porque necessita de desfrutar.

Eu tenho dito a ele: “se tiveres amizades fora é melhor esconder”, porque a mim não me agrada saber que ele tem amantes fora. Independentemente de eu saber que todo o homem ou toda a mulher anda fora, mas não precisa demonstrar. E eu logo disse a ele que eu não gostaria de sermos duas, nem depois de eu estar com ele ter uma outra, nem antes de eu estar com ele ter uma outra; eu gostaria de estar sozinha. Ele aceita.

Gostaria de apoiar outras mulheres com base na minha experiência

A mulher não é tão fofqueira como as mulheres às vezes dizem. Mas só que a mulher às vezes não consegue conter os seus problemas no íntimo, a tendência é de querer contar uma amiga ou contar para mais pessoas para tentar desabafar, eu sinto que é assim, não? Enquanto que o homem consegue disfarçar. Aquilo para ele é naquele momento, quando levanta sai, vai para aí, já desapareceu tudo. Então é por isso que praticamente dizem que os homens não são fofqueiros, porque ele não precisa ninguém para lhe contar que é para desabafar.

Eu sinto-me bem e gosto de apoiar outras mulheres, porque afinal das contas a experiência que eu tenho, eu acho que é suficiente para apoiar

outras mulheres que estão a sofrer, porque eu também passei por esse sofrimento, e pelo menos já sei que ultrapassei essa fase. Então gosto de apoiar outras mulheres e eu sinto-me orgulhosa quando dou conselhos a algumas mulheres.

História de vida 3

Anabela: Preciso de aprender a sobreviver

Anabela é muito tímida. Aceitou falar connosco a pedido de uma amiga e porque se sentia desesperada. Precisava de ouvir outras pessoas e de sentir compreensão para arranjar coragem. Não tem certezas nenhuma, só dúvidas, mas antes de mais tenta viver com dignidade e preza muito o seu trabalho, no qual reencontra um motivo para viver.

Com este trabalho, não só nos conhecemos mutuamente, como também descobrimos que a vida nos dá inúmeras possibilidades e que simplesmente temos que reunir coragem para fazer as nossas escolhas.

Tem 45 anos, nasceu em zona urbana, cresceu com o pai, a madrasta e os irmãos. Teve uma infância e adolescência que recorda com felicidade. Diz ter sido muito acarinhada.

Começou por dar aulas sem nenhuma preparação, mas com o tempo frequentou cursos de formação e prosseguiu os estudos, tendo hoje uma situação profissional estável.

Neste momento encontra-se sozinha com os seus seis filhos, alguns mais velhos mas ainda a estudar, e a enfrentar graves dificuldades financeiras em resultado da separação não consensual com o marido.

Eu quis falar porque não aguento mais com os meus problemas

Eu sou professora desde os 18 anos. Estou junta com aquele homem há vinte e seis anos, dos quais vinte e três de casamento oficial. Só que o tempo foi andando e eu tenho um marido, ih!, quanto a saias ele gosta. E enquanto tiver uma mulher fora ele pisa, pisa mesmo. Ele prefere atender aquela mulher que atender a própria mulher dele. E se você fala é quando ele arruma e sai, era daqueles que sai. Saía, dizia que tinha trabalhos fora, mas ficava aqui na cidade, com uma mulher, e volta no domingo ou na 2ª feira. Mas eu não podia falar e se eu falasse ele dizia assim: “Vou passar a gostar de ti se você gostar das minhas atitudes, aquilo que eu gosto com outra mulher. E se você não quer, você não é nada para mim”. E eu, com aquela educação que eu tive que se alguém escolhe um homem e é desonrada deve continuar com aquele, não posso fazer nada. Não posso ter outro homem porque senão vão-me rir,

vão pensar que sei lá, sou uma vadia. E continuei com ele assim, todo esse tempo assim a ser oprimida.

E quando quisesse estudar ele dizia: “vai, estuda, pelo caminho há-de encontrar um homem que há-de ser teu amante”. Aquilo era para eu não estudar, e por isso fiquei 15 anos sem estudar. Mas quando mudamos para uma outra cidade, eu pensei e vi que ele andava na companhia de outra, decidi e resolvi mesmo continuar a estudar. Fiz a 10ª classe e em seguida tive a sorte de ir para fora para um curso de professores. Mas quando volto, ele, em frente dos miúdos e dentro da minha casa, dentro do meu quarto, dormia com essa mulher. Essa também é uma professora, pediu até depois transferência para aqui quando nos mudamos e a política era sempre a mesma: “se você não aceita esta minha atitude, eu também não te quero. Se você aceita que você é amiga desta mulher, você sim, eu aceito-te como mulher”. Eu também batia com o pé, dizia-lhe isto: “eu não aceito, prefiro arrumar e sair”. Mas ele não deixava sair.

Depois disso tive mais outro curso mesma na terra, mas em regime de internato. Ele ajoelhou-se, pediu-me de joelhos para não ir, como se fosse uma coisa boa, para eu pensar que afinal de contas ele me ama de verdade. Só que eu continuei a bater com o pé no chão, eu disse que não, eu vou. Depois dessa malandrice que eu assisti, capaz de eu deixar de ir estudar? Não, não vou deixar. Fui, só que foi lá para dentro, discutiu com o professor e foi agressivo. Eu não liguei, mas a partir daí a escola também me marcou: “nem como estrutura o teu marido tem o direito de vir fazer e desfazer”. Só que eu dizia sempre que: “não, o que eu quero é estudar, deixa as atitudes dele, ele não quer que eu esteja aqui a estudar, aquilo é mais uma vingança, não é ciúme, é vingança. Ele não queria que eu estivesse cá”.

Eu continuei, sempre consegui tirar o curso e voltei para casa. Acho que foi só um ano e alguns meses depois que ele sai, muda de cidade,

vem para aqui para estudar. Não estávamos bem, e quando ele chega vem para estudar na universidade. Junta-se com uma mulher, daí consegue uma casa boa. Só que na altura em que saiu disse assim: “olha, eu vou embora estudar. Só que depois de arranjar uma casa, eu venho-vos buscar, tá?”

“Tá bom”. Eu sempre com paciência no meio daquela malandrice. Quando eu me chateasse ele dizia assim: “tens que ter muita paciência, a paciência é que vai ditar o teu futuro, tenha muita paciência comigo”.

Apesar dessa política dele, de andar a faltar-me ao respeito, eu que já tenho filhos, onde é que vou mais? Não há nenhum homem que há-de me querer assim. Um meu filho foi visitar o pai, mostram-lhe a casa dele, só que quando vai à casa depara-se com uma mulher, essa tal que já viveu com ele. Volta e então ele diz: “sabes com quem papá está viver?”

Eu: “não”.

“Papá já tem uma casa grande, bem mobilada, a geleira bem recheada e nós estamos a sofrer aqui. Papá diz sempre que não tem dinheiro, não tem dinheiro, mas está a viver numa boa, está a viver com aquela senhora”.

Então eu saio da terra e vou lá sem avisar, espero anoitecer. Quando chego lá ele não estava, estava essa tal senhora, ela me recebe. Quando ele chega diz: “uhm.... O que vieste fazer aqui?”

“Vim confirmar se é verdade o que eu ouvi e cheguei à conclusão de que é verdade. Tu não disseste que se conseguisses casa havias de voltar para nos buscar?”

Ficamos até às tantas, eu ameacei ficar até amanhecer, só que peguei no meu filho, fui a casa do meu irmão. E passou a ser sempre assim, quando eu viesse para aqui tinha que estar em casa do meu irmão por ordens dele, a saber que o meu marido tem casa. E prontos, quando se chateasse com ela ele vinha ter connosco e dizia: “venham para a minha casa”. E enquanto estivesse sozinho também convidava os amigos para viverem lá com as amantes, a ponto de outras senhoras virem fazer bronca lá em casa.

É então quando um ano ele diz: “vem transferida para aqui”.

Mas afinal de contas tinha interesses, porque queria fazer uma carreira política e precisava de mim para ajudar a imagem pública. E continuou com outras mulheres. Tinha uma mais permanente e, quando ela ficasse doente ou tinha abortos, eu é que era a feiticeira. Andavam nos curandeiros que diziam: “é a tua mulher que está fazer isso”. A maior inimizade agora é mais os curandeiros que outras coisas, porque não discutia com ele nem um dia.

Continuei até o dia em que ele saiu de casa para passar a viver com essa tal moça. Prontos, continuei, mas ele todos os dias dormia em casa dela. Antes fazia assim, um dia sim, um dia não, só que eu também não aceitava fazer sexo com ele, eu preferia que ele usasse Jeito, só que às vezes ele dizia assim: “vai lá comprar, vai à procura de Jeito”.

Eu: “olha, se tu não quiseres comprar fica, porque não sou eu à procura de homens, és tu à procura de mulheres. Então eu aqui em casa quero Jeito, não ando contigo sem Jeito”.

Por acaso estava há bom tempo sem andar com ele sem Jeito. Então ele chateava-se por isso, porque o que ele queria era engravidar-me ou dar-me doenças, porque foi um homem que sempre deu-me doenças. Ele foi o meu primeiro marido e até hoje não tenho ninguém, e sempre apanhei

doenças venéreas que nem eu conhecia e foi com ele. Mais à frente explico melhor.

Então, ainda não fez um ano, ele sai de casa e não ajuda nada com as despesas de manter os seis filhos que temos em conjunto. Eu vou ter com o chefe dele, exponho os meus problemas, que ele não me atende, que ele vinga-me, diz que sou feiticeira porque a amante está sempre a abortar, não sei o quê, não sei o quê: “eu não estou a gostar dessa brincadeira”. É quando o chefe diz: “eu vou chamar a ele”. Não sei o que conversaram, só sei que ele diz assim: “eu faço isto porque ela não me mostra o vencimento”.

Uma coisa não tem nada haver com a outra, mas o chefe diz: “a partir de hoje mostra o vencimento a ele”. E eu: “está bem, quando eu receber hei-de mostrar”. Só que ele diz assim quando chega em casa: “foste queixar a pensar o quê? Pensas que eu vou mudar? Eu não vou mudar”.

Eu saio, vou a uma organização que defende as mulheres, chego lá, exponho os meus problemas, ele é notificado a primeira vez e não vai. Na segunda vez vai e quando chega lá ele diz a mesma coisa: “o meu problema é dela não me mostrar o vencimento”. Mas eu sabia que o problema é dos curandeiros. É quando elas dizem: “o problema é só esse de não mostrar o vencimento, dona Anabela. Depois mostra o vencimento ao seu marido”. Eu disse: “está tudo bem”. E elas dizem: “a partir de hoje vocês devem-se entender, assinem aqui”. E nós assinamos, só que ele a partir dali não volta mais para casa, ficou uma semana lá fora depois apareceu. Um dia, dois dias lá fora, até que um dia arrumou as coisas de vez e foi, mas foi sem se despedir. Eu acompanho que ele agora é um grande chefe, mas ele saiu, não se despediu e não diz nada...

Não diz nada, nada. Eu não fui queixar, fiquei no meu canto, só liguei para lhe perguntar qual era a orientação que ele tinha para me dar e ele

como sabia que estava errado começou a berrar. Ele, quando está errado, berra, mas quando sabe que está no caminho certo não berra. Começou a berrar: “ah... ah... Já começaste”. Eu só estava a imaginar como é que vamos viver numa casa alugada, sem nenhuma orientação. A casa onde estava a viver era alugada, não sabia se ia ter direito a rancho, se ia ter direito a pensão, os meus filhos como é que vão à escola? Quando ele sai nem energia nós tínhamos, dinheiro não tínhamos, só agora está a dar dinheiro por causa desse bebé.

Ele meteu o pedido de divórcio, já fui intimada e ouvida duas vezes. Não sei como vai ser a partilha de bens, tenho medo porque ele é poderoso. Quando tento falar ele continua a desprezar-me e até diz: “não falo contigo, tu só falas com o meu advogado”.

Eu disse: “o que é isso?”

Ele: “eu não quero falar porque tenho instruções: se você falar com tua mulher o teu serviço vai abaixo”.

A instrução é de uma curandeira. Já tinham acontecido outras coisas antes. Uma vez ele veio deixar o recibo de energia da casa onde morávamos e quando chegou a casa daquela mulher com quem vivia, ela inventava histórias de que estava doente e que ia morrer. Ele pegava na moça, corria para o curandeiro e o curandeiro dizia: “oh! Porque é que tu foste a casa da tua mulher hoje? Tu foste a casa da tua mulher hoje, estiveste em casa da tua mulher, foi a tua mulher que fez drogas para ela morrer”. E neste dia que isso aconteceu eu estava com uma amiga fora, não estava dentro de casa, estava fora com uma amiga. Quando conto, essa amiga começa a rir: “olha, o teu marido está maluco, ele gosta muito de ouvir o curandeiro, é por isso que a vida dele está estragada”.

Ele levou dois filhos com ele, lá onde está agora, mas era por pouco tempo e está a retê-los.

A minha perspectiva é de continuar a estudar, devia continuar a estudar este ano só que eu não tinha ainda o vencimento transferido para aqui. Agora que tenho passo a ficar com um dinheirinho para fotocópias. Estou a trabalhar, a estudar e continuar a cuidar dos meus filhos. Ele tem que dar uma pensão mensal. Para além disso, tenho horas extras a dar aulas na escola.

Ser uma menina era um pouco mais complicado do que ser um rapaz

Como menina era muito controlada. Mas muito mesmo. E não havia aquela explicação, aquela educação, educação sexual, aquilo aí não existia. Eu, no dia em que apanhei a menstruação, eu não sabia. Estava na sala de aulas, levanto-me, a minha colega por ver diz: “Anabela, o que é isso? Tens ferida?” Eu: “ferida?”

Olho para mim, para a minha bata, naquela altura o colégio tinha bata: “o que é isto?”

Saí dali a correr para casa, a amiga diz que: “olha, isto aqui vai lá conversar bem com a tua mãe, ela deve saber”.

Chego em casa pergunto à minha mãe, ela só diz: “vai tomar banho. Vai lá tomar banho, vou chamar a tua avó”.

Não me disse nada, não. Dizia que eu devia pegar num pano, penso nada, não havia. Eu nesse dia fiquei muito triste, muito triste mesmo. A minha avó veio lá para as 16 horas. O meu pai também já estava em

casa, falaram entre eles. Depois ela diz: “vamos embora. Aquela cena vamos-te explicar bem lá em casa”.

Quando vou à casa dela fico lá uma semana. É quando ela diz: “olha, acontece isto é porque você cresceu. Por isso, não podes brincar com homens. Isto aqui, essa fita, amarra na sua cintura, puxa, pega no pano põe assim. Leva esse pano, estende mais, tens que esconder esse pano. Esse pano se uma pessoa maldosa pegar e fazer medicamento, podes ficar sem nascer. E a partir daqui se você brincar com homens e lavar os pratos, o copo, ao lavar o copo teu pai fica doente, tua mãe fica doente”.

E aí sempre tive medo de me encontrar com homens, não aceitava namorar, não queria saber nada, só queria brincar. Brincava assim com homens, gostava mais de ser amiga de rapazes mas não encostava muito a eles, tinha medo. Mas nunca falaram de gravidez, não falaram de sexo. Não explicavam a vida sexual, mas você entendia. Como, eu não sei agora.

As amigas não contavam porque não sabiam. Eu pensava que para ter um bebé tinha que se ir à igreja ajoelhar e rezar. E eu pensava que era assim, eu via aquela barriga mas para mim não existia. Havia só uma amiga mais nova, mas penso que ela era vivida, dizia assim: “Anabela, pergunta bem à tua mãe como se faz um bebé. Não é isso que você está a dizer”. Só que ela também não explicava.

Eu fui crescendo assim. Entretanto, eu comecei já a perceber que quando se faz isto, você fica grávida. Casei cedo com o meu marido porque pensei que só com o encostar, eu deixava de ser virgem, só o encostar. Aí, ao namorar com ele, prontos, se eu pegasse outro homem havia de não ter valor. É por isso que eu me apeguei muito a ele. Eu até tive uma amiga que me disse: “larga esse homem, larga. Não fiques

mais com ele, é bandido”. Isso porque ele andava com outras. Sim, apreciava outras.

Eu conheci-o na escola, num grupo cultural, onde ensaiávamos danças e canções. Foi onde conheci a ele e sempre que eu quisesse acabar com ele, dizia: “se me deixares, eu vou-te bater sempre que te apanhar na rua”. E eu tinha medo de levar porrada.

Ele andava com outras, mas houve um tempo que ele deixou de andar que era para atingir o objectivo, não é? Objectivo de engravidar-me e ficar comigo. Eu não aceitei quando ele no namoro quis fazer sexo logo. Eu começava a pensar naquilo que me diziam e não queria. E depois eu tinha vistorias também, às vezes, da parte da avó.

Ainda era virgem, aí namorávamos oficialmente, fez o pedido e depois foi o casamento. Antes do casamento passamos a viver juntos e tivemos um filho. Quer dizer, vivemos maritalmente 3 anos e depois casamos oficialmente, até agora faz 22 anos.

Mas voltando ao namoro, quando começamos a namorar eu ainda estudava na escola secundária. Começamos a namorar e depois eu fiquei com dúvidas. Eu tinha uma amiga que é uma grande amiga, essa que já falei. Só também não gostou do abuso do comportamento e ela sempre dizia: “olha, Anabela, este teu marido é bandido”. O que já estão a dizer ela também dizia. Agora está fora do país e casou-se. Dizia: “não fica com ele, não namora com ele, não casa com ele agora”. O problema é que eu pensava que depois dele namorar comigo, só de me tocar, se eu fosse para um outro homem eu seria prostituta, não é? É aquela educação tradicional... Mas ele tinha um dom, estou a admirar. Até que olha, ficamos uma semana separados, mas depois ele me ameaçava, pegava numa vassoura: “olha, se me enervas vou-te bater bem. Vou-te bater”.

Eu, com medo, continuei com ele até nos casarmos. Mas também foi amor, eu gostava mesmo dele. E agora não sei, eu gostava.

No nosso casamento havia falta de respeito

Depois de casados começaram os problemas por causa do grupo dele. Andavam juntos, iam a bailes e ele metia-se com meninas em frente de mim. Eu ia sempre, ele sempre gostava de mostrar. Depois fazia aquilo, penso que era para me humilhar. Ele, a mulher, ele não considera a mulher. E não sou eu só, são todas as mulheres. Uma vez eu estava numa reunião, olha parece a preparar a reunião de Beijing, nós aqui tivemos uma marcha, ele vai assim: “mas para quê isto? O que é que vocês pensam? Pensam que vão ser como nós? Pensam que vão avançar? Sempre vamos pisar, vocês nunca hão-de ir para a frente”.

Por acaso ele não me desprezava só a mim. Sim, ele desprezava todas as mulheres. Só este gesto, esta atitude dele de pegar no momento da mulher é uma falta de respeito, primeiro para a sociedade e depois para a família dele e as mulheres em geral. Porque ele pensa que como homem pode fazer e desfazer a mulher. Ele até diz assim: “tu és uma casada que não anda fora? Qual é casada que faz isso? Todas as mulheres têm amantes, todas! Não há mulheres que não têm amante, é mentira”.

Eu só começo a olhar para ele: “é mentira. Há mulheres que não têm amantes, há mulheres que só conhecem o marido. Há as que não andam fora”.

Ele diz que: “é mentira isso. Isso é uma mentira”.

Isso porque ele viveu num grupo de pessoas que fazem essa vida ou de mulheres que fazem essa vida. E essas mulheres também incutem nele

que nós, como mulheres, mesmo casadas, também andamos, porque ele até se envolvia com algumas casadas.

Houve uma altura em que ele parou muito tempo sem andar com outras mulheres, foi quando namorávamos. Eu disse que havia de acabar com ele, aí ele ficou até casarmos, até conseguir o que queria. Mas depois de eu ter um filho começou, quando fôssemos a uma farra engatava à minha frente. Eu às vezes saía lá de onde estávamos e voltava sozinha a pé para casa, sem me importar se era longe ou não.

Os outros, os amigos dele, viam tudo mas ele não queria saber, ele não respeita a opinião de ninguém. Até hoje ele não respeita a opinião de ninguém, se lhe conhecesse havia de chegar a essa conclusão. Muitos conselhos ele teve. Muitos. Ele não aceitava, ele diz mesmo: “eu não aceito conselhos de ninguém”. Mesmo aos alunos, quando dava aulas, dizia: “você não devem ouvir conselhos de ninguém, têm que decidir sozinhos”. E é o que ele faz, ele não aceita.

O primeiro filho para ele representou a segurança de me ter presa.

Dos filhos, o primeiro foi planificado, o segundo também. Mas o segundo foi planificado por pressão dele. Quando o primeiro filho faz um ano, ele queria outro. Fiquei um tempo sem conceber e ele: “tu não tens filho, não sei porque é que não tens. Eu quero outro filho”. E depois resolveu: “eu quero mais um outro filho”. E depois de dois anos o terceiro não foi planificado, até que tentei tirar mas não consegui. E depois vieram os outros.

Já fiz planeamento familiar e ele não se opôs. Mas quando estive no Centro a fazer um curso deixei, estava com medo que ele pensasse que eu fazia planeamento porque tinha alguém. E eu para lhe fazer acreditar que não estava com ninguém não fazia planeamento, foi aí onde

apareceu este último. Nalgumas alturas consegui fazer aborto nos serviços de saúde e ele, como marido, tinha que assinar.

Para além disso, o meu marido é agressivo, estúpido, ele às vezes só por desconfiar é agressivo para a pessoa. Já agrediu um colega meu, só que esse colega simplesmente ignorou-o porque não existia nada. Começou-se a rir e disse: “teu marido não está bom de cabeça, só te quer sujar. Você não tem nada a ver comigo, só conversamos como colegas”.

Quer dizer, quando ele andava por aí ele dizia: “tu andas e eu ando. Está tudo bem?” Mas é uma aldrabice, ele é muito ciumento. Só de saber que às vezes eu converso com um encarregado ou um colega, é confusão. Uma vez chamou para casa um colega com quem eu conversava. Ele é uma pessoa muito simples, nunca me pediu namoro, eu gostava de conversar com ele como administrativo, não é? Um dia chegou a dizer assim: “vai chamar aquele teu colega que você conversa muito com ele”. Eu fui chamar: “meu marido quer conversar contigo”, mas não expliquei nada, não disse que havia essa confusão. Ele nem ficou aflito, considerava-lhe um maluco.

O meu marido chegou na porta e falou: “podem namorar, podem foder”.

Aquele professor nem falou nem A nem B, só se começou a rir: “o teu marido é maluco mesmo. Tá bom”. Deu meia volta e foi-se embora, no dia seguinte ele começou-se a rir: “o teu marido não está bom”.

Eu: “não está bom, sim”.

“Vai sujar uma mulher assim, que nem tem nada a ver”.

Uma vez também foi ter com um encarregado de educação que me autorizava a comprar numa cantina de que ele era o gerente. Foi na altura da fome, em 83, 86. Eu ia para a cantina comprar porque tinha facilidades, visto que esse senhor tinha uma sobrinha na minha sala.

É quando vai para a casa do senhor e diz: “você anda com a minha mulher” e mais não sei o quê. Bate à porta, bate à porta da entrada, depois partiu a porta com um pontapé e veio com uma ferida que ficou muito tempo para curar. A única coisa que este senhor fez foi procurar uma pessoa da minha família e dizer: “olha, se aquela senhora não fosse bem educada ou se não fosse professora da minha sobrinha, eu matava aquele senhor. Só tenho pena dela, tenho muita pena por ter um marido muito estúpido. Matava aquele senhor”.

Por isso eu deixei de falar com ele e ele também deixou porque o meu marido fez estragos na casa dele.

Apesar de ter criado algumas confusões na escola, felizmente não me prejudicou no serviço porque ninguém lhe dava ouvidos.

Senti-me violentada muitas vezes

Nas sextas feiras ele sempre foi um homem que andava lá fora. Quando não se sentisse bem, com doenças, às vezes eu apanhava também. Não sabia o que era antes de ver esta doença, eu não sabia, só sentia comichão: “estou a sentir isto”.

Ele: “mas o que é isso aí?”

Eu disse: “não sei, eu nunca vi isso... Essas borbulhinhas pequeninas, eu não sei, não conheço”. Penso que nessa altura tinha o segundo filho.

“ O que é? Tu fizeste alguma coisa”.

Só que eu não andei com ninguém, eu sei que não andei com ninguém. E depois pôs-se a rir e disse: “vamos ao hospital”. E fomos, só que a enfermeira não explicou o que era. Ele era muito esperto, não quis que a enfermeira explicasse de onde é que provém esta doença. Ela fez-nos o tratamento, prontos, acabou. Quando me sentisse mal outra vez, ele já é que me aplicava em casa injeções.

Tive essa doença muitas, muitas vezes e eu não sabia o que era. Só agora descobri que a doença afinal é DTS. Só agora. Venho a descobrir afinal de contas que aquilo aí faz parte da DTS e eu penso que foi por isso que também comecei a ter alguns problemas. Pela explicação que eu tive no hospital quando eu fui fazer teste de HIV-SIDA, ela explicou que na mulher é difícil você logo notar que tem essa doença, às vezes fica no organismo muito tempo e sobressai. Eu nunca imaginava que era uma doença e a partir daí fui fazendo tratamentos e também decidi não andar com ele sem Jeito. Talvez foi por isso que ele preferiu arrumar e sair de casa. Mas na altura aceitou.

Fui fazer teste de Sida. Eu estava com medo porque aquele senhor anda com muitas meninas. Enquanto estava aqui estava com essa moça e esta moça não anda só com ele, anda com outros e também é jovem. Ele pode até ter duas mulheres, duas ou mais, ele escolhe com quem.

Eu não era obrigada a ter relações sexuais durante o nosso casamento. Pelo menos eu pensava assim. Só que quando eu estivesse doente e ele quisesse, mesmo eu não querendo, tinha de ser. Eu tinha que entender porquê, por causa da educação tradicional. Eles diziam que quando ele quer, tens que dar, e quando estiveres doente e não estar assim muito mal tens que satisfazer o teu marido, porque senão vais criar problemas no lar. E eu fazia. Não levava aquilo como agressão.

Quando comecei a juntar-me com ele, a minha avó explicou-me como é que tinha que tratar o marido. Se eu estivesse menstruada tinha que pôr um lenço vermelho na almofada para ele entender. Mas ele já tinha aquela educação, ele também como homem. Eu também tinha medo de explicar, ok? Eu falava, eu dizia: “estou assim, não estou bem”. Porque falar é um escândalo, dizer que estou assim é um escândalo.

Antes de casar e depois quando noivei, a minha avó fez saber que não achava bem. Dizia que ele era bandido, não sei o quê, que eu não podia casar. Ela até uma vez falou que: “uhm, ele é bandido. Eu não quero que você case com ele porque ele é bandido. Você é muito calada, ele com essa esperteza vai dominar-te”. Ele, quando sabia, ficava chateado: “essa tua avó...”

Na nossa relação a agressão física não era tanta. Havia isso de eu às vezes estar doente e ele querer fazer sexo. Mas não era constante. Agressão física, tipo pancada, já aconteceu. Porque ele saía e chegava tarde e eu ficava na mesa à espera dele para jantar. E adormecia aí na mesa, às vezes dormia aí. Se resolvesse continuar a dormir no quarto, já não conseguia ouvir a campainha. Ele tocava, entrava por uma janelinha lá em cima da parte de fora. Ele saltava, batia à porta, eu assustava-me e quando entrasse era logo uma bofetada: “porque é que tu não abriste a porta?” Era assim.

Ele não levava a chave, não queria levar a chave porque queria-me ver a acordar. Eu tinha que acordar para atender a ele, para lhe servir o jantar. Entrava mesmo para vir jantar, então vi que quando ele chegasse ele queria sexo, eu não sabia que ele trazia doenças, não é?

Nunca houve um bom relacionamento entre famílias

Ele acredita nos curandeiros porque é da família. Xi!!! A família gosta muito de curandeiros. A mãe, basta uma pequena coisa, curandeiro.

A relação com a sogra foi difícil. Comecei a viver com ele tinha 18 anos, mas ele não ligava à mãe. E esse tempo todo em que ele não ligava à mãe nós vivíamos bem. Bastou começar a ouvir o que a mãe dizia, foi um massacre dentro de casa. Eu penso que ela nunca gostou de mim. Porquê, ela é que sabe.

Dizem assim as mais velhas: “porque você nunca aceitou o que ela quer”. Isso porque acontecia que eu, às vezes, no sonho, sonhava com ela a vir-me dar coisas, só que eu batia e não aceitava e não sabia porquê. Fui contar isso a uma idosa que disse: “a tua sogra deve ser uma destas...”, e que queria que eu trabalhasse com ela nas noites, como me explicam.

Eu até disse: “mas como é que ela queria trabalhar?”

“Esse teu sonho tem explicação na tradição. Mas como você não aceita as coisas que ela te dá no sonho, entra com essa de que tu és feiticeira. É por isso que ela chama-te feiticeira, porque você não aceita este trabalho, você não sabe, é por isso que ela para se livrar de si aponta-te como feiticeira”.

E o filho dela deixa-me porque eu sou feiticeira. Ela por acaso anda a dizer isso, que eu sou feiticeira. Pois é. Tenho uma sogra que finge que é boa, mas por trás diz ao filho que deve deixar-me porque não sou a nora que ela queria ter.

Mesmo quando tive filhos o comportamento da minha sogra não mudou nada. Não mudou nada porque ela parte do princípio que não tem a

certeza se os netos são do filho ou se não, ela é que sabe. Portanto, os netos dela são os das filhas, não é? Agora os do filho não são, até porque depois do parto ela observava para procurar sinais e saber. Ela nunca amou aquelas crianças. Nunca. Sempre que quer a eles foi por interesse. Se você vai lá com uma sacola de pão, com um pouco de dinheiro ou com uma galinha, ou sei lá, ela recebia bem. Se você um dia vai de mãos a abanar: “o que é que vieram aqui fazer? O vosso pai deixou alguma coisa para mim?”

Porque sabe? Antes do meu marido ter cargos de chefia os meus filhos não ficavam, eram jogados para casa, mandava embora.

Eu fiz como diz a educação tradicional: sempre que o seu marido te maltrate, que mostre um mau comportamento, tens que ir falar com a família dele. Não tens que dar queixa à tua família, porque a tua família sente muito e a única solução a dar seria: “arruma e sai, volta para casa”. O que é que eu fazia? Sempre apresentava os problemas para os sogros e eles sempre diziam: “vamos falar com ele, vamos falar com ele”. E um dia decidi juntar as duas famílias e eu contei o que eu passava. Só que depois do pai escutar ele chega à conclusão que não devia haver encontro de duas famílias, que eles haviam de falar com ele porque chegaram à conclusão que o culpado é o filho, seria uma vergonha eu expor este problema.

Ele nunca, nunca teve razões de queixa por minha parte, e enquanto eu expusesse esse problema ele punha-se calado porque sabia que eu não fazia nada. Mas na vida tive tentações. Não aqui, foi quando estive a fazer um curso fora, estive com um moço que gostava muito de mim. Mas por saber que era casada ele respeitou. Hoje estou arrependida porque eu não aceitei. Havia também um médico que gostava, mas não gostei dele. Mas ele gostava de mim.

A minha família não aprovava o meu casamento

A minha avó era um espírito forte, muito forte, muito forte mesmo. Estava viva quando vieram os meus filhos, o problema é que até hoje meu marido acredita em feitiçaria, não deixava que eu fosse frequentemente em casa dela porque senão ia enfeitiçar os meus filhos. E não podiam comer nem sequer arroz cozido, se viesse da casa dela, da minha avó. Se ele apanhasse, se calhasse apanhar soluços, por exemplo, dizia logo que foi por causa “daquela”. Também deixei de me aproximar muito... Não aceitava ofertas dela, e ela que gostava tanto de fazer ofertas: “vai dar aos meus netinhos, vai”.

A minha avó foi muito boa, ela ensinava, mostrava, ensinava que devíamos conviver bem entre família. Eu conheci esta cidade à custa dela, muitas pessoas eu conheci por causa dela. Ela a morrer disse: “olha, eu daqui a pouco vou-me embora, tens que aprender a trabalhar com raízes tradicionais”. Ela curava pessoas que comiam areia e ficavam com a barriga grande, ela curava muito bem essa doença. Depois disse: “não queres ficar com um pouco de feitiço?” Eu disse: “ah, não, isso não, minha avó, não quero”.

Ela conhecia um pouco de magia e dizia assim: “você é professora, mas é professora bruta, burra, bruta. Eu sou mais esperta que você que casou com ele, aquele bandido que você não conseguiu ver que é bandido. Mas eu soube logo dizer que aquele ali é um bandido”. Ela sempre não queria estar em baixo, sempre dizia que eu sou mais.

Ela via o comportamento dele. Eu não lhe disse nada, mas ela observava. Observava na minha ausência porque eu ia lá muitas vezes, mas a partir do casamento não havia aquela conversa frequente, eu não podia ir a casa dos meus familiares. Ele controlava as saídas, não podia levar os meus filhos, às vezes dizia: “vai sozinha”. O meu pai ficou doente e eu não podia lhe acompanhar, o meu irmão doente também.

Às vezes eu fugia ia tratar do meu pai, tratava do meu irmão, meu pai sofreu de trombose, às vezes precisava de alguém para acompanhar, mas ele não aceitava.

O meu pai não gostava dele, ele fingia do meu pai mas o meu pai mostrava mesmo que não gostava dele. Conversava com ele mas disse-lhe de que ele era bandido, disse mesmo: “você é bandido, vais maltratar a minha filha”.

O meu marido nunca aceitou que eu sáísse de casa, nunca. Sempre que eu lhe ameaçasse sair, ele não aceitava. Eu penso, agora penso assim que ele não gostava de mim, ele só queria ter uma pessoa que ele pudesse satisfazer as necessidades. Agora que ele achou que até aqui chega é quando ele sai sem dizer nenhuma palavra. É isso que estamos a ver agora.

Nos meus filhos a influência do pai é forte, estou a tentar eliminar isso aí, porque eu tenho um filho que é capaz também de namorar com duas ou três meninas. Tenho dois que gostam de trocar, mas eu sempre disse: “uhm, essa vida não dá, não vou admitir”.

Sempre sofri pressões para não ter amigas

Eu, as minhas melhores amigas foram mais na escola do que na vizinhança, talvez por ser muito acanhada, calada. Na escola já não, talvez por estarmos juntas a dar aulas, não sei, elas estão assim ligadas a mim, e chegam à conclusão que eu sou uma pessoa simples, que o meu problema é só de ser um pouco calada.

Ele por acaso gosta de ouvir os amigos, só que nunca gostou que eu ouvisse as minhas amigas, nunca. E sempre, até agora que saiu, sempre disse: “tu tens más conselheiras. Não tens boas conselheiras”. Mas

pensando bem eu tive... tenho, tive e tenho boas conselheiras. Porque elas sempre é que disseram: “não vá fazer confusão, senta aqui, fica só com os teus filhos”.

Ele nunca gostou que eu tivesse amigas. Porquê? Porque ele tinha medo que eu perguntasse a elas: “o meu marido faz isso, isso, diz-me isso e conta-me isto. E os vossos maridos o que fazem? Dizem a mesma coisa?”

Ele sempre que andasse fora vinha-me contar. Um dia eu contei à irmã. Disse: “Oh!, você nunca pode admitir isso, se for preciso dar uma bofetada na cara, tu tens de fazer isso, nunca podes admitir”. Foi a irmã dele. A mãe também uma vez disse-me isso. E eu falei com ele. Ele não gostou. Disse: “já viu? Estão-te a dar maus conselhos. A partir de agora eu já vou ter problema na minha casa”. Porque ele sempre gostou de andar e vir contar, como se eu não devesse importar-me.

Mas da minha parte eu não podia ter amizades e nem podia pedir conselhos a uma mulher igual. Ele estava habituado a ver-me serviço-casa, casa-serviço. Ele nunca gostou das minhas amizades, por causa da malandrice dele. Porque ele pensava, às vezes pensava que essas amigas vinham contar a história dele lá fora, enquanto não. Eu, por exemplo, quando estive fora a estudar, ele viveu aqui em casa com a amante, mas nem os meus filhos, nem as vizinhas contaram-me. Não sei se eles tiveram medo, ou ele mobilizou, mas a vizinhança, ele não mobilizou. A vizinhança teve medo, porque ele é agressivo. E através do sonho, eu descobri que ele meteu uma mulher lá. Eu sonhava com ele assim a gritar, a fugir com uma mulher, eu a correr atrás, a gemer.

Ele acordava-me: “porque é que estás a gritar?”

“Estou a gritar porque estou a correr atrás de ti, estás a fugir com uma mulher. Quem é esta mulher? Mas saíram aqui de casa. Primeiro sonho,

foi você a fugir com uma mulher assim pequenina, mesmo pequenina. Só que a cara não vi bem. Mas depois tu apareces com uma senhora com um bebê no colo, tu a chorares e a pedir para eu receber essa mulher e a criança. Quem é?”

Ele ficou uns 2, 3 dias, depois explicou: “hã, quando tu estavas fora, eu vivi aqui com uma mulher, eu disse aos teus tios que era uma amiga minha, só que eu hei-de acabar com ela um dia”.

“E esta com criança?”

“Eu tenho uma criança, ela queria vir deixar essa criança aqui. Eu disse para ela não vir deixar, porque se ela viesse havia de me arranjar problemas, e eu tinha que levar a criança para um orfanato”.

Então ficamos um mês, durante esse tempo eu não lhe deixava dormir. Eu não fiquei chateada por ele ter um filho fora. Fiquei mais chateada por ter metido essa amante dentro da casa e em frente dos miúdos. Hiiii, berrei até ele chamar-me de xerifa, esse ano. Ele disse: “iá, eu nunca te vi zangada”. Mas berrei bem. Eu fiz um mês, não conseguia dormir, o sono é que me roubava. Bastava ele entrar, entrarmos no quarto, não mostrava aos miúdos, bastava entrarmos no quarto, começava a falar. Falava, falava tudo o que eu tinha.

Ele até dizia: “deixa-me dormir, eu estou com muito sono, amanhã tenho que trabalhar”.

Eu disse: “nada, você agora não tem que trabalhar. Quando amanhecer, tu vais tomar banho e vais para o serviço”.

Apanhava sono lá para as cinco. Eu quando acordasse ele também se levantava cheio de sono, mas tinha de acordar para ir para o serviço.

Um dia, alguém do serviço perguntou-me: “o que é que se passa com o seu marido?”

“O que é que se passa? O que é que ele disse?”

“Ele disse que está com malária”.

Eu disse: “é isso mesmo”. Mas ele não estava com malária (risos) não estava com malária, ele não dormia, não dormia.

Quanto ao sexo ele dizia que estava melhor em casa. Sentia-se melhor em casa do que fora. A única coisa que ele não gostava era o vencimento, eu recebia pouco. E que as amantes recebiam mais que ele. Dizia assim. A partir desse dia nunca mais lhe mostrei o meu vencimento, nunca mais lhe mostrei. Ele não exigia, mas depois foi queixar-se de uma coisa que nunca me disse.

O meu trabalho é muito importante

Essa profissão de professora, que eu quase que nem queria, começou com a falta de professores aqui em Moçambique em 1976. Em 1977 fui para um Centro de Formação de Professores. E os primeiros professores formados pela Frelimo fomos nós em 1977.

Mas custou a adaptar-me porque o governo ameaçava meter na cadeia de qualquer maneira, na altura, mas com o tempo fui gostando. Depois do curso fui ao treino político-militar. Depois daí fui colocada aqui na minha primeira escola, eu dava ensino primário, dava todas disciplinas de 2^a, de 3^a e da 1^a também mas na altura era uma turma de 75 alunos e tínhamos que dar aulas de manhã e à tarde. Depois passei para outra escola onde só se dava 4^a classe.

Mesmo com as transferências do meu marido, eu nunca deixei de trabalhar como professora. Apesar das dificuldades, fui fazendo todos os cursos que me ofereceram. Até hoje que completei o nível médio. E não vou parar. Eu penso continuar a estudar, estou para continuar a estudar, penso que para o próximo ano, porque não tenho vencimento ainda.

O meu trabalho foi muito importante, ajudou-me muito. Até porque tudo o que eu tenho para mim foi à custa desse trabalho. As amizades que eu tenho, a comunicação, e tudo o mais. Mesmo esta boa carga de problemas que eu tenho no lar, se não fosse esse trabalho, eu nem sei o que é que seria. Talvez estaria mais velha ou já estaria morta. Porque posso ter problemas, mas na escola estou ali com crianças, estou a rir, estou a saltar. Mas basta chegar em casa... Quando saio de casa estou numa boa, por isso é que é importante trabalhar.

O meu marido nunca quis que eu continuasse a desenvolver-me no trabalho. Mas eu continuo com os estudos. Ele sempre quis que eu ficasse lá em baixo e a receber pouco. Não era contra o trabalho mas era contra a minha evolução. Quando fui para fora estudar eu penso que ele ficou arrependido porque, na realidade o que ele queria é que eu não fosse. Mas foi ele que disse “vai”.

Conheci mais amigos professores e mesmo nas férias eu não parava em casa. Estava sempre a trabalhar nos distritos com outros professores e aí ele não gostava. Até porque ganhava um extra.

Tenho dificuldade de compreender porque é que os homens agem assim

Isto que eu aguentei um homem não teria aguentado. É o que eu penso. Um homem não aguentaria suportar o que eu passei.

Mesmo à distância ele tenta controlar-me, até deve ter polícias para me controlarem só que ele diz às vezes assim: “xi! Vocês, mulheres antigas, é difícil apanhar-vos”.

Ele, sei lá, pensa que me engana, diz assim: “um homem casado que não anda fora não é nada, e tanto a mulher deve andar, deve ter amante que é para o marido sentir-se homem”. Mas isso é uma aldrabice para ver se eu vou... Só que eu simplesmente sou jeitosa: “você não pensa que eu sou criança, eu não sou criança nem sou burra. Se você acha que eu devo andar, procura outra mulher que deve andar. Eu não vou me sujar com um qualquer”.

Ele quer que eu ande fora, ele às vezes dizia. Uma vez escreveu mesmo, fez um documento que dizia que eu podia andar fora. Fez um documento estilo uma autorização, eu peguei esse documento queria mostrar ao pai, ele pegou rasgou e queimou. Isso foi há muito tempo, não tinha dez anos que estávamos juntos.

Eu tento e sempre tentei não ter vergonha, não sofrer com essa coisa de andar por aí a saber que as pessoas ouvem dizer que eu sou isto, aquilo. Mas mesmo agora eu nem sei o que é que ele foi dizer lá nas chefias para eles desprezarem-me dessa maneira. Eu senti-me desprezada por parte deles. Senti-me mal.

Os homens de hoje estão sempre lá fora com outras mulheres, e as nossas conversas são sempre: “se ele nos traz aquela doença, se ele nos traz aquela doença” (SIDA). O problema é só esse de amantismo. É esse problema que faz com que o homem sempre deixa a família e vai ter com outras lá fora.

Eu não sei a razão desse comportamento, talvez eles próprios possam dizer, não é? Eu não sei explicar porque é que os homens fazem isso.

Na conversa eles dizem: “toda a mulher é igual”. Eles dizem sempre assim. A maior parte diz: “toda a mulher é igual. Você nunca deve ficar a pensar que lá onde eu estive, aquela foi melhor que eu”. Por isso, partindo desse princípio, eu não sei porque é que eles andam fora. Agora, se todas nós somos iguais, o que lhes faz agir assim? Porque é que têm curiosidade se todas são iguais?

Não sei se é falta de carinho. Mas carinho, eu penso que nós damos carinho, damos. Fazemos tudo. Lavamos a roupa, cuidamos dos filhos, fazemos tudo. É malandrice, para mim é malandrice só. O meu marido às vezes dizia assim: “Ah, eu estou sempre aqui em casa, mas os meus amigos disseram assim: ‘a partir de hoje, tu não podes ficar sempre em casa, porque se tu estás sempre em casa, qualquer coisa essa mulher te deu, ou tu estas a mimar essa mulher’”. Por isso, a partir de hoje, amiga, eu vou vadiar. Não saio do serviço logo para casa, primeiro vou à vadiagem depois eu volto para casa”. A partir desse dia mesmo, o meu marido foi mesmo. Nessa altura tínhamos uns 7 anos de casamento, penso. Uns 6 a 7 anos. E foi mesmo. Foi assim que ele começou a dormir fora.

Se ele um dia quiser voltar, pode voltar, é a casa dele e os filhos estão ali. Mas eu não posso aceitar, já me magoou muito e muito.

Tenho que refazer a minha vida, mas nem sei. Ele diz assim: “mulher que eu deixo nenhum homem gosta mais”. Eu não tenho pretendente, não sei se tenho ou talvez haja um escondido aí, que não consegue se aproximar a mim e dizer o que sente por mim, não é? Ninguém vem-me pedir nada. Eu também não tenho vontade de arranjar ninguém. Ainda estou muito magoada, não estou com essa intenção. Talvez daqui a 4, 5 anos. Por enquanto quero cuidar dos meus filhos, para além de eu ter filhos muito ciumentos. Sempre dizem: “mamã, marido somos nós, não queremos outro homem aqui em casa”. Não querem saber de homem,

são muito ciumentos. Mesmo o pai é muito ciumento, ele faz isso a escutar sempre o que é que vou fazer, o que andou a ouvir de mim.

Eu também ultimamente, eu vou ser sincera, eu às vezes tenho vergonha, sinto-me assim uma mulher, sei lá, sem valor. Porque não é possível ser abandonada dessa forma sem nenhuma explicação. Portanto, eu tenho vergonha de aparecer no meio de pessoas. Alguns dizem: “Quem convidou essa? É uma rejeitada, vem para aqui, o que é que ela vem fazer mesmo?” Mas são umas falsas, falsas mesmo, eu vejo na cara delas que são falsas.

Um ano depois...

Parece que percorri um longo caminho, tantas coisas que aconteceram. Mas eu ainda estou aqui.

Primeiro foi o tribunal. Ele meteu o pedido de separação e como não havia o meu consentimento, foi litigiosa. Não gostaria de falar muito nisso, não é? Foi difícil porque o meu marido chamou a família e os amigos para dizerem como eu sempre fui má esposa, que até dos meus filhos não cuidava. Ver o meu cunhado e a minha cunhada a dizerem isso, aquelas mentiras... Não posso dizer o que senti. Foi muita humilhação. E no tribunal o que valeu foi o que eles disseram. Nesta terra a justiça é de quem tem poder, não interessa se sujam o nome de uma mulher como eu, sem influência e sem dinheiro.

Mas agora finalmente matriculei-me na universidade e estou a gostar. É bom para mim. Os meus amigos têm-me dado forças. É por eles me incentivarem que ainda estou aqui a falar consigo. Ninguém me consegue destruir de qualquer maneira porque estou a lutar.

A única coisa que me custa muito é que fiquei sem os meus filhos. Os mais velhos, que estão a estudar, telefonam-me sempre a dizer que é só eu esperar, que quando acabarem os estudos estaremos de novo juntos. Mas o meu pequenino, que me tiraram também, eu sei que passa algumas noites a chorar porque quer a mãe. E lá onde está não pode nem falar no meu nome, só tem os irmãos para desabafar. Quando eu ajeitar melhor a minha vida, vou voltar a lutar para que ele volte para mim.

Não preciso dos bens que me couberem, vou pôr tudo em nome dos meus filhos. Aceito para lhes dar. Quanto a mim quero começar a vida de novo, com o meu trabalho, como sempre fiz. Lembro-me que houve tempos em que o meu ex-marido ficou sem trabalho e que fui eu que sustentei a família. Posso recomeçar, não tem problemas, sou forte.

História de vida 4

JÚLIA: Eu sinto que consegui limpar o caminho

Júlia é avó. É uma pessoa simples, não letrada, mas com a sabedoria da “escola da vida”. A sua linguagem ultrapassa as regras, mas é poética. Parece até que consegue transportar a riqueza das metáforas da sua língua materna. A sua vida, cheia de carências e sofrimentos, não é diferente da de muitas mulheres moçambicanas. Ela sente que se repete na sua filha e em muitas filhas do país inteiro.

A motivação para contar a sua história não surgiu da amizade que cresceu entre nós. Contar os “segredos do coração” surge de saber que a sua história podia interessar outras mulheres a pensarem e a refazerem as suas vidas. Júlia percebe com clareza, e orgulha-se disso, que conseguiu abrir caminhos que pareciam fechados para os seus netos. A sua força é gerada na segurança dos direitos que o pai lhe deu como mulher, para poder seguir em frente com as suas próprias mãos, realizando o trabalho que era muitas vezes considerado só dos homens... e não só, o direito ao controlo da sua própria terra, herança do pai, marcou a sua vida e abre projectos de segurança na velhice. Muito obrigada Júlia pela tua imensurável contribuição.

Júlia não sabe a idade que tem, perdeu os papéis de identificação originais. Nasceu, cresceu e viveu parte da sua vida adulta em zona rural. O pai foi mineiro e a mãe camponesa. Casou-se e teve uma filha, que depois perdeu porque abandonou o marido.

Quem sou eu. A história de minha mãe

Eu nasci na rua. Nasci numa mangueira, perto de chegar no hospital. E na hora de eu ser nascida, era 4 horas de madrugada.

A minha mãe ia para o hospital com a minha tia, então não deu para ela chegar no hospital, ficou naquela mangueira com a minha tia e nasceu a mim. Então quando me nasceu, é ali que saiu logo o meu nome, porque o dono da mangueira tinha uma criança chamada Júlia. Então, aquela mamãe saiu e disse: “eu tenho uma menina aqui, tem sorte, então, eu vou dar o nome da minha filha que é Júlia”. Então saiu ali a minha mãe com aquele nome de Júlia para o hospital, com a minha tia, não foi trocar, não foi aumentar, sou Júlia, prontos. Porque é assim como fui nascida.

A minha mãe casou-se quando era jovem. A minha mãe foi apanhada com a minha tia porque ela estava lá na terra dela, a minha mãe a sofrer, não comia bem, não vestia bem, era tudo ao contrário para a vida dela. Então, a minha tia foi falar com ela: “ouve lá, tem meu irmão está na África do Sul, se você aceitar, eu vou-te levar e ir-te deixar lá em casa, porque tem lá meu irmão que precisa mulher, ele disse que tem que arranjar uma menina”. Então a minha mãe por ver o sofrimento, porque acabava de perder uma menina (primeira sorte era

uma menina), perdeu ali em consequência do meu padrasto que estava na África do Sul e não dizia nada, aceitou.

Então falou com a minha tia. A minha tia roubou a minha mãe, ir parar em casa dela, noutra terra. Então quando voltou o meu pai, apresentaram: “a gente arranjou uma menina da família tal, é de tal sítio, é filha de tal fulano”. Então o meu pai aceitou, disse: “eu gosto da menina, é bonita e tudo”. Foi o que falou o meu pai para receber a minha mãe. Então ficou a minha mãe, em casa do meu pai. A minha mãe não foi lobolada com o meu pai, porque o meu pai era um bocadinho confuso, porque batia muito...

Batia a minha mãe, outras minhas mães, porque não era ela sozinha. A primeira mulher foi embora por levar porrada, a segunda foi por ele demorar na África do Sul. Então, você já sabe, a população da zona fala: “teu marido não é bom, porque dá porrada”.

Então a minha mãe ficou. Chegou lá, ficou bem durante uns dias. Teve grávida, primeira grávida era rapaz, então esse rapaz correu, correu, morreu. Então já começou confusão no lar.

Começa a bater, quando bebe um copo bate a minha mãe. Mas nem com os conselhos das minhas tias, da minha avó, ele parava. Não é que batia porque não gostava dela. Tratava bem, dava de vestir, dava de comer. Mas problema aparecia quando ia lá bêbado.

Então a minha mãe aguentou. Teve grávida, segundo, terceira grávida em casa do meu pai, nasceu o meu mano, que é André. Então dali, ficou, com aquele barulho ela aguentava. Ela fazia machamba. O meu pai já não ia para África do Sul, desistiu, já não ia, porque ele ia na África do Sul comprar moagem, ia porque precisava dos bois, porque precisava coisa para quando quer fazer machamba não se dobrar na terra. Então parece que essas coisas ele tinha conseguido, então ele

tinha decidido que já não vou mais para a África do sul porque estou a perder o meu tempo. Ficou ali com a sua mulher e outra minha madrasta que apareceu ali...

Ela ficou ali, tem mais outra grávida de mim. Então quando eu já estava a puxar para apanhar aqueles 3 anos, então é quando a minha mãe foi embora. Eu fiquei assim confusa. Porque eu cresci sem conhecer a verdadeira minha mãe, de que verdadeiro a minha mãe é esta aqui, de que é essa aqui ou aquela ali, não conhecia.

A minha mãe foi porquê? O meu pai era bêbado. As palhotas da casa não é essas aqui que fecha, fecha, são aquelas que às vezes deixa buracos. Meu pai dormiu, nesse dia dormiu assim por trás. Então o gato vem, sobe na parede, em vez de ir cair noutra sítio, caiu em cima do meu pai, aqui em baixo. Veio ser picado com aquilo, então, o meu pai ficou com nervo. Quando acordou não falou nada, fez acordar a minha mãe de repente, a minha mãe levou porrada até passar aqueles dias que ela levava, aqueles dias parecia que não era nada, então levou porrada, levou porrada, então a minha mãe tentou abrir a porta, fugir para ir em casa do meu tio porque não era longe.

Chegou lá, bateu à porta, entrou, dentro da casa da minha tia, minha chará. Então, a minha chará começa a perguntar o que é que se passou.

A minha mãe disse: “eh, pá, eu levei porrada porque gato entrou lá em casa então ele me deu porrada, então, eu o que quero, quero voltar para casa dos meus pais”.

Então a minha chará disse: “a Júlia é pequenina”.

“Já estou cansada, porque eu sempre levo porrada com aquele meu marido, então já estou cansada, já não estou a aguentar mais”.

“Tá bem, há-de amanhecer”, dizer o tio. É o marido da minha chará.

Quando amanheceu o meu pai precisa a minha mãe, a minha mãe foi escondida, mas está ali em casa. Então tentaram arranjar dinheiro: “Está bem, vai lá em casa do teu pai; eu mando as pessoas para a gente vir resolver esse problema porque já não dá. Ele faz toda essa confusão, você nasceu 3 crianças aqui em casa dele e ele até agora não quer deixar de ser nervoso; bebe, é para bater o outro”.

Então, apanhou machimbombo e voltou para terra dela, e levou a mim e o mano. Voltou connosco. Quando chega em casa dos meus avós, ficou um mês, segundo mês, o tio mandou as pessoas, o meu pai, para vir levar a nós com a mamã. A mamã disse que “eu não volto mais, porque senão você vai-me matar”.

Meu pai disse: “não, não vou-te bater mais, eu vou deixar de beber, vou deixar tudo”.

“Eu não aceito”.

Então os meus avós disseram: “Não. Você vai organizar o dinheiro do lobolo”.

Então ele disse: “Tem que me dar os meus filhos”. Ela aceitou entregarnos ao papá. Voltamos com ele.

O lobolo era para pagar, nós com mamã voltar. Então quando volta cá, em vez de ir organizar lobolo para ir lobolar a mamã, o nosso pai não fez isso. Ela ficou assim confusa, não confusa. Ele disse: “não quer voltar mais porque eu não tenho sorte, essa confusão toda saiu na cabeça dela”.

Nunca mais vi a minha mãe. Eu vi a minha mãe quando eu era grande. Porque eu sabia bem, porque a nossa vizinha é que começou a me contar a história da minha mãe. Vinha o meu tio que é irmão dela, vinha sempre visitar-nos. Então, o mundo falava que a nossa mãe está viva. Então ali, eu comecei a querer saber como é que está viva. O meu pai já tinha morrido e eu morava em casa do meu tio, irmão do meu pai. Eu era grande porque tinha 15 anos. A nossa vizinha disse: “a sua mãe está viva, a sua mãe é fulana, não é esta. Esta é sua tia, não é sua mãe que te nasceu, a sua mãe é de tal sítio e o pai dela é fulano, ouviu?”

Eu disse: “como é que eu vou descobrir essa senhora, porque eu fiquei tanto tempo a pensar que minha mãe é fulana, ora é cicrana, não apanha solução na bateria, como é?”

Então a vizinha disse: “o teu avô vinha sempre visitar, mas não tínhamos aquele amor de a gente aceitar que é tio, é família de mamã, era vovô porque está aqui em casa. Mas não havia aquele mimo de coração de sentir bem, de chegou o meu tio irmão da nossa mãe”.

Ah, eu falava muito, eu perguntei ao vovô: “você é irmão da minha mãe?”

Disse sim. Afinal minha mãe está viva

“Mas para que não vem visitar-nos?”

Disse: “ih, ela não há-de vir, porque zangou com o teu pai”.

Eu disse: “ah, está bem, mas eu quero conhecer esta tal minha mãe. Como vou conhecer? Mas não tem problema, tio, você fica visitar-nos, acaba teu contrato vai para casa, está bem. Eu só queria saber, se a minha mãe está viva ou está morta, como o meu pai”.

Então eu voltei para a casa da vizinha alguns dias porque ela tinha um amante que conhecia minha mãe e conhecia a casa que estava a viver.

Na vizinha eu disse: “quero ir ver com a minha mãe, onde eu vou sair aqui para chegar lá, como é que vou andar, porque o tio não deu solução, que eu há-de vir lá, mas eu quero ir lá”.

A vizinha disse: “você não tem dinheiro”.

Eu disse: “não, eu vou apanhar castanha, vender castanha, então eu vou ter dinheiro”.

Disse: “está bem”.

Eu apanhei castanha vender, quando vendeu aquela castanha apanhou dinheiro. Então aquele senhor me deu já o programa de eu andar. Agora, para eu sair aqui em casa, então como é que vou sair, porque o tio vai dizer eu vou dar falta aqui nesta casa. Agora como é que eu vou dizer?

Então eu disse: “ah, eu vou dizer que eu vou em casa da minha irmã, é minha prima que mora noutra sítio. Não vou dizer a ninguém quando me perguntar, para não denunciar o meu segredo, vou dizer vou em casa da mana, vou acabar 4 dias lá, eu há-de voltar. O tio haveria de ficar zangado se soubesse que ia à procura da minha mãe. Eu ficava a saber disso porque ele falava que não quero ninguém de vocês os dois dizer que precisa de vossa mãe e ninguém que pode abandonar aqui em casa, se eu descobrir vou bater até ela morrer. Então eu com mano André ficava com essa ideia aqui, não é para a gente falar sobre a mamã aqui, nem se veio o tio não podíamos dizer nada ao tio.

Ah, organizei aquela viagem apanhei machimbombo, minha vizinha me acompanhar uma parte, me mostrou machimbombo, explicou que

“quando você chega no sítio tal tem que descer na cidade, virar assim parece vai esse lado que vai o sol, caminha, caminha um bocado passa ali no aeroporto, as casas que começa a apanhar pergunta”. Tá bem. Eu apanhei esse machimbombo cheguei na cidade, caminhar, as casas que eu apanhei começou a perguntar já era tarde, “sim, eu queria casa do senhor fulano que é curandeiro”.

Disseram-me já é tarde, fica aqui e de manhã a gente vamos-te acordar, te acompanhar, te mostrar bom caminho para você chegar lá, porque não é aqui na cidade, é no fim. Tá bem. Já estou fazer dois dias dormiu no caminho. Enquanto problema eu tenho que voltar antes de acabar estes 4 dias, logo dormi, acordei de manhã, passei em casa me deu balde, deu água, tomei banho, me deu comida e dinheiro. Então me deu um rapaz disse vai com ela, vai deixar no lugar x depois volta.

Sabe? A gente caminhamos, caminhamos, chegar no sítio que foi dito com o pai, de que é aqui, você não pode dar mais volta só caminhar com esta rua até onde se vai ver uma árvore grande à frente, ao lado tem coqueiros, então à direita vira, daquele caminho que vai apanhar com a Igreja aquela casa que você está a contar é ali.

“Ah? Está bem”.

Eu caminhei, caminhei, caminhei, cheguei esse lugar eu disse a árvore é aquela ali, é este caminho, eu virei fui naquela casa, cheguei não apanhei a minha mãe. A minha mãe tinha que fazer negócios longe, apanhei esse tal meu pai, segundo pai que ela foi arranjar lá. Então cheguei lá nem sequer esse meu pai não me conhece, eu também não conheço esse meu pai, o meu tio que vem visitar-nos não vive ali, vive em casa de vovô, o pai da minha mãe. Eu fiquei ali e disse: “eh, eu estava a perguntar em casa do senhor fulano”.

Então aquele fulano disse: “é aqui, tá bem”. Ele pensava que eu, como ele era curandeiro, eu ia com um programa. Eu fiquei.

Então eu fiquei e disse: “ah, tio não me conhece eu sou filha da dona fulana, que casou nesta casa. Então eu sou Júlia, a filha dela que ela deixou lá”.

Disse: “eh, é você que todos os dias tua mãe chora, contando de você?”

Eu disse: “sou”.

Então começou me perguntar: “o André?”

Eu disse: “oh, ficou lá em casa”. André tinha medo de levar porrada, até disse que “eu vou dizer tio se me perguntar”.

Eu disse: “André, se você dizer tio, há-de bater você também”.

“Você vai perder você”.

Eu disse: “não vou perder, se eu ver que não consegue apanhar eu voltar”.

Disse: “você vai conseguir esses 4 dias voltar?”

Eu disse: “vou voltar, você há-de ver só. Eu volto”.

Voltando à história, então chega minha mãe à tardinha, desse horário, mesmo me apanha já eu tomei banho, comi alguma coisa. Então meu pai, segundo pai, disse que: “a gente não vai dizer nada, você não fala nada, ouviu?”

Eu disse que não vou falar, esses meus irmãos que estão ali, tem uma menina e um rapaz, também não estavam. Aí chega minha mãe de negócio, ponho água vai tomar banho, a gente fica aí na cozinha, era tempo de frio, está ali na cozinha para a gente apanhar aquele lume. Então ela come comida, toma chá, então começa me saudar: “boa noite, como está?”

Eu disse: “ih, tudo bem, não sei lá a senhora”.

“Ah, eu também estou bem”.

Lá ficámos caladas. Então o meu pai pergunta minha mãe: “ih, mas aquela tal tua filha que está longe, que é Júlia, se aparecer agora você pode conhecer?”

Disse: “ih, não vou conhecer porque saí enquanto era pequenina”.

“Mas que tal o André?”

Disse: “ah, nem André, já nem faço ideia, só pode eu conhecer o André, porque o André tem voz mais fina, fala mais baixo. Ah, eu pode conhecer o André por causa disso. Ih, perguntar isso porquê?”

Eu disse: “ah, é uma conversa”.

Então ficamos aí conversa, não conversa, então ele disse: “eh, a tua filha é esta aqui”.

Disse: “ih, esta senhora aqui? Você estás maluco, você, você senhor fulano está maluco”.

Eu disse: “ah, mamã, não. Sou eu tua filha Júlia”.

A minha mãe em vez de ficar contente chora, chora, chora, eu admiro. Porque chora ela? Porque venho por ter saudade de conhecer mamã e a minha mãe chora? Para que chora? Eu pensei, “ih, esta *mamana* não é bom”. Eu fiquei calada, eu disse: “sou eu que saí de lá para vir perguntar, para vir conhecer, estou viva, não estou morta, mano André está bom, está bom não tem problema, mano mais velho que está em Maputo, outra mana ser enfermeira, ainda outra está com a mãe dela. Então eu estou aqui. Mas eu vou voltar depois de amanhã, porque eu queime um dia por dormir no caminho, porque não conseguia chegar”.

Eu voltei a visitar a minha mãe mas eu não gostava do coração, gostava porque era a minha mãe que me nasceu. Mas eu tinha mágoa por ela ter ido embora e me deixar só com o meu pai, que não foi fácil. O meu pai não me deu escola, a minha madrastra não aceitou.

A minha mãe me visitou cá onde estou agora, mas eu com ela não lhe falo os meus segredos, a mágoa nunca foi. Mesmo quando ela ficou doente não mandou chamar os filhos que deixou.

Ela só falava mal do meu pai. Eu aceito que ela tinha de sair, mas não me deixar bebé. Mas eu fui ao falecimento. Chegámos ela já estava na cova. Não fomos chamados.

O pior foi que eu fiz a mesma coisa que a minha mãe. Fugi das dores e deixei a minha filha Julieta. Ela sofreu o mesmo que eu sofri. A minha filha também tem mágoa de mim, só que agora ela já consegue ultrapassar. Só os meus netinhos é que estão como deve ser. Eu sinto que consegui limpar o caminho que foi fechado com a minha mãe.

A maneira como cresci

Depois da minha mãe ir embora, continuamos a ficar com aquela nossa madrasta, a gente ficava com madrasta. Está a ver o acidente que foi acontecer? Quando eu deixei de mamar, de repente comecei a ficar doente. Os meus pés não queriam andar, se eu tivesse ficado com a minha mãe eu devia andar bem. Então, fiquei 3 anos, fiquei 4 anos, eu sem andar. Então, o que poderia ser? A família começou a procurar porque é que eu não ando, os meus pés já começam a dobrar, só ando de joelho. Então procuraram nos curandeiros, procurar tudo, fazer tudo para eu andar. Então, comecei a andar. Eu já tinha 5 anos, mas andar era aquele de 5, que estou a ver que já consigo sair da casa até no rio, do rio para onde... Então fiquei ali, andar, andar, capinar, na machamba, para o rio, para o que...tudo que eu fosse mandada, como criança

Agora já estava caminhar para 6 anos, quando eu comecei já a ir a machamba, o meu pai não gostava uma pessoa ficar e não ir à machamba. Então, eu ia capinar um bocadinho e voltava, ia capinar um bocadinho e eu voltava. Então eu vim para casa, cheguei com a minha madrasta. A minha madrasta não era aquela madrasta chata. Era boa mãe, e parece que tinha o coração da minha mãe, porque me tratava bem. Nem um dia ela me bateu. Aos 4 anos, eu já sabia: este é bom, aquele não é bom. E ela não andava a me bater. Então, fiquei com aquela minha madrasta, aqueles 6 anos, 7 anos já estava bem, já não tinha problema.

Na escola não pisei porque o meu pai não me deixou ir à escola, não sei perdeu controle por beber, não sei perdeu controle por machamba, não sei perdeu controle por deixar a minha mãe. Nem lembrava que esses dois têm de ir à escola. Não sou eu sozinha, nem Mano André. Prontos, a gente ficou em casa. A fazer essa machamba, aprender a fazer a machamba com o boi.

Sempre quando a gente estava lá o papá dizia: “hei, vocês devem capinar com essa charrua, isso de você dizer que é criança, eu não vou aceitar, porque se eu morro, vocês vão sofrer enquanto vocês têm bois aqui em casa”.

Então a gente aprendia. Eu já tinha 8 anos.

Então a caminho de 8, a minha prima, que é filha do meu tio, veio falar com o meu pai, que precisa de mim para eu ir para a Beira, ir ficar com bebé. Então, o papá como sabia que eu não tenho mãe, ele achava que a minha prima era boa pessoa, entregou-me à minha prima. Então, ao pedido do meu pai que disse: “você tem que ir meter na escola a tua irmã”.

A minha prima aceitou. Mas era mentira. Porque não foi me meter na escola. Chegamos na Beira, eu ficava com bebé, mas esse bebé não era bom, tinha doença. Ele nasceu tipo cobra, porque os pés, os ossos não dobrava, ficava direito. Então eu fui ficando lá com aquele bebé até dois anos. A minha prima foi o pior da minha vida, eu não consigo me esquecer dela, foi pior. Até quando eu ficava com o meu pai era muito bom, com aquela minha madrastra e com toda a minha família. O meu pai não me batia, nem insultar nunca me insultou, não andava a me insultar, só ensinava-me coisas para eu poder trabalhar com a minha força. Aquilo que eu conseguia era aquilo que eu fazia, se eu não conseguisse não era obrigatório, só ele dizia: “você tem que fazer esforço para conseguir, porque assim é a vida de mulher. Você tem que trabalhar para conseguir viver”.

Se isso é pesado ou isso é aquilo, eu dava resposta. Mas às vezes ficava calada porque às vezes eu tinha medo eu pensava porque como hoje está bêbado se eu der resposta vai me bater. Assim eu ficava calada.

A minha prima não me deixava dormir, minha prima fazia-me de escrava da casa dela, porque eu acordava zero horas, mesmo qualquer hora para ficar com bebé, para fazer calar o bebé, fazer leite para o bebé, eu ter que acordar às 4 horas para ir comprar pão para o marido tomar chá para ir para o serviço. Eu aquecia água para o marido dela tomar banho, mas mesmo assim eu levava porrada. Nem à escola eu ia, nem estava a ser bem tratada, não estou a comer bem, não estou a vestir, nada. Mas um dia eu reagi e fugi, muito ferida que eu estava. Eu pensei: “se vou ficar, vão-me matar”.

Vontade de fugir. Como conheci o pai da minha filha Julieta

Quando eu conheci o pai da Julieta, não foi de livre vontade, foi através do meu pai, quando morreu. Quando eu já tinha 10 anos. Então quando morreu o meu pai, fiquei com o meu tio. Então, o meu tio me levou para eu ficar com a minha tia, eu com o André. Ficámos ali, naquela casa, casa da nossa tia.

Essa coisa da gente sofrer, porque já aqui, são duas coisas que a gente tem: não temos pai, que era aquele que nos ficávamos no canto dele. Não temos a mãe, já éramos sem dono. Eu fiquei ali com a minha tia, que era a mulher dele. Ficamos, ficamos, eu a crescer. Eu fazia machamba. Trabalho da casa só, machamba, no rio, apanhar castanha, fazer aquele *tontonto*. Porque a tia dizia: “se alguém não apanha castanha, há-de ficar nu”. Então, a gente tinha que apanhar aquele caju, para vender e ter dinheiro para comprar roupa.

Então, o tio naquele momento levou os bois do nosso pai, venderam, a gente ficou sem nada. Os manos mais velhos estavam noutra cidade, eram filhos da primeira mulher do meu pai. A gente continuava a sofrer enquanto tínhamos pessoas grandes, que é mano com mana. Então, ele

não se interessava de nós. Não ligavam de nós, mesmo que a família fosse lá a dizer: pelo menos vir levar a Júlia. A mana dizia: “eu não quero vir lá, porque a minha mãe morreu há muito tempo, então, elas que aguentem”. E nós aguentamos mesmo.

Eu cresci, então o sacramento começou já a puxar-me para o espírito que não é bom, por ver sofrer, e por ver que outro está num lar. Eu disse: “Ah! Se eu tiver um lar, é capaz que a minha vida ir mudar”. Está a ver? Era essa ideia, enquanto tudo era falso, não era boa ideia.

Então começou quando eu ia na loja vender castanha. O pai da Julieta dizia: “hiiii..., menininha...” Aquelas coisas de falar coisas más. Ele trabalhava na loja. Então, sempre que eu ia lá, era aquela coisa, conversa. Me dava às vezes lenço. Hi, esse homem, para que me dá lenço da cabeça? Como é que vou dizer à minha tia? (mas lá em casa ensinaram-me que é mamã, não podíamos dizer que é tia, éramos proibidos, nem o tio, não podíamos dizer que é tio, tínhamos dizer que é papá). Sempre eu levava aquele lenço.

Outro dia foi-me dar uma blusinha. Mas eu levo o lenço, vou entregar uma minha tia que ainda estava a viver. Eu começo a queixar: “hi, na loja, tem uma loja assim, vou lá, aquele senhor me dá isso, me dá isso. Eu tenho medo do meu tio, se me ver com essa roupa, vai começar a me exigir, a tia também vai exigir: onde que eu apanhei? Qual o dinheiro que eu apanhei para comprar essas coisas?”

A minha tia disse: “tá bem, mas você está começar a querer namorar com um homem, você não sabe que ainda é criança?”

Eu disse: “Eh! Não sei se ele está a namorar comigo, porque sempre que chego ali diz: ha, você é minha mulher, vai casar comigo. Não sei tia, é essa forma de dizer se é meu namorado?”

“Prontos. Você é minha filha, você não sabe os homens. Aquele homem gosta de você. Quer prejudicar a sua vida.”

Então, sempre era assim. Então, chegou uma altura que eu aceitei. Mas não aceitei porque eu queria, só estava a ver a sofrer.

Cheguei aquele coração que disse: “Ah!, vale mais eu aceitar. Porque assim não estou a viver nada, estou a sofrer na mesma”.

Então aquele senhor disse: “eu quero te lobolar, você ser minha mulher. Eu lá na minha casa tenho uma mulher, você vai ser a segunda mulher”.

Para mim tudo aquilo não me importa, pode ele ter 20 mulheres, eu não me importo, basta sair e viver na outra casa, já estou cansada dessa minha família que anda a me castigar. É ali que eu namorei com aquele senhor, para eu e o mano não sofrermos. Para a gente viver melhor. Tá ver? Mas, Aaahh... Grávida nem demora, não tem pena de alguém. Logo no primeiro dia que eu fui lá, dormir com ele um dia, o segundo dia, não sei o primeiro, eu tive grávida de Julieta.

O meu *teacher*, é esse meu marido. Ele é que me disse: você faz isto, faz isto. Eu não sabia nada. Eu nunca tinha visto. Fiquei com medo, fiquei com aquelas dores. Tudo ao mesmo tempo eu senti. Mas eu pensei: “hi!? Afinal ficar com homem é assim? Todas mulheres são assim?” Mas isso falo dentro do meu coração: “se é assim, não posso voltar mais, porque um dia qualquer vou ficar com ferida. Minha capulana cheio de sangue, a minha calcinha cheio de sangue. Não vou fazer mais”.

Enquanto a Julieta já colou na minha barriga. Então eu fui em casa, fico, vou lá na loja. A população do bairro começa a falar: “a filha de fulano tem grávida”. Havia uma amiga, que era pobre também, disse:

“Júlia, você tem grávida; eu ouvi fulano falar que você tem grávida, é verdade?”

“Maria, como é que você diz que eu tenho grávida?”

“Ih! Mas eu ouvi assim. Alguém me disse que você tem grávida.”

“Não sei. Calha que eu tenho grávida. Eu durmo muito, é primeira coisa. Eu não gosto de *matapa*, eu não gosto de *cacana*, como porque eu tenho medo; mas quando eu como, vou vomitar; sentir cheiro de *matapa*. Já eu não apanho bem a solução, porquê? Deve ser essa grávida que eu tenho.”

“Essa grávida é de quem?”

“É de fulano”.

“Aquele homem?”

“Sim, é daquele homem”. Ela era amiguinha boa, do meu bolso.

“É bom a gente ir lá e dizer que você está grávida”.

“Ah! Como é que a gente vamos dizer? Se não for grávida o que é que nós vamos responder?”

“Deixa lá, como você está dizer esses sinais, eu vou perguntar minha mana. Porque ela tinha gravidez e criança. Para ela me dizer como que a pessoa tem grávida, quando é grávida”.

Então eu disse: “não, essa grávida é dele. Porque eu estou a ouvir muita gente a dizer que quando tem grávida não sai mais sangue, então tem grávida aqui”.

Então, vou lá na loja: “ouve lá fulano, eu tenho grávida. Você fica a saber que se o meu tio descobrir que eu tenho grávida, eu tenho que vir aqui”.

“Ah! Está bem. Se você quer vir, vem. Eu não tenho problema, mas essa grávida talvez não é minha. Porque você às vezes brincava com aqueles ‘monhés; quando saía daqui parava ali, parava ali...”

Eu disse: “ouve lá, eu nunca dormi com homem, foi aquela primeira vez que dormi com você e saiu aquele sangue. E eu não vi menstruação, então, muita gente me disse que quando não sair sangue é porque alguém tem grávida; você não vai mudar o jogo, porque eu brinco com aqueles monhés, eu aquele só me dizer olá, eu também dizer olá, como é que eu vou encontrar com aquele monhés enquanto eu sou negra, então você não pode mudar o jogo. Se me perguntar o meu pai eu vou trazer aqui, você só fica organizar a sua vida e contar comigo”.

A grávida começa a crescer, 2 meses a barriga sai fora já aqui em casa todo mundo sabe que eu tenho grávida, só o meu tio que não sabe. Aos 3 meses, meu pai começa a ver a minha barriga, há uma outra minha tia que pergunta, “eh, estou a ver Júlia parece tem grávida é verdade ou não?”

Disse: “chama lá Júlia, hoje é dia de porrada. Porque a minha ideia sempre fica na porrada”.

Chego lá me pergunta meu tio: “Júlia, estou a ver que você tem grávida”.

Eu disse: “sim, tenho, porque nem vale a pena eu já tirar porque barriga está a puxar a blusinha”.

“A grávida é de quem?”

“É de fulano”.

Então disse à minha tia que “amanhã de manhã carrega essa pessoa ir mostrar onde é que apanhou grávida”.

Acordamos de manhã, a gente foi ver fulano no serviço dele.

Eu disse: “é este que me deu grávida”.

“O senhor conhece esta menina?”

“Sim”.

“É você que deu as coisas que ele tem?”

“Sim”.

“Então o pai dela precisa de você ir lá falar sozinho com sua boca”.

“Tá bem, eu hei-de vir no sábado”.

Disse: “sábado é longe, amanhã aparecer em casa”.

Foi lá falar com meu tio, meu tio decidiu que “você tem que lobolar, levar a tua mulher com a tua grávida ir viver com ela, eu não quero ver ela aqui na minha casa com grávida. Júlia, aceita ou não aceita?”

Eu disse: “ah, aceito”.

O que é que eu vou dizer? Vou dizer não, vou viver aonde? Vale mais ir viver lá com essa minha grávida. Cheguei lá com aquele homem

organizar o lobolo rápido, não foi demorar eu fiz já aqueles 5 meses eu em casa dele, logo me lobolar com dois e meio de lobolo. Era muito dinheiro naquele tempo, esses dois e meio.

Então chega lá apanha que aquele senhor tem mulher e mulher. Tinha três mulheres em casa dele, eu entro ser quatro, entrei com grávida. Confusão, ali eu estou a sentir grávida, eu estou a apanhar aquelas falas daquelas *mamanas*, das minhas rivais, falam sempre para mim, a minha cunhada não gosta de mim porque este meu marido nunca engravidou uma menina fora, nunca ele fez nada fora, as mulheres disse que nós não aceitamos porque essa menina queria tomar chá, ia lá levar açúcar, confusão até.

A vida continuou igual, é aí que eu fui na escola de viver

Não gostavam de mim, nem a minha cunhada não gostava de mim. Então eu sempre, essa vida é igual, está a ver, é aí que eu fui na escola de viver. Essa vida é igual quando eu era pequenina fui passar mal em casa da mana Luisa, chego aqui eu pensava que ia descansar, começa mais esta confusão, agora pisou outro lixo já está a ver disse que a grávida não é dele eu passo mal, o que eu vou fazer porque eu estou grávida, coisa que eu vou fazer tem que aguentar.

Aguntei, aguntei, até grávida sair. Quando chegou o dia bebé saiu, ah, esse bebé é igual com o pai, a cunhada começa a me gostar. Então aquele homem tinha a doença de matar as crianças, mas essa coisa ele não matava por levar catana e cortar, não. É coisa de tradição dele, não da casa dele. Por causa do que aconteceu na vida dele quando foi nascido.

Então havia uma avó que gostava de mim, que me chamava sempre eu ir comer comida em casa dela: “anda comer comida. Eu fiz comida que você gosta”.

Porque quando faz aquele feijão nhemba eu gostava mais. Então ela sempre quando fazia aquela comida de feijão então ela me chamava. Era uma vizinha que vendia, então eu chegava aí com a minha barriga, comia aquela comida que eu gostava. Sempre dizia: “você, minha filha, ali naquela casa esse senhor é nada, porque este senhor mata as crianças. Você está a ficar com esta grávida, enquanto esta criança vai morrer”.

Eu disse: “como é que vai morrer? como é que você sabe que vai morrer?”

Disse: “desde a vida dele nunca nasceu uma criança e está andar. Quando nasce morre ou quando começa a gatinhar morre. Mas estas coisas não têm remédio ou não sei se tem remédio e ele não quer denunciar. Mas você não conta”.

Eu disse: “não vou contar, como é que eu vou contar? Eu conto para ele, aquele senhor às vezes vai-me bater ou vai fazer alguma coisa. Não quero contar nada”.

Então eu pedi a ele, disse: “quero ir em casa do meu pai”.

“Fazer o quê?”

“Eu quero ir visitar”.

Ele disse: “você vai nascer no caminho. Quer sair daqui para lá o teu pai disse que tem que vir ficar para eu aguentar com esta tua grávida, agora você quer ir lá. É bom esperar, eu volto amanhã.

Eu disse: “tá bem, vai lá”.

Naquela casa não havia crianças, haviam quatro mulheres mas não tinham crianças. Tinha criança de sobrinho dele só, mas da mulher dele aquela que estava a dar os filhos não tinha nem um.

Então eu ia contar a minha amiga, que estava ali em casa do meu tio. Eu disse: “amiga, aquele homem que me deu grávida dizem que não vive criança quando eu vou nascer esta criança vai morrer, já eu não sei o que eu posso fazer”.

Então amiga disse: “pergunta lá como que ele foi nascido”.

Eu disse: “não posso dizer isso, vai dizer que eu vim queixar aqui. É bom você vai lá na loja falar com ele, parece que você vai comprar sal, para você conseguir falar com ele”.

Então minha amiga foi lá fez uma manobra, disse: “eh, a tua mulher quando ter bebé, era bom não sair ir na tua casa era bom no dia que ela saiu do hospital você vir com ela lá em casa porque ela tem uma doença assim, que eu não entendo bem que às vezes aquela doença não ficou curada, então é bom que quando que você saiu do hospital tem que vir aqui em casa, lá em casa”.

Ele disse: “ah, está bem. Eu hei-de vir com a minha mulher, eu hei-de vir dormir lá”.

Chegou o dia eu dei à luz a Julieta, fiquei uma semana no hospital, então fiquei, mas eu ficava com medo: “será que meu bebé vai morrer?” Como era magrinho, deve ser esta doença de pai dele entrou no meu bebé por isso está magrinho, os outros estão gordinho, meu está... him...

Então chegou o dia da gente sair do hospital. Ele disse: “eh, a tua amiga dizer que não vai para casa, vamos sair daqui para ir lá em casa do teu pai”.

Eu disse: “ah, está bem, vamos”.

Eu sabia qual era o segredo mas não podia eu denunciar. Chegamos lá, minha amiga fez medicamento dela, curou aquele homem ficou limpo tudo, tirou tudo, tudo que andava a matar as crianças dele. Porque ele foi nascido com os pés, desceu assim ao invés de sair da cabeça, enquanto disse que aquilo é perigoso.

Mas ele não sabia que ele está a ser curado ele, pensava que sou eu que estou a ser curada, enquanto eu não tinha problema. O problema era dele.

Quando já Julieta já começa gatinhar fazer tudo, aquele homem começa meter ciúme. Aquele ciúme grande que enche um saco não conseguir, começa já ouvir as falas dos vizinhos, falas das mulheres dele, eu entrava mais no biscate de porrada.

Eu entrei no biscate de porrada

Eu entrei no biscate de porrada, mas outra vez está a ver quando volto no sábado até em casa não há sossego, não. Conversa só eu sou prostituta, eu tenho sexo com homem, eu não paro em casa, até essa tua filha não é minha, eu conheço o pai desta menina que é fulano, você veio inventar que a filha é minha, como que ela viveu assim, enquanto eu sei quando nasce uma criança morre, você queria lugar.

Sabe? Enquanto fiquei ali naquela casa estou a trabalhar, aquelas mulheres não sabiam fazer machamba com boi, alugavam os homens para fazer machamba e depois pagar dinheiro. Mas eu com aquele miúdo que fui apanhar viver ali, Fernando, eu dizia Fernando, eu consigo segurar charrua, eu sei fazer machamba com boi, se você aceita a gente vai fazer ao invés de elas gastar dinheiro, vamos fazer machamba com os bois. Porque temos charrua aqui em casa, temos tudo, então só falta uma pessoa. Ele disse: “oh, está bem, mamã”.

Mas oh, pá, eu já estava a pisar o lume, está a ver? Começou o barulho de porrada com o meu marido, mas enquanto eu faço machamba parece que eu estou a piorar. Porque ele já não gostava de mim, dizia mesmo que: “eu não gosto de você, falhei, uma senhora assim que fica com sujo, uma senhora assim que deixa bebé assim, não toma bem banho”.

Sabe? Quando eu quero tomar banho ele, a mulher dele, a primeira mulher, cortava sabão pequenino assim, está ver? Eu sou duas famílias, juntar com aquele rapaz que também estava a sofrer naquela casa, Fernando, ser três, num sabão pequenino para lavar fralda todos os dias, lavar a tua capulana... Como é que você vai tomar banho? Ir na machamba este tempo de chuva tem que ir de manhã e ir à tarde, e sai da machamba tem que ir para o rio tirar água, organizar coisa de cozinhar, cozinhar rápido para que, para quando for 16 horas, você ir na machamba, está a ver? Com a criança nas costas. Tudo isso cai em cima de mim, mas nem com isso eu tinha os homens, enquanto eu não tem tempo, e chegava sempre cansada, mas com porrada. Então veio esse dia de levar porrada bem, veio esse um dia para eu levar porrada a valer.

Ou aquele tempo me dava com mão, mas quando chegou o dia de eu levar bem porrada, o homem foi no mato arranjar corda. Porque já havia tempo que quando me dar porrada, eu dizia que: “você está a me castigar, está a me bater coisa que eu não faço”. Então às vezes eu

falava, eu dizia que: “se você não gosta de mim, é bom você me arrumar em casa do meu pai, porque o meu tio está vivo, quem morreu é o meu pai. Mas a minha família não morreu toda, porque está a me castigar se você tem certeza que este bebê não é teu, não há problema, meu pai vai pagar teu dinheiro, tudo que você gastou vai pagar. Porque ele pode não ter muito dinheiro, mas dinheiro ele tem, porque não morreu meu pai”.

Ele: “aqui na minha casa só você faz e desfaz, toda a gente está a te ver com o senhor Manuel, o que vocês conversam”.

Eu: “Manuel não é meu amante, o Manuel fala comigo porque ele é machambeiro, às vezes ele me pergunta como é que você consegue segurar charrua com bebê, disse tinha aquela coisa de agora que disse é *estique*, de às vezes ir fazer machamba vocês ali com grupo. Então às vezes vinha chamar nosso grupo também, então ali não via homem só era eu com o meu Fernando, então muita gente admirava como é que você, menina, senhora, consegue fazer isso com bebê nas costas. Mas enquanto meu marido não gosta disso que eu faça essa machamba, andar nos grupos. Mas era bom grupo porque se você chama também aparecer. Então corremos com esse esquema de porrada.

Chegou esse dia, disse que: “você ontem dormiu com o Manuel”.

“Dormi com o Manuel? Aonde?”

Disse: “ah, pessoas que te viram você a sair naquele mato, Manuel também sai de outro lado no mato, como é que vocês calham a sair no mesmo mato?”

“Mas esta pessoa estava a andar atrás de mim?”

Disse: “ainda está a falar”.

Foi no mato, arranjou aquela corda, veio me amarrar parece sou ladrão, começou a me chaboquear com a vara de verdadeira, me chaboquear. Assim atrás, me dar porrada, porrada, aquelas mamas estão ali sentadas até a rir porque era noite, ficou ali a ouvir espetáculo que está a acontecer naquela palhota que eu estava a dormir. Então me deixou, me desmaiou, me desmanchar, me deixar... Eu disse: “eh, pá, essa porrada já voltou mais, enquanto eu pensava que descansei, torna a voltar mais porrada. Não, assim já é demais”. Eu fiquei calada.

Ele ficou aquele sábado, domingo, segunda foi para o serviço. Eu saí, fui em casa do meu pai, fui queixar, mostrei que eu onde levei porrada, todo lado eu fui amarrada, ele esqueceu aquela corda com aquela vara, eu levei fui mostrar ao meu pai. Então assim, porque ele disse que eu tenho homem, mas eu tenho marido, não tenho amante, não tem nada, ele nem me toma conta como mulher, nem faz nada, sabão não compra para mim, eu fico com sujo.

Então meu tio havia tempo que me dava sabão, que mandava as pessoas me trazer sabão, açúcar. Ele disse: “aguenta um bocadinho talvez ele vai deixar disso. E a criança é pequenina”.

Então, eu disse: “tá bem, vou aguentar um bocadinho”.

Eu fui aguentar mesmo, aguentei, aguentei, então veio outro dia que já descobri que estes que fazem fofocas são estas senhoras aqui em casa, que me fofoca para eu levar, era aquela que dizia é ela que fofocava para eu levar porrada. Disse-me uma pessoa ali, uma menina que era nossa sobrinha também. Disse: “vovó, o que fala mentira para você é tia Maria, é tia Maria, sim é ela que fala fofoca”. A tia Maria era a primeira mulher.

Eu prometi: “Tá bem, eu não vou perguntar”.

Então chegou o tempo de eu entrar na machamba para fazer machamba com charrua, e ela disse: “você, filha da puta, tem que amanhã ir começar capinar na minha machamba”.

Eu disse: “essa mão é minha. Sim, a mão é minha, a força é minha, eu como sou prostituta não vou na machamba de alguém fazer charrua. Cada qual a partir de hoje faz machamba sozinho, se eu precisar vou fazer na minha. Na machamba de alguém eu não entro”.

Disse: “esses bois não, eu trabalhei para comprar”.

Eu disse: “pode você levar seus bois, levar tua charrua, em casa dos meus pais tem charrua, tem boi, eu não vou chorar por causa disso. Se eu precisar vou em casa do meu pai levar charrua, levar rapaz, dois rapaz que hão-de vir fazer machamba por um dia ou dois, para mim. Vocês falam mal para mim, afinal precisam da minha força. Não vou fazer”.

“Você há-de fazer, você há-de ver comigo”.

Eu disse: “não vou ver nada. Com você eu não posso ver nada”.

Disse: “você me conhece bem”.

Então outra disse: “você cala, você conhece a mana Maria, vai te bater”.

Eu: “uma mulher não pode me bater. Uma mulher só, eu ser duas como ela, ela não pode me fazer nada, se eu fico calada não é porque eu sou maluca, eu fico calada porque não gosto de discussão. Não é que aqui não tem nada, tem mais. Eu poupo porque não quero brigas. Ela só

pode-me dizer que vamos lutar, ao fim da luta é que vou ver que ela pode me bater”.

Então disse: “você há-de ver comigo”.

Eu disse: “tá bem, vamos lá ver. Eu estou a negar com a minha força, você faz o que você pensa fazer”.

Ela foi entrar lá no quarto dela, amarrou bem capulana, amarrar bem daqui, sai já com aquelas blusas que parece vai à guerra.

Então aquela minha amiga: “está ver? Você provocou Maria, hoje você vai ferver”.

Eu disse: “não vou ferver. Eu não entrar no quarto para organizar, não. Assim já estou pronta, só estou à espera dela aparecer em frente de mim”.

Então ela aparece, começa a me segurar daqui com aquela minha blusinha de soldado. Disse: “você hoje vai baixar comigo”.

Eu disse: “baixei uma vez com o teu marido, não vou baixar segunda vez. Vamos lá ver ou é você que vai baixar ou sou eu”.

Então ela me deu, deu assim, eu disse não, essa *mamana* já está a brincar comigo. Começamos a lutar, lutar dizer que eu não aceito levar porrada com ela. Aquela *mamana* levou porrada, eu rasgar toda a roupa dela, dar bem porrada até chegar cair no chão, com aqueles nervos que eu sempre leva porrada. Fui levar uma vara que eu apanhei para eu pagar toda a fava da minha vida toda, que eu passo a levar porrada nesta casa. Deu bem para ela também ficar três dias, porque eu também fiquei três dias na cama do hospital.

Eu disse: “agora quando vir teu marido é dizer que levou porrada, mas basta me bater só vou bater você, basta ele me bate, não sei me bate pouco, bate muito, você a partir de hoje há-de passar a pagar comigo. Fica a saber que eu não sou tua família, você também está aqui por ser lobolo, eu também, o meu pai comeu o meu lobolo porque eu fui lobolada aqui. A força que utilizo para eu fazer as coisas são minhas, o meu pai que me ensinou não é você nem teu marido também, por isso não quero ninguém abusar a minha força, a partir de hoje eu não vou fazer machamba para ninguém, vou fazer para mim”.

Volta o marido, diz: “ah, você não devia lutar com a sua mana”.

Eu disse: “a minha mana é outra, não é a Maria, a minha família que é outra, não é essa aqui. Esta aqui eu não conheço”.

“Agora você disse que não vai fazer mais machamba, você sabe que esses bois eu comprei com aquela senhora”.

Eu disse: “a força é minha e os bois são seus se me bater a Maria vai pagar, me bate, experimenta lá, você fica aqui ser guarda dela, se sair um bocadinho você há-de ver aquela vai baixar não vou fazer machamba nem um dia estou a te dizer isto. Como eu não comprei boi aqui nesta casa, mas eu faço negócio, vocês carregam o meu dinheiro, eu faço machamba vocês levam o meu amendoim, milho tudo levam, pôr naquela casa de Maria. Dizem que não querem que uma mulher fica com coisa dela à parte, quando vende aquelas coisas ela não me dá dinheiro. Eu aqui em casa não tomo banho, nem escovo os dentes, a minha filha não é bonita, não é nada, porque não tem roupa. Mas sempre todos os dias vou para machamba, fazer para elas e carregar água, cozinha comida, fazer tudo, ela sentada, e torna a dizer que eu sou prostituta, e torna a dizer que eu estou a namorar nesta casa. Eu durmo cansada, ela não cansa, está gorda porque não trabalha muito, quem trabalha muito sou eu. Mas isso eu não me importava. Mas agora eu

levar porrada sempre, levei porrada, me amarrar você porque eu dormi com o Manuel no mato. Mas você não é que me viu, a Maria disse para você, tudo que anda me fazer porque a Maria anda contar para ti mas eu nunca fiz isso. Agora que eu descobri que é Maria basta você me bater, ir embora, a Maria há-de levar. A machamba não vou fazer, você hoje saber que eu a partir de hoje não faço machamba para ninguém. Vou dizer meu pai me trazer para mim, fazer na minha machamba porque lá em casa do meu pai tem boi. Amanhã ou depois de amanhã há-de vir a minha família com os bois fazer na minha machamba, até vou descansar também não vou fazer eu, vai fazer os meus irmãos que estão lá em casa”.

“Ah, porque você é rica?”

Eu disse: “eu não estou a trabalhar porque sou rica, estou a trabalhar porque eu sei, meu pai me ensinou só”.

Então fui comunicar em casa do tio, apareceu os bois, fez na minha machamba e voltou. Só três dias, acabou aquela machamba.

Ele disse: “ah, agora você vai viver essa vida?”

Eu disse: “vou viver assim mesmo porque em casa não sou pobre, sou pobre nesta casa, nesta casa sou pobre não tem nada aqui, estou a trabalhar para vocês”.

Aquele caminho foi muito duro. Então chegou uma altura que eu disse: “já chega, desisti com aquele homem. O meu tio arranjou aqueles dois e meio dele, do lobolo. Eu disse tio, eu estou cansada com aquele senhor porque eu levo porrada, trabalho muito”.

O meu pai disse: “está bem, decisão é sua, dinheiro de dois e meio temos, eu já vendi bebida, tenho dois e meio aqui em casa. Então se você decidir que já não quer, voltar porque criança é grande”.

“É assim mesmo, não gosto mais daquele homem porque está a me matar com porrada”.

Eu fugi fui em casa de papá: “não volto mais. Se essa minha filha vai viver porque eu estou ali, não vai viver, porque eu vou sair naquela casa”.

Então eles conversaram, conversa conforme vinha no programa, então decidiram tem que levar os dois e meio dele.

Decidi ir embora, mas tive que deixar a minha filha. Os sofrimentos da Julieta

A minha filha ficou em casa do pai. Mas com andar do tempo, não ficou com o pai, foi ficar com a tia, a irmã do meu marido, que ficava na Beira. Porque ali com discussão, não discussão, a minha filha estava a passar mal. Era pequenina, ela tinha 4 anos.

Então, quando vi que a criança está a passar mal, eu disse: “dêem-me lá a minha filha, vou sofrer com ela”.

Ele disse: “não vou-te dar minha filha porque você não é uma mulher, não é de nada, vai fazer a minha filha aprender coisas más de prostitutas”.

Então eu disse: “se você não quer me dar a minha filha, é bom ela ficar com a sua irmã. Porque se não for isso, então a greve vai continuar”.

Disse: “isso eu não sei, eu é que vou decidir porque sou eu que fico com a criança”.

Eu disse: “não, a criança é de duas pessoas, eu assim como você. A nossa zanga, a nossa filha não entra, quem entra sou eu e você”.

Então... Então eu fiquei sem filha, sem nada. Então eu falei com ele para dar à cunhada que é irmã dele.

Disse: “está bem, eu vou mandar a Julieta na Beira, para você não vir mais me incomodar”.

Eu disse: “tá bem para mim”.

Então foi lá, com aqueles 4 anos dela, chegou lá na Beira em casa da tia, ela estava a viver com a tia. A tia dela também tratava mal a criança, não tratava bem. É ela que quando voltou começou a contar. Porque a minha filha fica parece não bate 10. Por isso que é muito calma, há vezes que está boa e há vezes que não está boa.

Ela também apanhou essa porrada que eu apanhei quando estive em casa da prima Luisa. Porque a tia tinha rancor de zangar por não ter filhos, não tem nada, porque eu cuido dessa aqui?

Então ela disse: “mamã, eu levei porrada”.

Eu andei a perguntar: “você fica calma, não fala, não conversa, não gosta de mim, eu sou tua mãe”.

Então ela disse: “mamã, eu levei porrada com a minha tia”.

Essa porrada partiu de que ela estava a trabalhar tipo escrava, com aqueles 5 anos que ela estava a caminhar, ela pilava milho, cartava

água, coisas que eu devia fazer, é o que ela estava a fazer. E a tia com aquela ideia de que você para comer, tem que trabalhar, passava a vida a bater a ela. Então, há um dia que ela bateu muito, a minha filha fugiu da casa também, foi-se esconder. Ficou escondida uns dias, depois aparece uma sobrinha, um familiar.

Então, aquela minha sobrinha, vendo a Julieta, disse: “vamos em casa de fulano para você ir receber tratamento”, porque todo lado, todo corpo dela estava cheio de porrada, de todos os dias, de cada vez que ela não faz coisa que quer a tia, dava porrada. Voltou com ela para a cidade, foi com ela no hospital curar aquelas todas cicatrizes, a minha filha ficou com aquela doença de anemia, ficou inchada, falta de sangue, confusão e tudo. Mas era através de porrada.

Então, mandou o pai ir lá na Beira, a sobrinha disse: “vovô, tem que vir cá, porque a coisa que está a fazer a tua irmã é grave”.

Chega lá, o pai apanha mesmo que a criança está mal, está doente, está cheio de cicatrizes, uma criança assim... Sabe?, quando você sofre não tem cara boa, tem sempre aquela cara assim, parece você não gosta das pessoas.

Então foi chamar a irmã dela: “eu vim resolver esse problema, eu levo a minha filha. Para ficar com ela, não era para você castigar. Então, se a dona dessa filha descobrir eu estou mal, com aquela *mamana*, há-de vir de Maputo querer saber, como é que a filha ficou assim.

Então carregou a Julieta, voltou com ela. É ali que a Julieta começou a entrar na escola. Em casa do pai, enquanto já está a caminhar para 6 anos na vida dela.

Entrou na escola, a escola não consegue aprender bem, porque está um bocadinho confusa na cabeça dela, não está tranquila... Ela não apanha

decisão final na vida dela. Está assim confusa sempre. Vai na escola, estuda, estuda, estuda, ora chumba, ora passa, ora chumba; até conseguir empurrar para quarta. Mas é empurrar, não é que foi formada.

Então ele diz: “olha, a tua filha voltou, estava na Beira”.

“Ah? Tá bem, eu vou chegar lá e ver a minha filha, se me der tempo”.

Então, quando eu estou a fazer esse programa, a Julieta está a caminhar para 7 anos a 8 anos, porque eu fiquei tanto tempo sem ver a minha filha. Mas não porque não gostava dela; era rancor que eu tinha no meu coração: “de que vale a pena que eu vou ver aquela criança, se ela vai descobrir que eu sou a mãe? Então vai sofrer a mais, vale mais ela viver sem saber que ela aqui, eu sou a mãe dela. Como disse que a mãe dela é a madrasta, para mim, basta ela viver”.

Quando vi a Julieta ela já tinha 11 anos. Já é uma mulher que já está a vir menstruação.

Eu disse: “é minha filha?”

Ela também olha para mim: “é minha mãe?”

Cada qual admira a outra. Ficámos ali, precisavam em casa da família dela, só vinha-me visitar em casa da minha família também.

Então, quando a madrasta volta com ela, diz: “Ah, a sua mãe não é sua mãe, aquela. Se fosse a tua mãe podia não desistir com o seu pai, agora se desistiu com o seu pai é porque não é sua mãe”.

Educa dizendo parece que eu abandonei aquele marido por querer, abandonar a minha filha por querer, não sabiam que eu estava sofrer.

Então a minha filha disse: “está bem”.

Então volta para casa. Não gostava de mim, por causa daquelas falas.

Quando voltou para casa, tá a ver?, acidente que vai sair para a minha filha, mais outra vez para ela sofrer. Vive ali com aquela madrasta, que ela achava que era mãe dela de verdade, mas não é verdade. Ela vive, vive, com aquela coisa de sofrer. Eu mandava roupa, mandava tudo. Porque quando cheguei a Maputo, não fiquei de braços parados, fazia alguma coisa que eu apanhava, que isto vai me dar dinheiro. Tá a ver? Aquele dinheiro, é aquele que eu juntava às vezes e comprava uma roupa para ela. Mas aquela *mamana* levava a minha roupa e dava à filha dela. A minha filha ficava sem roupa boa. Trabalhava demais para todos.

Por isso que a Julieta fica um bocadinho confusa, porque cresceu sempre a sofrer, porque não apanhou aquela folga de crescer com aqueles mimos, saber que é mamã, é papá, é minha família toda, ficar bem tranquila. Ficou pobre parece a mãe morreu, o pai também morreu. Ficou no ar que não tem ninguém; só apanhou uma casa para conseguir viver, mas não estava a viver bem.

Não saiu ali, continuou a ficar ali. Ali já começou brincadeira de mau gosto, quando começou guerra, já ser apanhada com aquele *machanga*, é ali que já começou problema muito grande. A minha filha foi levada com *machanga* para o acampamento deles, sofreu mesmo. É uma história que ela pode contar. Eu só conheci que ficou grávida, o pai dela não queria filho de *machanga*. Eu não aceitei a minha filha tirar o filho, ela é a minha única sorte. Nasceu a Julinha muito doente e o avô não aceita a neta. A minha filha e a Julinha vieram morar aqui comigo.

Reconstruí a minha vida noutro lugar. Arranjei novo marido

Eu quando vim para aqui fui em casa do mano a fazer os trabalhinhos e apanhar um bocadinho de dinheiro. Eu tinha namorado, ou tinha namorados, porque ainda não tinha fixado a minha cabeça e guardar no lugar, ainda estava a dizer: “Ah, ah” a tudo.

Então, eu fiquei ali em casa do mano com aqueles meus namorados, meu trabalho que eu fazia sempre. Ali, eu fiquei, fiquei ser maluquinha, não ficar direito. Ali, eu fui apanhar uma doença, se fosse agora devia dizer eu tenho Sida, porque eu fiquei doente de uma forma e fiquei acabada. Essa minha diarreia não parava. Então, eu ficava já com osso, não ficava com corpo ou com sangue ou com água, eu só estava a viver porque eu devia viver. Então essa minha doença correu comigo para o hospital, para lá. Todos esses hospitais da cidade eu conhecia, Central entrei, Museu entrei, lá na zona da polícia ali no Comando da cidade tem um hospital, então, eu entrei porque eu estava mal. Eu tinha família ali, que me deixaram eu entrar lá por causa de diarreia, a coisa que me fazia era diarreia, não era outra, e dóia, quando dói, sai, quando dói, sai. Então curou a minha doença, é ali que eu apanhei Elídio.

O Elídio não se importava por estar doente. Ele queria a mim, gostava de mim. Eu disse: “eu não aguento nada, quem lava a minha roupa é mano, quem faz tudo para mim, agora nem trabalho, nem nada, porque não consegue nem pegar, você quer uma mulher que já está dentro do caixão para fazer o quê? Arranja uma outra mulher a não ser eu”.

Disse: “não, eu conheço uma pessoa que cura”.

Em parte o Elídio fez bem, salvou a minha vida.

Então ele disse: “eu conheço uma senhora que cura, que veio de fora. Como você deu volta toda cidade no hospital e esse medicamento que toma não dá resultado, então, eu no sábado vou te levar a essa *mamana* para te curar”. Então, trouxe aquela *mamana*. Veio-me apanhar aquela *mamana*.

Elídio, eu conheci através dessa doença, porque essa *mamana* é ele que conhece, é família dele. Então quando eu já estou melhor, e Elídio era solteiro tinha divorciado com a mulher, então começou meter pedido do amor.

Eu disse: “Ih, Elídio, eu não dá mais filhos, eu não quero ficar num lar porque aquele homem me deixou, então você também vai-me deixar”.

Ele disse: “Não, não vou te deixar”.

Mas era me enganar porque era pai de 6 filhos. Eu só sabia que ele tinha 3 filhos.

Então eu disse: “não, eu não quero homem, quero ficar sozinha. Quero ficar sem os homens, não quero homem que vai guardar a minha vida”.

Ele disse: “não, eu quero uma mulher que vai-me guardar a minha vida”.

Eu: “eh, eu tenho medo porque homem bate. Você vai-me bater, como já fiquei doente, eu não tenho força de como é que eu vou-me defender”.

Ele disse: “eu nunca bati uma mulher”.

“Como é que saiu a tua mulher se você não bate?”

Ele disse: “Ah, aquela conversa você não pode se meter, você tem que saber a tua vida”.

“Ah, está bem”. Então eu fiquei ali em casa do mano. Ele sempre: “ah, eu quero você”.

Eu disse para a gente acabar esta parte, eu não quero nenhum homem me lobolar mais uma vez, eu quero que casa comigo, não sei se você aceita isso casar comigo Eu queria casar porque eu desde criança tinha a ideia de que eu tinha que casar, a minha ideia era aquela coisa. O meu pai não casou, mamã não casou, então eu tenho que casar mesmo, entrar no Registro, entrar na Igreja casar.

Ele disse: “está bem”, porque ele era uma pessoa grande na Igreja. Na Igreja dele também não aceitava que um homem tem que ficar com uma mulher sem casar.

Então fiquei com Elídio, a gente namorou, namorar chegou uma altura que eu fiquei de escorregar foi ficar em casa dele, ele foi em casa da mana foi fazer aquela coisa de apresentar, tirar 120 contos.

Eu ia para casa de Elídio, quando chegasse lá já apanhava monte das crianças pequeninas, é ali que eu comecei a ver este homem está a me fazer jogo, está a ver? Eu falei com ele. Porque já agora eu conseguia falar, eu disse: “Elídio, você, fala lá bem a verdade. Sempre quando eu saio do serviço chego aqui na tua casa apanho essas crianças. Como é? Aqui você apresentou 3 mas estou a ver 6, e essa pequenina dorme contigo, como é? Conta lá”.

Ele disse: “Ah, eu tenho 6, a sexta é essa pequenina porque a mãe dela deixou”.

“Você não pediu que tem que deixar essa criança”.

Ele disse: “não, ela disse que eu vou deixar essa criança aqui”.

Nem pensava se ele gostava ou não gostava de mim. Sabe quando você ainda está noiva, num bule, numa chaleira ser fechado não consegue ver nada, fica na vala comum ali mesmo ali, tudo às vezes fala a pessoa você acha que é verdade, enquanto é mentira. Você não consegue, eu não conseguia ver que ele está a mentir, que ele estava a me alugar para eu servir de empregada dela, criar as crianças dele, eu não conseguia ver isso. Eu estava a ver parece era o amor que está à frente de mim, ainda por cima é o homem que vai casar comigo. Muita gente diz quando casa com um homem, então aquele homem parece já não faz aquela malandrice está a ver?

Eu queria casar, mas sem saber que ele estava a me aldrabar, se eu tivesse descoberto que ele está a me aldrabar não podia aceitar, podia morrer sem casar, não me importa. Então correu o programa ali, eu começar a ver ele, organizámos o casamento, casámos, vivemos juntos. Eu casei na Igreja, eu casei no Registo.

Já começámos a caminhar passo a passo um a outro, fazer controle, vi que o Elídio é muito esperto, que não gostava de mim, gostava de mim para eu ser empregada dela, para eu fazer aquilo que ele queria, ajudar a ele a criar aquelas crianças. Então eu fiquei ali, fiquei sem trabalhar, parei, porque já não tinha emprego, ficava em casa, fazia *badjia*. O Elídio trabalhava ali no Instituto do Coração, não sei se agora já está reformado. Mas ele era muito esperto ao mesmo tempo. Ele trabalhava, ele me deu doce na boca, disse: “vamos comprar terreno”.

É ali que comecei a ver que este homem parece ele quer o dinheiro na minha mão, quando eu vim trabalhar com estes suecos. Porque eu quando trabalho e recebo, ele sempre tem as contas no meu vencimento.

Ele diz: “Ah! Eu recebi, comprei comida (havia um ano que comida também era difícil), então, esse teu dinheiro eu tenho que pagar a dívida, temos que organizar a nossa vida para a gente comprar terreno”. Naquele tempo isto ainda não estava cheio.

“Está bem”.

Eu não tinha nada a ver que ele está a me aldrabar, ele estava a comprar terreno para os filhos dele. Ele pedia todo dinheiro do meu vencimento, porque era meu marido, como é que eu podia fazer? Podia não dar na mão, mas o trabalho que dava o meu vencimento, merecia que o meu vencimento dava, tá ver?

Eu disse: “tá bem, vamos comprar esse terreno. Primeiro eu tenho que ir ver”.

“Tá bem”.

Eu fui ver o terreno, é bonito, é grande e tudo. Tá bem. Gostei.

O terreno a gente tinha que pagar.

Eu disse: “Tá bem, eu vou trabalhar”.

Em casa desse senhor, sueco eu ganhava um bocadinho de moeda externa. Porque eu ganhava 20 dólares, e mais 300 mil meticais. Então, quando eu trocava, eu sempre apanhava um dinheirão que naquela altura era dinheiro. Ia comprar amendoim, arroz, farinha, com aquele rande, não rande. Então, eu tinha rancho. Então ele começava a ver que eu ganhava mais que ele. Me dava aquele senhor patrão para ir dar aquelas crianças. Porque esse senhor pensava que aquelas crianças são minhas. Quando compra roupa, comprava que chegava para toda aquela

malta, as crianças dela mandavam roupa para aquele grupo, com aquela ideia de que são os meus filhos. Como não me perguntava eu também não podia dizer: “aqueles não são os meus filhos, porque estou a viver com o pai”.

Então, aquele meu marido, a gente pagou aquele terreno, então acabámos de pagar, fizemos a casa. A gente fez uma casa de 3 quartos, uma cozinha, uma varanda, casa de banho fora.

Mas já começa confusão, estou trabalhar, já deixei de trabalhar aqui no suco, estou ficar. Começou o problema já quando eu trabalhei noutra casa. Eu começo a trabalhar, trabalho, volto, vou, volta, vou. O Elídio começa a dizer assim, eu tenho amante, que a minha filha rouba. Porque entretanto a Julieta apareceu com a Julinha, minha neta, a Julinha tinha doença, porque era magrinha, ficar com asma. Mas com ele é porque eu tenho amante, ou porque a minha filha rouba, ou é porque é doença de Julinha.

Eu não apanhava o resultado bem, o que é que se passa dentro de um casal, só apanhava que à noite eu não dormia, trazia as falas, as falas, falas: “você, eu já descobri que você tem um homem lá na Costa de Sol, por isso que você sai muito cedo”.

“Tá bom, eu saio muito cedo porque cá é longe e eu tenho que fazer ligações”.

Havia outras queixas. Que a minha filha rouba, que come muito.

Eu disse: “Se a minha filha come muito, então os seus é que comem mais porque vocês são 6 pratos e eu só tenho um prato, dois é o meu prato, você são 7 pratos, até juntar com a sua mãe são 8 pratos...”

“Vai-te embora, é por isso que te deixou o outro marido, é porque a tua cabeça não regula”.

Eu disse: “tá bem, eu tenho consciência que a minha cabeça não regula, mas eu não vou sair. Não pensa que quando me dizer vai embora eu vou sair. Levar a minha pasta ou levar a minha capulana e vou sair, não. Conforme que você veio me levar lá em casa de mano, você me leva e vai me deixar lá, dizer que a tua irmã está aqui, a filha dela rouba, ela tem amante, não está trabalhar”.

Elídio, eu não vou mentir que ele me batia. Mas falar muito, falava. Elídio decidia-te uma noite você não dormir nem um bocadinho. Falava até a cabeça doer, aquele homem, não bate, mas fala. Então eu fiquei. Este homem já mudou, porquê? Porque eu comprei terreno? Porque já fez aquela casa? O que é que se passa? Será que de verdade a minha filha rouba? Como é que eu vou perguntar?

Tá bem, eu vou arranjar uma via de perguntar: “Julieta, você rouba aqui nesta casa?”

“Hi! Mamã, eu não roubo, quem rouba aqui quem rouba é maninha”. Era a filha do meio do Elídio.

“Maninha é que rouba? Você viu bem?”

“Ela tem chave”.

Então eu disse: “está bem. Essa chave onde é que ela guarda?”

“Não sei, mas quando vocês saem, Maninha abre no vosso quarto, tira açúcar, tira coisas, às vezes tira dinheiro”.

“Está bom, você não fala nada. Você tem que caçar Maninha, aquela chave, ouviu? Me dar.

Eu vou falar com o pai dela. Vamos fazer essa vigilância de chave que tem Maninha, ou você se ver que ela entrou lá, como ela entra e deixa chave fora, fecha, deixa Maninha dentro do quarto até o pai voltar e vir apanhar, ouviu?”

Ela: “Tá bem”. Negócio fechado. Então, Julieta teve que fazer vigilância de Maninha. Então, Deus não é aldrabão, aldrabão é uma pessoa. Maninha foi entrar no quarto. Abriu. A Julieta viu, entrou lá dentro, fechou a porta e ficou lá dentro. A Julieta levou aquela ideia que eu disse: “você fecha, tira a chave e deixa a Maninha dentro do quarto. Porque se você tira a chave esconder, isso não resulta nada, o pai vai continuar a falar para nós”.

Quando fechou ali tirou chave, voltou ficou ali. Nessa porta, a porta já está trancada.

Então volta o pai dela às 15.30, quando mexe a porta, abre, apanha Maninha dentro do quarto, apanha com saquinhos de plástico ali...

Eu volto e Julieta me diz: “Mamã, Maninha hoje foi apanhada no quarto. Eu levei as chaves e ficou comigo”.

Eu digo: “Está a ver, Elídio? Você levava coisas a dizer que é minha filha sempre, quando se estraga coisas aqui diz que é minha filha”.

Ali começou barulho, barulho, barulho, porque dizer que eu já comprei terreno, ainda eu estava a trabalhar, era barulho que eu não aguentava nada. Era todos os dias a dizer vai-te embora, todos dias a dizer vai-te embora. É ali que eu comecei a ir na escola de adulto, para eu estudar para quê? Como é que eu vou viver? Eu entrei na escola de vida, eu tenho que aprender, como é que eu posso vencer essas consequências

que está à frente de mim. Eu comprei terreno e fui mandada embora, em casa do pai da Julieta fui mandada embora. É mesma história de eu ser prostituta? É mesma coisa de que eu não bato bem? Mas como?

Eu fiquei. Pensei, pensei, pensei, enquanto estive em casa dele a pensar nisso. Mas não vou sair aqui. Se ele não fazer alguma coisa não vou sair. Quero ver o fim dele. Já agora não estou a ficar porque eu gosto dele, não gosto dele, já estou ficar porque eu tenho que ficar; como ele não me bate, então eu vou sentar e lutar para eu ficar.

Então essa manhã, esse dia que chegou. De manhã, era por volta das 10 horas disse: “eh, pá, vamos fazer amor”.

“Ah! Agora que amanheceu, a gente já acordou, é agora que vêes que eu sou uma mulher que estava aqui nessa cama, durante uma noite longa você ficou calado”.

Disse: “é isso, porque você tem um homem, por isso nega fazer amor comigo, porque tem outro, porque você ontem já estava dormir, sabia que hoje não vais ter com ele”.

“Eu não tenho amante. Que tal se a gente começa e as crianças vêm bater a porta, o que é que a gente vai ganhar? Porque agora você diz que você quer ir para igreja, eu quero pôr água, tem que endireitar a tua camisa, a tua calça, tem que fazer matabicho e tem que carregar mais esse saco aqui na cama. Essa hora eu tenho que fazer tudo para você ficar, não vou fazer”.

Eh, pá, estragou tudo. Desci na cama, vesti a roupa, fui pôr água, aqueceu, pus água na bacia, eu disse: “vai tomar banho”.

Fiz matabicho a endireitar a calça e camisa, ele vestiu. Nem disse chau, nem disse nada, ficou cozido na boca dele.

“Ah! Deixa lá”.

Eu também vesti, fui na igreja, quando chega ali, cada qual não conhece ninguém. Estamos na igreja. Prontos, saímos, logo que ele chegou disse: “iá, hoje é seu dia de ir para casa do seu pai”.

“Tá bem, eu posso ir”.

Disse: “vai lá”.

Eu disse: “não, não, essa coisa de me dizer vai lá, não vou. Mas se me der alguma coisa eu vou”.

“Então, o que é que você quer? Quer meu biquini, quer peúga? Quer o quê? Quer o meu corpo? quer o meu quê, quê, quê?”

E depois fala aquela coisa de insultar.

“Não, você se fala a verdade, eu hei-de ir”.

Levou a carta, escreveu aquela carta: “você, senhor fulano, receba a sua irmã porque a sua irmã quando está em cima da cama, ensinar o que deve fazer com o marido. Então a partir de hoje, tem de ensinar ela o que deve fazer na cama com o marido, porque ela não sabe”.

Durante os dias que a gente estava a viver, eu não sabia fazer, é agora que vou aprender ser ensinado com mano: quando estou na cama fazer isso, o mano vai-me dizer que tenho que abrir as pernas, não sei o quê. O mano vai-me dizer como não sei. Eu levei a minha carta, eu disse: “tá bem, vou”.

Arrumei a minha trouxa, a minha roupa toda, disse à minha filha: “vamos. Você arruma a roupa de bebê e sua roupa para a gente ir em casa de vovô e vai chamar aquela *tchova* para a gente meter a nossa mala, porque parece que o contrato aqui está a acabar, tem que levar o nosso colchão”, porque a gente tinha um colchão pequenino que fui dada, não sei quem me deu.

Então arrumamos, eu tinha dinheiro, então acabava de receber; eu disse: “vamos”.

A gente saiu, deixamos Elídio em casa dele. Cheguei e apanhei o mano não está. Eu tinha chave do mano porque ele às vezes dizia para passar a varrer porque ele não tinha mulher, varrer ou fazer alguma coisa para ele. Então chegamos lá, abrimos e ficamos dentro da casa, fizemos o jantar, comemos. Voltou o mano e veio nos apanhar. Disse: “o que é que se passa?”

Eu disse: “Eh! Não sei como é que eu vou contar, mas ele me deu carta”.

Disse: “tá bem, dá lá essa carta”.

A carta só insultava. Então mano disse: “tá bem, fica cá”.

É aí que até hoje eu não gosto de homem. O homem pode falar bem, falar tudo. Não sei é verdade, não é verdade; para mim eu não acredito no homem, só acredito em mim, o homem eu não confio mais, porque o homem me fez eu sofrer, gastar a minha força por causa do homem. Por causa do senhor Elídio gastei a minha força de comprar terreno para ele. A casa era de nós os dois. Era de nós. Mas como o amor começou entrar na água...

Então quando começou me perseguir a família dizia: “essa senhora é muito boa, tá ver ela comprou terreno para ti. Como é que você deixa aquela mulher? É mulher boa”.

Veio em casa falar com a minha família, essa coisa de que quando zanga mulher, vai em casa, aparece para vir falar.

Eu disse: “Não, eu não volto para casa de Elídio”.

“Porquê?”

“O problema que não vai me fazer eu mudar, é porque esse mano está a negar ir comigo na cama me ensinar aquilo que ele escreveu ali na carta. Vou voltar, não vou fazer mais aquilo que ele acha que eu devo fazer, cumprir. Então, como o mano ainda está a negar, eu também não vou voltar. Só se ele aceitar o mano me ensinar aquilo de eu saber que o marido e a mulher o que fazem em cima da cama, se não me ensina, não vale a pena, o senhor Elídio deve voltar. Aguenta até o dia que ele vai ficar com tempo de me ensinar, sem isso eu não vou voltar mais. Você arranja mulher se quiser, se não quiser, isso é contigo. Para mim, não, não volto mais”.

Então, eu fiquei assim, em casa do meu mano, eu sofrer, não sofrer, os amigos: “você tem que meter queixa”.

Mas como eu já estava na escola da vida, de estudar, como é que eu posso dizer? Eu meter queixa? Queixa precisa documento, divórcio precisa pagar advogado... O que é que eu devo fazer? Eu estava a ouvir aquilo que estavam a falar os meus amigos, todo o mundo falava que você mete queixa para dividir, ou vende o terreno dividir o dinheiro ou faz alguma coisa ou te dá a loiça ou te dá alguma coisa. Eu não apanhava a solução. Eu vivi com Elídio quatro anos. No quinto ano foi só barulho.

Eu mesmo tenho que ir na escola de vida

Desisti de colocar queixa, de fazer o divórcio. Eu já fiquei no meio, eu quer ver como é que eu vou viver a partir de agora. Se ele mete queixa, pronto vou lá, se ele não mete, prontos, eu também não vou meter. Então ficamos assim. Ele pensava que eu vou meter queixa, eu não meti. Eu também pensava que ele ia meter queixa, ele também não meteu, porque nunca me chamou para eu ir responder porque eu desisti com ele.

Então eu fiquei em casa. Ali eu fiquei em casa, já a aprender como é que eu vou viver? Como é que eu vou viver? Então, um dos amigos disse: “Júlia, você, não é para ficar a pensar sempre, eu arranjo lugar para alugar mas você não precisa de lugar, você compra e faz a sua casa”.

“Fazer casa? Comprar terreno? É preciso muito dinheiro. Eu não tenho esse dinheiro”.

Correu o meu programa com meu Elídio, mas já não estou em casa de Elídio, já sou mãe solteira, fiquei em casa do mano. A minha cunhada começou a me dar de fazer, falava mal de mim, falava mal dos meus filhos. Mano já casou, tem uma mulher, aquela mulher não gostava de mim, porque eu deixei o meu marido, carreguei despesa para casa dela. Ora você come a sua comida sozinha com os teus filhos, eu também vou fazer minha. E estávamos a viver essa vida.

Então, eu mesmo tenho que ir na escola de vida, estudar como é que eu vou viver. Essa não é vida, eu vou viver assim. Vou dizer que estou em Maputo a viver desse jeito? Não. Essa não é vida.

Está a ver outro problema que me aparece? Julieta apanha grávida e é esse problema que vem partir o meu coração todo. Nem força nem

nada, nem nada. Eu fiquei sem nada no meu corpo. Fiquei porque só era Júlia, porque eu estava viva, conseguia andar, conseguia ver as pessoas, às vezes conhecia, às vezes não conhecia. Foi aquela ferida que estava dentro do meu coração que estava a me doer muito. Onde que eu venho, já a pensar a minha vinda de lá atrás que sofri, sofri, até eu cheguei aqui que apanho mais esse problema grave. O que devo eu fazer? A minha netinha morre, a minha filha ficou assim, está cheia de ferida, ficou operado, como que vou viver? A casa não é minha, é de mano que tem mulher dele que fala. Quem vai ficar com essa Julieta? Julieta não sabe lavar roupa dela, não sabe fazer alguma coisa. É Julieta que fica só na cama desde de manhã, toda a noite todo o dia, fica na cama, e Julieta não pode comer coisa pesada. Fiquei assim no meu coração.

Mas nem com isso. Eu disse: “não, eu não vou desistir”.

Então, eu comecei a emprestar dinheiro em casa do meu patrão. Eu queria um milhão. Eu disse tem um sítio que se vende, querem 350. Então eu fiz câmbio já. Se eu emprestar um milhão, então vou tirar esse 350, ainda ficam no bolso, vou comprar o terreno. Um senhor é que me arranjou aquele sítio. Havia um *madjojone* que estava a vender chapa, 7 chapas. Aquele tempo de dizer que chapa era 30 contos, também era dinheiro. Então comprei aquela chapa 200 mil meticais, gastei a 500, ainda ficou alguma coisa de 400 no bolso. Agora, falta o que? Falta comprar caniço, pau. Chapa, tem 6 chapas, agora falta essas coisas. Vou comprar aquele caniço e tudo. Eu disse àquele senhor: “vamos lá me mostrar onde que compra esses caniços, pau, não pau, porque eu tenho que comprar dentro dessa semana, eu tenho que sair naquela casa, porque a minha cunhada fala muito”.

Eu deixava a minha filha com ela, ela não trata conforme. Deixa ela com sujo, não dá sopa, não dá nada. Eu volto, apanho ela suja: “mamã, eu não comi nada, nem tomei remédio, nem tomei chá”.

Eu disse: “eu já não aguento, vale mais eu ficar com a minha filha, eu sair deixar ela sozinha, eu vou fazer tudo por tudo, guardar ali em cima da cama, eu acordar ir ao serviço e deixar ela a comer aquilo. Do que deixar ela não toma remédio, não come nada, agora, vai morrer de fome”.

Então, isso é sofrer mais, é sofrer no meu coração.

Consegui ter a minha casa de caniço. Levei a uma amiga que fez o favor de carregar a minha filha, enquanto estava doente e não andava. Que me carregou mesmo da mão, meter no machimbombo. Consegui levar as coisas porque ela e o marido foram me deixar lá naquela casa que não tinha porta. Era só entrar e dormir. Ali na cama dormia eu, dormia a Julieta, dormia a Julinha, havia uma mamana que é família da Julieta que vinha morar comigo, porque eu pedi para ela viver ali por causa da Julieta e para cuidar a Julinha.

A gente viveu ali, naquele quarto, fora, quase é fora, porque se não fecha porta, a gente estava a dormir fora.

Durante todos esses nãoos que eu passei mal, consegui fazer alguma coisa. Agora já tenho uma casa boa, que apresenta minha vida a outros meus irmãos que estão a sofrer. Estava a pedir eles para não desistir, continuar para frente, que um dia qualquer vão conseguir. Eu lutei, agora tenho energia, tenho água, tenho minha família perto de mim.

Em frente das minhas famílias todas, parece que eu já sou alguém. Até já tenho bom nome, sou Júlia, sou vovó Júlia, porque já tenho alguma coisa, mas eu continuo a trabalhar até hoje. Por isso, a pessoa, ou uma mamana quando ver sofrimento por causa dos homens, eu estava a pedir ela não desistir, ela tem que lutar para frente. Mas há mamas quando vem o sofrimento não conseguem desistir aquele homem,

continua a ficar ali, levar porrada, fazer tudo de mal para ela: “Oh, é meu marido”.

Eu pensava que as mulheres deviam ganhar aquela coragem de que: “Eh, pá!, Deus é pai. Às vezes podia lutar, porque as que lutam tem coração, é do espírito, desistir tudo. Não sei se você bebe, não sei se você tem muitos homens, desista e vá na escola de vida, ir estudar. É o que deve fazer agora, igual a minha vida”.

A casa que eu tenho, as pessoas não podem acreditar que é minha casa, a forma que eu vim de lá a sofrer, onde que eu estou, não, a pessoa não acredita que eu sofri. Pode achar que eu apanhei fácil. Ou outra pessoa pode pensar: “Ah, é porque ela ganha bem”.

Porque muita das vezes as pessoas pensam que fazer uma coisa boa, é ganhar bem. Não, não é ganhar bem. É pensar o pouco que eu tenho, o que eu devo fazer, posso comprar uma panela que serve para sua casa, ou compro uma manta, serve para sua casa. Pode ganhar bem, mas se não saber organizar a sua vida, vai morrer a sofrer.

Depois de Elídio eu tive um namorado, outro, este namorado era *Madjojone* que trabalhava na África do sul; mas como já tinha aquele coração duro de ciúme dos homens que andaram-me a chatear, quando ele começou a me chatear também eu vi: “hum, aqui parece vai cheirar mal”. Eu não fiquei com vergonha de dizer que: “senhor, se ver que não dá, vamos acabar o nosso namoro, vai onde você veio, você conhece a porta que entrou, eu não quero problema com você. Eu quero o meu problema, não quero problema com ninguém”. E ele saiu.

Não vou dizer que quando saiu aquele *madjojone* eu fiquei bem, só agora é que já estou ficar. Amei aquele, amei aquele, aquele, porque às vezes é necessário. Pode dizer não vou fazer, não vou fazer, chega uma altura que às vezes você falha, enquanto já está a fazer aquela coisa que

você jurou que não vou arranjar outro homem. Então, esse *madjojone* desapareceu para sempre.

Por isso, agora, se eu apanho amante, agora que tem o Sida vai ser diferente. Se eu disser: “Eh, pá, na rádio todo mundo fala de Sida, usa camisinha”.

Diz: “heeeee...”

“Oh! Se é isso, companheiro, vamos deixar, eu não fico doente com isso, já estou habituada. Vamos deixar porque eu não quero morrer de Sida, eu pensar que é você que me deu; vale mais eu apanhar Sida no hospital, porque vou dar culpa aos enfermeiros, não dar culpa você. Porque se você confia que não consegue ficar, está comigo, está com sua mulher, está com outra amante. Eh, pá, eu não confio em ninguém”.

Até agora estou a ficar. Estou a ficar sozinha com os meus netinhos. Porque os homens às vezes não aceitam utilizar aquele condom? Os homens às vezes não aceitam. O homem que eu apanho às vezes não aceita. Então, eu decidi no meu coração que quero descansar, pelo menos três anos.

Eu isso penso, mas ao mesmo tempo não penso, porque aquela casa vem com nome dos meus netos e em meu nome, o terreno não é meu sozinho é com minha família, aquela que mora comigo, são aqueles que estão ali naquele documento, se eu morro, a casa fica com os meus netos, as minhas famílias, se eu não quiser vender. Se eu morro, não vou vender porque estou morta. Mas se ainda estou viva, posso pensar em sair para minha terra e vou vender a casa, se alguém não precisa viver ali, um dos meus netinhos. Se um deles dizer vovó não vende porque eu vou viver aqui, eu não vou vender.

Eu já não estou a dormir, pode-me ver aqui a baixar a cabeça, eu não estou a dormir nada. Esse sofrimento de dois homens, já é suficiente para mim. Ninguém entra aqui com a ideia de que a casa é dele ou o terreno é dele ou a cama é dele, ali entra por meu interesse de que é meu marido naquele momento. Se acaba aquilo de é marido e mulher, cada qual arruma trouxa dele e vai. Se ele me chateia, eu não sinto vergonha de mandar embora homem, porque aquilo que faz para as mulheres é aquilo que eu também faz para ele. Para sentir que dói ou não dói, então, eu também ao mesmo tempo faço.

Se ele entra a dizer: “Ah, eu quero comprar colher, ah, eu quero comprar...”

Eu digo: “senhor, você não entrou aqui para comprar coisas, se você tem dinheiro compra para tua casa, eu não quero problema com você, porque essa casa é minha, esse terreno é meu. Você não veio aqui gastar para amanhã me dar de fazer”.

Não quero que alguém me dê de fazer, se você quer, dorme, compra comida, porque comida vai comer e depois vai à casa de banho, acaba na casa de banho, a comida. Mas loiça, manta, esteira, não quero confusão amanhã. Os homens são iguais, homens, é mesma coisa que dizem “a mulher não presta”, também “o homem não presta”.

Primeiro somos mulheres porque ainda há entendimento, mas se falhar entendimento, o barulho vai começar: “Ah, eu comprei aqui na tua casa, ah, eu não sei o quê”.

Eu digo: “Não, você o teu trabalho é dormir comigo, pronto. Acordar, deixar dinheiro a gente comprar comida para comer, comprar roupa para você e para mim, a minha família não compra roupa para eles, eu vou comprar eu sozinha, você compra para mim que sou tua mulher,

esses não são tuas mulheres, são teus netos porque você está aqui comigo, por isso eu não quero problema”.

Sabe? Homem é muito esperto, os homens. Por isso se você: “hii, hii, é porque é meu marido”, é ali que ele aproveita. Até agora eu posso dizer já tenho 3 anos, eu não tenho amante, nem tenho ninguém, eu estou a viver porque eu tenho que viver. Eu admiro quando uma mulher diz, se não anda com homem tem problemas. Eu estou aqui há 3 anos não tenho amante, se ir-me examinar me apanhar com Sida, é porque eu talvez me picaram no hospital sem descobrir que estão a me dar Sida. Mas não porque esses 3 anos eu dormi com homem, ainda não dormi com homem, porque já não quero mais, os homens me fizeram eu sofrer, por isso eu tenho rancor com homem, não gosto de homem.

O meu futuro só penso os meus netos crescerem, estudarem bem, então quando eu fico velhinha, eles vão-me tomar conta. A minha ideia sempre está aí, nessa parte dos meus netinhos e a minha filha só e a minha família. Homem? Não, já esqueci de homem. Se apanho amante, tá bem, é amante naquele momento, não sei é dois dias, não sei é um dia, prontos, há-de ser amante esse um dia. Mas não ser na minha casa, não, não quero homem até eu morrer, não vou querer mais viver com homem, eu não.

Hoje estou contente. O que me deixa contente é porque eu já tenho casa. Eu já sei quando amanhece o que é que eu devo fazer. Nem agora no meu coração eu digo assim: se acaba o trabalho eu penso em ir na minha terra.

Julieta diz: “vai na terra fazer o quê, se você vai ficar velha?”

Eu disse: “eu vou na terra porque não quero ficar aqui na cidade a vender amendoim na estrada, naquela peneira, vender por quinhentos.

Não quero vender amendoim. Porque vou ficar sem emprego, mas vou ficar com os meus braços”.

Na minha terra vou construir casa. Tenho terreno, tem terra do meu pai. Aquele terreno que cortou para mim, é aquele que eu vou ocupar. O meu pai não tinha aquela confusão de que essa é mulher esse é homem. Não. Cada qual tem terreno dele. Se ver que no lar fica assim, há-de vir fazer uma casita e ficar, e fazer machamba para viver ali.